

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Raul Brandão

HÚMUS

Maria João Reynaud
INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

*Silêncio. Ponho o ouvido à escuta
e ouço sempre o trabalho persistente
do caruncho que rói há séculos
na madeira e nas almas.*

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

HÚMUS

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Raul Brandão

HÚMUS

Maria João Reynaud
INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.impresanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Publicado em dezembro de 2021

Depósito legal
335 139/11
ISBN

978-972-27-1993-3
Edição n.º
1018336

Nota prévia

Carlos Reis

Edita-se agora, na Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa, *Húmus*, de Raul Brandão. Publicado pela primeira vez há pouco mais de um século (mais precisamente em 1917), este singular texto ocupa um lugar de exceção na nossa literatura, de tal modo que, ainda há não muito tempo, um painel de ensaístas e críticos literários designado por uma revista cultural integrou *Húmus* no seletor conjunto dos 12 melhores livros portugueses dos últimos 100 anos. Valendo o que valem estas classificações, ela não deixa de sublinhar o que há muito é reconhecido: *Húmus* representou, no seu tempo e depois dele, um caso notável de inovação formal, numa época já de si muito marcada por uma forte dinâmica de modernidade, na aceção mais estrita e exigente do termo. O que pode ser amplamente confirmado pela leitura da circunstanciada introdução que a seguir se encontra, da autoria de Maria João Reynaud.

Entre outros aspetos contemplados no referido estudo introdutório, cumpre destacar aquele que, desde uma primeira abordagem, parece evidente: em *Húmus*, não encontramos um relato modelado pelos padrões romanescos a que o século XIX nos habituou. Entre nós, esses padrões provêm de Eça de Queirós — certamente o mais dotado e marcante romancista

da nossa história literária —, mas também de Camilo Castelo Branco e de Júlio Dinis, descontadas as especificidades de estilo e de arquitetura narrativa próprias de cada um dos escritores mencionados. Por outras palavras: elementos compositivos tão relevantes como as personagens, os espaços em que elas se movem, o tempo que vivem ou as ações que protagonizam encontram-se como que desestruturados e até diluídos em *Húmus*. Daí decorre a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de se vincular o texto de Brandão a um paradigma de género estável; em vez disso, lemos nele uma oscilação constante que vai do romance ao registo memorial, da crónica ao ensaio, sem esquecer os afloramentos líricos que sobressaem também na prosa de *Húmus*.

Procurando caracterizar a «família» literária a que pertence este «escritor da condição humana e inquiridor do sentido do Universo e da História», Maria João Reynaud nota que «o caminho de contestação e de revolta aberto pelos decadentistas e simbolistas franceses, sob cuja influência se desenham os movimentos de rutura do nosso fim do século», foi justamente seguido por Brandão em *Húmus*; ao mesmo tempo, conjuga-se aqui «uma mundividência agónica e paradoxal com aquela capacidade de reflexão prospetiva que traduz a cada passo a forte originalidade de um pensamento antiautoritário e invulgarmente criativo, marcado, desde os primeiros livros, pelo estigma da divergência».

Significa isto que *Húmus* não é um texto de leitura fácil ou corredia. É esse o tributo que pagamos às obras inovadoras, desafiando a nossa capacidade para, em diálogo ou até mesmo em corpo a corpo com elas, acompanharmos a ousadia da subversão, em brusca mutação de protocolos de escrita. Acresce a isto que Raul Brandão foi um escritor constantemente insatisfeito com o seu labor literário. Como está dito na introdução a este volume, em harmonia com o que acontecia em caso de reedições dos seus livros, Brandão escreveu e reescreveu *Húmus*, neste caso em três sucessivas versões e num lapso de tempo

relativamente breve. A edição crítica aparecida em 2000 (pela Campo das Letras), preparada, documentada e extensivamente anotada por Maria João Reynaud, é um contributo insubstituível para que possamos dispor de um texto com a fiabilidade desejada por edições subsequentes. Como é o caso desta.

A edição crítica que referi e aquela que agora se publicam, deste modo, peças importantes de uma fortuna editorial que conta com várias traduções, dando nota da projeção internacional conquistada por este título da bibliografia brandoniana. Registo aqui versões em espanhol (1923), em francês (1981), em italiano (s. d.), em catalão (2012) e em esloveno (2013).

Por aquilo que fica dito e pelo mais que a seguir se verá, faculta-se de novo, a um público que se deseja alargado, o acesso a uma das obras maiores da nossa literatura. Com a vantagem, conforme ficou também sugerido, de ser a presente edição subscrita por uma muito competente estudiosa de Raul Brandão e profunda conhecedora de *Húmus*.

Introdução

Maria João Reynaud

A vida está tão feita adiante de nós como atrás de nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega.

RAUL BRANDÃO, *Húmus*

Contextualização

Húmus (1917), a obra-prima de Raul Brandão, assumiu um papel crucial na história da ficção portuguesa da segunda metade do século xx. É um livro que veio pôr em causa, de modo irreversível, a estrutura do romance tradicional, antecipando as experiências mais radicais efetuadas no âmbito da narrativa contemporânea, inclusive as mais recentes. E que, por se projetar muito para além do horizonte estético do seu tempo, nem sempre beneficiou de uma receção crítica que estivesse à altura de o julgar, apesar da sua assinalável repercussão num meio literário restrito. Publicado há mais de um século, o *Húmus* tornou-se uma obra clássica, pela força imaginativa do seu autor e pela permanente atualidade temática.

Contemporâneo de grandes escritores estrangeiros — como Unamuno (1864), Valle-Inclán (1866), Romain Rolland (1866) ou Luigi Pirandello (1867) —, Raul Brandão rompeu com as conceções literárias vigentes no seu tempo, em nome da liberdade reclamada pela vocação indagadora de uma arte singularmente atenta à crise de valores que então se vive e à injustiça social. Liberdade essa que cria os seus próprios códigos para lidar com a realidade perturbadora de um mundo em conflito, cujos

alicerces vacilam. Considerado em sentido lato um escritor de desinência pós-naturalista, ou, na perspetiva comparatista de Álvaro Manuel Machado, o «exemplo paradigmático do escritor de transição»¹, Raul Brandão legou-nos uma obra excecional, inquietante e profundamente crítica, repartida por diversos géneros, por vezes indelimitáveis (romance, memórias, crónica de viagem, ensaio histórico, teatro...). Escritor da condição humana e inquiridor do sentido do Universo e da História, a sua intuição estética leva-o a seguir o caminho de contestação e de revolta aberto pelos decadentistas e simbolistas franceses, sob cuja influência se desenham os movimentos de rotura do nosso fim do século; e a conjugar uma mundividência agónica e paradoxal com aquela capacidade de reflexão prospetiva que traduz a cada passo a forte originalidade de um pensamento antiautoritário e invulgarmente criativo, marcado, desde os primeiros livros, pelo estigma da divergência.

Até à década de 60, prevaleceu a ideia de que a obra ficcional de Raul Brandão seria mais o resultado de uma invulgar intuição artística do que de um processo intelectual em que o labor aturado se associa à disciplina criadora. No que toca ao *Húmus*, é a dificuldade em situar a obra num género literário definido que suscita a mais explícita reserva da crítica, o que a leva a considerar o seu autor mais como poeta do que como prosador. Para José Régio, é «um Poeta virginal [que] se nos abandona», pelo que «os defeitos e virtudes de uma obra genial como *Húmus* são tão interdependentes que, por assim dizer, se implicam na personalidade original e profunda do artista». E se «em razão da sua indisciplina estética» nela «se acumulam todos os excessos, repetições, faltas de gosto», também aí «serenamente resplandecem páginas, fragmentos e frases do mais legítimo oiro da prosa portuguesa»². Em

1 Álvaro Manuel Machado, *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo (Uma introdução geral ao conjunto da obra. As complexidades da transição estético-cultural)*, 2.ª ed., revista e aumentada, Lisboa, Editorial Presença, 1999, p. 13.

2 José Régio, «Atenção para a nossa literatura (pequenos ensaios de crítica compreensiva) – Raul Brandão e o *Húmus*», *Ler*, ano 1, n.º 8, novembro de 1952.

seu entender, o escritor atinge o melhor de si mesmo, além do *Húmus*, na *História dum Palhaço*, na novela *A Farsa* e na peça teatral *O Doido e a Morte*: «Raul Brandão é um visionário do grotesco, possui um modo próprio de exprimir e sentir, é um psicólogo fragmentário, mas audaz e lúcido...»³

João Gaspar Simões defende, por seu turno, num ensaio intitulado «Raul Brandão, Poeta», datado de 1931 e publicado n' *O Mistério da Poesia*, que «Raul Brandão é dos escritores portugueses que, em Portugal, nos fazem mais diretamente refletir nas fronteiras da prosa e da poesia»⁴. A afirmação não perdeu atualidade, uma vez que essa marca diferenciadora continua a alimentar o interesse atual pela sua obra.

Transpondo as fronteiras dos géneros, desvalorizando os elementos convencionais da narrativa, apropriando-se de uma palavra reflexiva com espessura ensaística, a escrita ficcional de Brandão procura captar na língua viva a energia que lhe permite expressar as duras contradições do mundo. Talvez por isso a força do romance acabe por vencer a resistência a uma leitura convencional, caucionada ou não por padrões de moda.

David Mourão-Ferreira faz a sua (re)leitura do *Húmus*⁵ pelo lado do romance, aproximando-o do *nouveau roman* e convocando uma conhecida passagem de *L'Ère du soupçon* (1956), de Nathalie Sarraute, que lhe permite destacar aqueles aspetos que têm uma evidente analogia com algumas características desta corrente: «o sistemático desmantelamento da intriga tradicional; a substituição de um 'espaço' realisticamente definido por um 'espaço' indiferenciado, ou neutro, ou ambigualmente simbólico; a liquidação das personagens, quer em benefício de um narrador omnipresente, quer em proveito de uma matéria cada vez mais amorfa, ou mais caótica, ou mais abstracta». Por tudo isto,

3 *Idem, ibidem.*

4 João Gaspar Simões, *O Mistério da Poesia – Ensaios de Interpretação da Génese Poética* (1.ª ed.: 1931, Coimbra, Imprensa da Universidade), 2.ª ed., Porto, Editorial Inova, 1971, p. 97.

5 David Mourão-Ferreira, «Releitura do *Húmus*» (1967), in *Tópicos Recuperados*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 181-189.

«o *Húmus* bem pode ser considerado um precursor do ‘novo romance’ ou mesmo um ‘novo romance’ *avant la lettre*», além de ser «uma obra-prima em qualquer literatura»⁶.

Vergílio Ferreira, por seu lado, reflete sobre o *Húmus* à luz do triunfo recente do romance existencialista e da forte influência de Dostoiévski sobre Raul Brandão, a qual lhe bastou «para que ele fosse entre nós o primeiro ficcionista de ‘ideias’, nos desse o primeiro esboço do que vulgarmente se vai chamar ‘romance-ensaio’, ou [...] ‘romance-problema’»⁷. Não deixa, porém, de sublinhar aquilo que nos parece fundamental: é que a meditação metafísica atravessa toda a sua obra, desde *História dum Palhaço*, passando por um dos livros mais apaixonantes da nossa literatura, *Os Pobres*, até ao romance póstumo *O Pobre de Pedir*.

Num livro intitulado *Le problème de l’homme*⁸, Martin Buber faz o estudo antropológico da cultura ocidental à luz da distinção que estabelece entre épocas de segurança e de insegurança cósmica. A crise dos sistemas, das ideologias (aquilo que J. F. Lyotard designa por «crise das grandes narrativas»), tem levado o homem, em momentos diferentes, a voltar-se para si mesmo e a interrogar-se como sujeito na sua relação com o mundo. A época de Brandão é marcada pela falência do positivismo e do mito do progresso, pelo descrédito da religião, pela desagregação daqueles valores éticos e espirituais que salvaguardam a dignidade do ser humano, por graves convulsões políticas e crises económicas que determinam a rotura do tecido social, criando situações de clamorosa miséria e injustiça. Num mundo que perde as suas referências fundamentais, depressa eclode o arbitrário, e, com ele, a má liberdade do «tudo é permitido», o despotismo ilimitado. É neste magma de contradições que enraíza a reflexão brandoniana, aprofundando-se no incessante questionamento que percorre todos os seus livros e atinge o ponto culminante

6 *Idem, ibidem*, p. 184.

7 Vergílio Ferreira, *Espaço do Invisível 2*, «No limiar de um mundo, Raul Brandão», 1991, pp. 195-196.

8 Martin Buber, *Le problème de l’homme*, Paris, Ed. Aubier/Montaigne, 1962.

no *Húmús*. Se a arte de Raul Brandão surge muitas vezes na fronteira da vida com a literatura, é porque ele concebeu a função do escritor em termos autenticamente modernos, isto é, em íntima conexão com uma atitude intelectual que a cada momento reivindica o livre exercício do espírito contra todas as formas de degradação dos valores humanos e contra todos os dogmas. Sem deixar de refletir criticamente sobre o seu tempo, Raul Brandão empreende uma extensa, profunda e dilacerada meditação sobre o homem em face da finitude. Num terreno tão adverso à especulação metafísica, uma tal meditação não teve, porém, condições para frutificar, apesar de se desenvolver no âmbito de uma experiência estética investida pelo *pathos* de uma subjetividade interpelante. Mas contribuiu, sem dúvida, para reforçar o estatuto ambíguo da obra, embora tal ambiguidade tenha sido frequentemente interpretada como o reflexo de uma *deficiência* estrutural e não como um inequívoco sinal de modernidade.

Três edições, três versões⁹

Húmús ocupa um lugar central na ficção brandoniana. Publicado em 1917 pela Renascença Portuguesa¹⁰, o livro foi posteriormente submetido a um extenso trabalho de refundição, de que resultaram mais duas versões. A segunda, muito refundida, corresponde à 2.ª edição, que sai em 1921 (Renascença Portuguesa-Anuário do Brasil)¹¹. A terceira versão, com alterações significativas, corresponde à edição das Livrarias Aillaud & Bertrand, que sai do prelo sem data (1926). É a «edição de última mão», que consagra a derradeira vontade do autor, devendo ser por isso considerada a edição *ne varietur*¹².

9 Raul Brandão, *Húmús*, Edição Crítica de Maria João Reynaud, 3 vols., Obras Clássicas da Literatura Portuguesa/Séc. XX, Porto, Campo das Letras, 2000, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Inclui, fac-similadas, a 1.ª edição (1917) e a 2.ª edição (1921).

10 Raul Brandão, *Húmús*, edição da Renascença Portuguesa, Porto, 1917.

11 Raul Brandão, *Húmús*, edição da Renascença Portuguesa, Porto; Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1921.

12 Raul Brandão, *Húmús*, Livrarias Aillaud & Bertrand, Paris-Lisboa, s. d. (2.ª, 3.ª e 4.ª eds.).

Todos os livros de Raul Brandão — excluindo *O Pobre de Pedir*, publicado postumamente — foram objeto de intervenções mais ou menos profundas. Porém, no que toca ao *Húmus*, o livro conheceu três versões em menos de 10 anos, facto que parece contrariar a imagem do escritor dionisiaco, que cria numa «espécie de excitação mediúnica» (palavras de Aquilino Ribeiro¹³), sem uma gramática disciplinadora, e cuja escrita, ora incisiva ora prolixa, continua a enfrentar as exigências dos puristas e a exasperar o leitor apressado ou desatento.

No caso de *Húmus*, impõem-se logo diferenças flagrantes, que vêm alterar a perceção da obra. A primeira versão, que corresponde à edição *princeps*, fecha com uma referência ao lugar e ao ano de conclusão do livro: «Foz do Douro — 1916». Neste mesmo ano, é constituído o Corpo Expedicionário Português que chegará à Flandres a 8 de fevereiro de 1917. É, pois, no contexto politicamente instável da República Portuguesa, proclamada em 1910, e no cenário convulso, embora distante, de uma Europa que enfrenta a Primeira Guerra Mundial, que decorre a escrita do *Húmus*. Nas edições ulteriores, a supressão da data que liga a primeira versão ao lugar onde Raul Brandão nasceu e passou a infância, e ao qual frequentemente regressa, além de impedir a identificação imediata entre o autor e o *narrador*, veio reforçar a dimensão simbólica do romance, cujo final se torna *aberto* e inconclusivo. Mas há diferenças, mais radicais, como capítulos que se fracionam, mudam de nome ou desaparecem nas versões seguintes¹⁴.

Mário Cesariny de Vasconcelos, que assina um dos textos de apresentação do Catálogo da Exposição Comemorativa do «Cinquentenário da Morte de Raul Brandão», organizada pela Biblioteca Nacional em 1980, sublinha o seu papel de

13 Aquilino Ribeiro, «Perfil Breve de Raul Brandão», in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais*, Lisboa, Bertrand, 1949, pp. 243-270.

14 Cf. Raul Brandão, *Húmus*, 2000, fac-símile da edição da Renascença Portuguesa, 1917, pp. 259 e 311.

precursor no «abater de fronteiras, formais e outras, com que passa hoje o que [tem] por melhor na literatura contemporânea». Mas lamenta que o escritor tenha decidido retirar ao *Húmús* os seus últimos capítulos: «Brandão corta da força primeira os capítulos finais da obra, terríveis e também únicos como letra profética do que depois viria aos imperativos da revolução social: a clausura para as massas, o poder militar, o terrorismo institucional nas suas duas formas de Europa, o massacre em nome da revolução e em vez dela.»¹⁵

É contudo inegável que a supressão definitiva do capítulo «A vida! a vida! a vida», marcado pela sátira feroz, ou do capítulo «Vêm aí os Desgraçados»¹⁶, retrato violento de uma insurreição universal com que encerra a edição de 1917, tem como imediata consequência a intensificação do poder alegórico da narrativa, que se alarga para um espaço cósmico de angustiante assombro.

Esta submissão periódica da obra a um processo de reescrita que a transforma sem a alterar na sua essência, e de que encontramos ecos na correspondência trocada com o poeta e amigo Teixeira de Pascoaes, é um dos seus aspetos mais perturbantes¹⁷. Há uma tensão dialética entre um princípio que se mantém estável e uma compulsão para a mudança que parece corresponder a uma inquietação fundamental relacionada com a experiência íntima da criação e a dinâmica da escrita. *Húmús* aspira a ser o espelho da mobilidade espiritual que é indissociável de um sistema de pensamento que recusa a identificação hegeliana da verdade com a totalidade, para apenas reivindicar uma verdade fragmentária, regida pelo princípio do *inacabamento*. Se reescrever é reformular, sempre que tal gesto ultrapasse uma recodificação pontual, no caso de *Húmús* tratar-se-ia de formular o informulável, de dizer o indizível, de

15 Mário Cesariny, «Raul Brandão e a Pintura», in *Cinquentenário da Morte de Raul Brandão, 1930-1980*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1980, p. 12.

16 Cf. Raul Brandão, *Húmús* (2000), pp. 259 e 311.

17 V. Maria João Reynaud, *Metamorfoses da Escrita – «Húmús» de Raul Brandão*, Porto, Campo das Letras, 2000.

inscrever o não dito — o interdito. O texto organiza-se progressivamente, de versão para versão, como uma orquestração de vozes e silêncio em infinita expansão.

Na mundividência brandoniana, a realidade espiritual do homem funda-se na dimensão imanente da relação do *eu* ao *tu*, para só depois se alargar, através de um movimento progressivo de expansão, para a esfera da transcendência. A construção da intersubjetividade no discurso passa, pois, por uma posição enunciativa em que o «tu», em vez de ser aniquilado, devém uma segunda voz atuante, que transforma a consciência no palco de um incessante debate, que se torna extensivo a outras vozes (num insólito processo de reduplicação reflexiva). Este dialogismo, que se adensa de versão para versão por uma exigência interna do Autor, intenta comunicar a essência de um pensamento infixável dentro dos limites de uma realidade textual regulada por convenções genéricas estritas. De facto, ele só é apreensível na orquestração dissonante das vozes que se desdobram e interseccionam no espaço textual, parecendo excedê-lo na insistência desconcertante do seu clamor. O fragmentarismo narrativo, que se observa no interior dos capítulos, é o signo da dinâmica de um pensamento aporético, que só pode ser plenamente compreendido no âmbito da(s) filosofia(s) da alteridade (Bakhtine; Martin Buber; Levinas).

O pensamento aporético de Raul Brandão, assumido com radical frontalidade no âmbito da ficção, não entusiasma a maior parte dos seus contemporâneos, embora anuncie uma nova era, que não será apenas a do romance existencialista ou a do *nouveau roman*, mas a da narrativa portuguesa pós-moderna. Como justamente observa Álvaro Manual Machado, num artigo enquadrado no centenário de *Húmus*, «mesmo negando qualquer admiração ou afinidade com as vanguardas modernistas do seu tempo, Raul Brandão, sobretudo em *Húmus*, inventa, por assim dizer, uma nova arte de narrar e de estruturar o romance, numa espantosa (e *espanto* é uma palavra bem brandoniana)

oscilação entre o antigo e o novo. Uma oscilação que implica, antes de mais, uma originalíssima poética do fragmentário»¹⁸.

Raul Brandão inscreve-se na modernidade herdeira de uma poética romântico-simbolista cujo sentido profundo e prospetivo é sintetizado por F. Schlegel no fragmento 116 de *Athenaeum*: «o género poético [*Dichtart*] romântico está ainda em devir; e é da sua própria essência apenas poder eternamente devir e nunca realizar-se»¹⁹. Através da intuição poética, recebe o impulso que lhe permite criar uma forma de expressão desconhecida e fundante, mais apta a operar a fusão alquímica dos géneros e a penetrar nos arcabouços da alma humana. Em *Húmus*, o princípio do *inacabamento* e a fragmentação são próprios de um pensamento que se expande e dilata indefinidamente.

Uma obra intemporal

*Húmus*²⁰ abre com uma frase-fragmento em que o som espectral da morte, ouvido pelo narrador, surge do silêncio que a anuncia, numa vila granítica e tumular, dando origem a uma reflexão de cariz metafísico sobre o sentido da vida: «Ouço sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...» («A vila»)

O livro apresenta-se sob a forma de um diário fragmentário e elíptico que ocupa os 20 capítulos titulados do livro. Um narrador anónimo vai registando o quotidiano de uma *vila* sem nome, onde a desaceleração do tempo instaura um inquietante vazio: «— Não se passa nada, não se passa nada» («A vila»). O universo representado não tem limites espaciotemporais definidos. A linha cronológica progressiva do diário dissolve-se,

18 Álvaro Manuel Machado, «Relendo *Húmus*: os paradoxos (comparatistas) da Modernidade», in AA. VV., *Raul Brandão – 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 192-193.

19 Ph. Lacoue-Labarthe/J.-L. Nancy, *L'Absolu littéraire*, Paris, Éd. Seuil, 1978, p. 112.

20 Raul Brandão, *Húmus*, ed. Maria João Reynaud, *Obras Completas*, vol. X, *Obras Clássicas da Literatura Portuguesa Séc. XX*, Lisboa, Relógio D'Água, 2015, «Introdução – *Húmus* de Raul Brandão: uma obra em devir», pp. 7-33.

assim, numa temporalidade meramente simbólica. A situação narrativa é paradoxal, uma vez que o *eu* da escrita diarística se apaga em favor de um narrador onisciente e omnipresente, que vai descrevendo o quotidiano absurdo dessa vila espectral, habitada por criaturas com nomes burlescos (D. Procópia, D. Biblioteca, Elias e Melias de Melo, D. Restituta, D. Bisbórria, D. Penarícia, etc.). A vida destes seres está subjugada por rotinas obsessivas, entre as quais o jogo de cartas, para esquecer a morte: «O jogo banal é a bisca — o jogo é o da morte...» (*ibidem*). Aparentemente, o narrador é um habitante como os outros, embora reclame para si a prerrogativa de penetrar na vida secreta dos habitantes da vila, de com eles dialogar e de ser o seu porta-voz. É com os fios das suas histórias embrionárias que a narrativa de *Húmus* se vai urdindo, sem que chegue a existir uma intriga, no sentido clássico do termo.

Mas o narrador tem um *alter ego*, o «filósofo» Gabiru, que se vai impor como contraponto dialógico da sua voz. Ou, melhor, como a voz da sua consciência desdobrada, onde se repercutem as vozes rebarbativas das personagens que atravessam a narrativa. É «um homem absurdo», o alquimista do sonho, que quer ressuscitar os mortos («O sonho»). O comentário do narrador acerca desta figura é ainda mais eloquente: «É uma parte do meu ser qua abomino, é a única parte do meu ser que me interessa. [...] Fala quando menos o espero. [...] ouço-o monologar no fundo de mim próprio. [...] É o doido que em nós prega e nos deixa aturdidos» («O sonho»). Convocando a figura do «duplo», expressão literária da dualidade do ser humano (lembremos o *Fausto* de Goethe, a *Aurélia* de Nerval ou *Le Horla* de Guy de Maupassant), o Gabiru é um filósofo tresloucado e «um sonhador ridículo», que deixou a mulher morrer de solidão. Graças às suas porfiadas experiências, acaba por suprimir a morte. E o que todos percebem, estupefactos e incrédulos, é que, não havendo morte, o inferno, o céu e Deus já não são necessários. Numa vila caótica, onde todos podem dar livre curso aos seus instintos e entregar-se às paixões reprimidas,

os mortos saem das sepulturas para reclamar o seu quinhão de gozo e eternidade: «Toda a gente dá a mesma ferocidade, ódio e instinto. Espremidos deitam as mesmas paixões» («A vila e o sonho»). O desaparecimento da morte vem pôr em causa as relações que os habitantes desta vila burguesa mantêm entre si, dentro de uma ordem social e moral alicerçada no hábito e em férreas convenções que são uma herança irrecusável de várias gerações de mortos. No *Húmus*, o regresso dos mortos — desenterrados pela força onírica do Gabiru — simboliza um passado que teima em não morrer.

O desabar da vida convencional, erguida a muito custo sobre o recalçamento da vida instintiva, obriga cada um a olhar para dentro de si mesmo. É aqui que entronca o tema da duplicidade humana, central na narrativa, visto que todos se recusam a tirar a máscara por trás da qual se escondem: «Não há máscara que não custe a arrancar — há mentiras que têm raízes mais fundas que a verdade» («A vila e o sonho»). O pendor abstrato do romance desloca o tema da máscara, presente em livros anteriores, para o campo da meditação ontológica e da revelação da trágica identidade entre o *ser* e o *parecer*. Diz o narrador: «E quando tiro a máscara? Mas eu já não posso tirar a máscara, mesmo quando me fecho a sete chaves: a mentira entranhou-se-me na carne» («A vila e o sonho»).

A eternidade não suspende o efeito degradador do tempo sobre as velhas, enquistadas em manias e afundadas nos sentimentos que revelam o lado negro das suas almas:

Que riso que nunca vi (é a cova que se ri)! que boca que nunca vi e que me cheira a defunto! Um passo ainda, outro passo, velhas lambisgoias, D. Insolência e D. Ninharia. Chegou a primavera. Vamos entrar noutra vida sem Deus e sem regras, noutra mistifório que o instinto nos impõe, ó D. Teles das Reles de Meireles, e talvez seja essa tranqüibérnia suprema por que suspiramos sempre. Vamos ver que proporções atinge a langonha e a D. Hermínia,

o fel e a D. Penarícia. Acabaram os escrúpulos e a luta constante que nos deixava esfarrapados. Tenho-vos aqui na minha frente com as bocas murchas de tanto mentir, a suar grotesco e a gritar de desespero; tenho-vos aqui só bichos em frente da necessidade fatal, da verdade ineludível, nus uns ao lado dos outros, nus e reles, com o esplendor cada vez maior, cada vez mais sôfrego diante de nós. Estamos prontos. Estamos fartos. O que resta é o sonho de pé, só sonho e doirado, fétido e doirado, caótico e doirado. Está roto o contrato. [«Primavera eterna»]

O fim do contrato com a vida convencional, assente em leis, normas e dogmas que perderam todo o sentido, faz surgir o pânico e a bestialidade, que se mesclam no sonho monstruoso «que surgiu das profundas, caótico e doirado». Um sonho feito de todos os sonhos abortados e que entra em choque com o mundo conhecido, edificado sobre os princípios que regulam a moral cristã, a racionalidade moderna e a lógica das ações individuais e coletivas. Para descrever esse embate são precisas palavras «em carne viva», capazes de traduzir a violência de uma experiência onírica vivida nas margens da vigília e reportada por um discurso ao mesmo tempo lúcido e paroxístico, onde há uma dimensão especulativa aberta a múltiplas interpretações.

O mundo abjeto das velhas assenta sobre o dever da D. Leocádia; a aquiescência da D. Restituta; a prepotência da majestosa Teodora, a sordidez da D. Procópio, a arrogância da D. Hermengarda. São personagens desenhadas com meia dúzia de traços tipificadores e cuja voz se projeta na consciência ampliada do narrador. A exceção é Joana, a velha criada que «serve as outras velhas todas». É a única personagem de recorte realista, com alguma autonomia em relação ao narrador. É «a mulher da esfrega», fustigada pelo destino, mas resiliente e pródiga em ternura. É «a velha» que enfrenta os ladrões e aconchega no xaile o cadáver do neto recém-nascido. A compaixão que

a move é tão real como a dor que a consome dia a dia. A Joana presentifica o mundo dos pobres e a carência absoluta: «Não é uma — é uma série de figuras». A autenticidade e a fé genuína preservam-na do temor da morte:

A ternura de Joana modifica-lhe a fealdade, pega-se-lhe às mãos e aos trapos que a vestem. O que eu não dou é a expressão, o que eu não dou é a luz. Afundo-a, amolgo-a. E no entanto a figura impõe-se-me pela expressão máxima da dor. A Joana debruça-se sobre uma grandeza com que não posso arcar. Resiste, luta e atreve-se. Aumenta. E também só ela no mundo não se importa de morrer.

Talvez a morte seja para ela a vida. [«A árvore»]

No retrato social traçado em *Húmús*, os aspetos grotescos ganham uma particular ênfase, patente nos nomes e na descrição caricatural das personagens, na quantidade de epítetos injuriosos que o narrador lhes dirige, criando-se assim uma atmosfera carnavalesca²¹. Além dos adereços ridículos, todos têm o seu quinhão de hipocrisia, de inveja, de ressentimento — e também de dor. A falsidade da vida coletiva e individual resulta da sobreposição de camadas de mentira que se foram acumulando de geração em geração. Raul Brandão retira-as até atingir a nudez essencial, isto é, a verdade crua do que somos. O claro-escuro da prosa em que é mestre e a anamorfose generalizada reforçam a atmosfera de estranheza (a «inquietante estranheza» freudiana) provocada pela dissolução entre a realidade e a irrealidade. Em *Húmús*, a imaginação encontra-se com um discurso trabalhado a vários níveis (fónico, morfossintático, semântico, rítmico) por figuras de repetição que intensificam e ampliam os efeitos de sentido e a expressividade. Mais próximo de Camilo do que de Eça, há nele, segundo Vergílio Ferreira, uma propensão para «surpreender o grotesco onde quer que se anuncie»²². A ironia

21 Mikhail Bakhtine, *La poétique de Dostoïevski [Problèmes de poétique Dostoïevskovo]*, 1963], Paris, Éd. du Seuil, 1970, pp. 169 e ss.

22 Vergílio Ferreira, *ob. cit.*, p. 180.

de Eça e o cómico de Camilo não deixam, contudo, de ecoar na estética expressionista de Raul Brandão.

A oposição entre a *aparência* e a *essência* — ou, na perspectiva de Jung, a tensão dialética entre a *persona* e a *sombra* — é um dos temas maiores deste romance. E, em íntima articulação com ele, a oposição entre a realidade e o sonho. A figura do Gabiru permite ao narrador ter acesso ao «eu» mais profundo, podendo ao mesmo tempo realizar, no plano da ficção, o sonho de não morrer. O seu aparecimento, além de instaurar uma dimensão gnosiológica, determina uma organização textual que justifica, subsidiariamente, a fragmentação discursiva que é própria do diário. Cabe ao Gabiru o papel de criar uma dimensão onírica onde se afirma como voz alternativa, capaz de disputar ao narrador o seu poder demiúrgico e de expor o seu pensamento nos capítulos a que dá nome: «Papéis do Gabiru». Assumindo a fala recalcada do narrador, o Gabiru dá-nos o reverso do seu modo de ver e sentir a «realidade» ao contrapor-se-lhe dialogicamente («O Sonho»). Por ação do seu «sonho», «a vila» vai transformar-se numa «outra vila» — e numa outra *vida*. O processo de mutação que ocorre no espaço «vila» está radicalmente ligado à ação transfiguradora do Gabiru, sendo este acontecimento fulcral que assegura um grau mínimo de narratividade ao *Húmus*. Agindo sempre no plano onírico, acaba por ser ele a desempenhar o papel de ator principal.

Além do seu simbolismo, o ato demiúrgico do Gabiru adquire um sentido paródico e subversivo, na medida em que põe em causa o princípio hierárquico que funda a ordem da vila/vida, representativo de uma vontade divina inquestionável. O sonho que a ficção realiza vem anulá-la, fazendo submergir a individualidade dos seres numa amálgama vital sem sentido aparente, mas onde pulsa a alma do universo. Entre o narrador e o Gabiru cria-se uma relação de simetria reflexiva, uma vez que cada um deles aparece como a imagem invertida do outro, em resultado do desdobramento da sua consciência.

Com esta estratégia, Raul Brandão põe em causa a conceção do romance realista e naturalista, que pressupõe a unidade do narrador e a sua identificação com o «sujeito de consciência». A visão estética de Raul Brandão reflete o mal-estar geral perante um mundo em crise, afetado por uma tripla rotura — cósmica, sociológica e religiosa. Torna-se assim patente a recusa de um mundo onde os valores humanos se degradam e os ideais se desagregam, sem que se vislumbre uma alternativa de sinal positivo. Recusa esta que justifica uma rotura estética sem precedentes, concretizada na rejeição do romance tradicional e do sistema de regras familiares em que assenta a sua estrutura. A vila de *Húmus* é concebida pelo autor como um microcosmos *dialogizado* que se oferece a um *questionamento* ontológico. Para isso, conta com a cumplicidade de um leitor capaz de perceber desde o início que a narração é um puro *faz-de-conta* dirigido à sua imaginação cooperante: «A vila é um simulacro. Melhor: a *vida* é um simulacro» (cf. «A vila»). A paronomásia válida, desde as primeiras páginas, a leitura alegórica que a obra suscita.

A conceção dialógica que Raul Brandão transpõe para o romance, posteriormente teorizada por Mikhaïl Bakhtine, toma como valor exponencial a categoria da *relação*, fazendo do texto um espaço de abertura ao Outro e da enunciação literária um modo interativo de comunicação. Para que o processo resulte, é necessário que o discurso narrativo se desdobre e multiplique reflexivamente, potenciando um sentido aberto e multidimensional. A cisão do narrador é o primeiro passo deste processo, visto que o Gabiru, o seu duplo, faz eclodir no texto as antinomias irresolúveis que o atravessam e que o transformam no cenário de uma luta sem tréguas entre a essência e a aparência, entre a vida e a morte.

O narrador de *Húmus*, antecipando as experiências mais radicais da ficção portuguesa do século xx, enfrenta o problema da morte do princípio ao fim do livro — da morte de Deus que é também a do homem moldado à sua imagem. Como

diz o Gabiru, «o problema capital da vida é o problema da morte» («Papéis do Gabiru»). O papel do sonho como forma alternativa de conhecimento é aqui fundamental. O sonho diurno e o sonho noturno fundem-se por completo no presente hiperbólico onde eclode a «primavera eterna». O sonho é o instrumento ficcional que dá acesso ao conhecimento da alma humana e torna patente uma visão do mundo que aponta para as filosofias da existência, deslocando a ficção para o campo da reflexão metafísica. Entre o espanto que é a vida e a inexorabilidade da morte, instala-se um sentimento crescente de absurdo. O que confirma a convicção de Vergílio Ferreira de que «é em *Húmus* que o mistério se encara de frente para todas as consequências, que se decide uma problemática metafísica»²³. Na sua clarividente leitura, o problema da morte e o problema de Deus são indissociáveis neste livro: «Há a evidência dessa morte (a morte de Deus) e a evidência paralela de que toda a vida se desorganiza com essa morte, ou seja, de que essa morte é impossível.» É «entre estas duas evidências contraditórias [que] se desenvolve toda a angústia de Raul Brandão», a qual «expressivamente, humanamente, se decide no imenso grito que lhe atravessa toda a obra»²⁴.

No *Húmus*, Raul Brandão intenta articular «o sonho de não morrer» com o problema moral da existência de Deus: «Se Deus existe eu sou um homem, se Deus não existe, eu sou outro homem completamente diferente.» («Atrás do muro»). De facto, a sua inexistência retiraria o significado transcendente ao sacrifício individual, pondo em causa os próprios fundamentos da fé religiosa. À luz de uma eternidade vazia, torna-se evidente que o sentido da vida está nas mãos dos mortos, ou de um Deus morto. O processo de autognose empreendido em muitas páginas da obra desemboca numa experiência de alteridade investida pela força onírica que faz explodir a fronteira entre o consciente e o inconsciente. A renúncia forçada do narrador

23 Vergílio Ferreira, *ob. cit.*, p. 193.

24 Vergílio Ferreira, *ob. cit.*, p. 197.

à posse refletida de si mesmo transforma o texto de *Húmus* no lugar onde o eu enfrenta o tu numa tensão insuportável e sem apaziguamento. Esta disputa ascensional (que tem Deus como limite derradeiro) salda-se no grito que se repercute nas últimas páginas do livro: «Para onde vamos aos gritos? para onde vamos aos gritos?» («Terceira noite de luar»).

O grito é a marca de uma estética do excesso, como a expressionista. Escreve Eduardo Lourenço que «o singular 'expressionismo' da obra de Raul Brandão releva, ao mesmo tempo — via Dostoiévski —, da glosa nórdica da angústia, do pesadelo e da morte, e da transfiguração *crística* antinietzschiana, com a sua piedade quase horrível por tudo quanto existe circunscrito pela morte e gritando mais alto do que a própria morte pela loucura suprema de a abolir»²⁵. No tipo de universo criado em *Húmus*, que suscita um sentimento de repulsa, a distância entre o narrador e as personagens deixa de existir. Estas são títeres grotescos, aprisionados num sonho infernal de eternidade. A queda num estado promíscuo em que os mortos e os vivos se misturam é uma regressão simbólica a um estágio de indiferenciação primordial que tem o seu lastro mítico na tradição ancestral do culto dos mortos, que sobrevive na festa de Todos os Santos e na liturgia do Dia de Finados, acontecimentos marcantes do calendário religioso católico.

Dalila Pereira da Costa considera que, em *Húmus*, há uma ressurgência do mito da «Terra-Mãe, mãe dos vivos e dos mortos, [que] no início de novo ciclo concederá aos homens nova oferenda de vida»²⁶. Na visão desta estudiosa da cultura portuguesa e da herança céltica que impregna o Norte, Raul Brandão inscreve-se na corrente do «humanismo telúrico-cósmico transcendente que informa o pensamento de filósofos e poetas» do século xx, cujo «polo de concentração

25 Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia, «Cultura Portuguesa e Expressionismo»*, Lisboa, Gradiva, 2.ª ed., 1999, pp. 23-35.

26 Dalila L. Pereira da Costa, «Raul Brandão e a Terra Mãe», in *Coreografia Sagrada*, p. 288.

[é] a capital do Norte do País»²⁷. Na sua leitura hermenêutica de *Os Pobres* e de *Húmus*, a pensadora realça a assunção da dor como «força redentora», «desde a pedra ao homem», o que aproxima Raul Brandão de Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra.

A visão religiosa de Raul Brandão é própria de um espírito heterodoxo e inconformista. A firme convicção de que o sofrimento humano não é erradicável, onde se refrata o pessimismo de Schopenhauer que tanto marcou a *Geração de 90*, a que o escritor pertence, faz nascer uma resistência ética e estética que se consubstancia na ideia utópica de uma solidariedade alimentada pela ternura universal: «O mundo é feito de dor — a vida é feita de ternura». *Húmus* oferece a imagem de um mundo em profunda metamorfose, galgando as margens da narrativa convencional, descendo às profundidades abissais da natureza humana, conduzindo o leitor ao subsolo terrífico da vida consciente. A visão apocalíptica que se intensifica no último capítulo faz aparecer a dor universal como um fundamento do ser, deixando a vida suspensa entre o passado e o futuro. Em *Húmus*, o grito não é metáfora: é o signo da condição humana, o apelo doloroso ao Outro que se repercute no silêncio de um tempo a vir:

Ouves o grito? ouve-lo mais alto, sempre mais alto e cada vez mais fundo?... [*Ibidem.*]

Nota final

Raul Brandão abre na ficção portuguesa um horizonte especulativo em que a escrita ficcional de Vergílio Ferreira se haverá de inscrever, como se prolongasse a ressonância desse grito que continua a repercutir-se na consciência do leitor atual. Mas há igualmente ecos da sua obra nalguns dos maiores escritores contemporâneos, tardomodernistas e pós-modernistas (Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira, José Saramago, Maria

27 *Idem, ibidem*, p. 286.

Gabriela Llansol, Mário Cláudio, Almeida Faria, Rui Nunes, entre outros).

No que toca à poesia, cabe aqui destacar Herberto Helder. A leitura que fez do *Húmus*, incontaminada por qualquer visão da crítica, levou-o a escrever o esplendoroso poema homónimo, editado em 1967²⁸. A sua publicação associa-se às múltiplas manifestações que, direta ou indiretamente, assinalaram o centenário do nascimento de Raul Brandão e os 50 anos de *Húmus*. E contribuiu para que a atualidade da obra se mantivesse incólume.

Em 2017, no quadro do sesquicentenário de Raul Brandão e do centenário de *Húmus*, Nuno Júdice publica o texto dramático *Mulheres de «Húmus»*, com uma nota de apresentação onde conclui: «Em nada o registo trágico de Brandão se encontra desatualizado, quando pensamos na condição da mulher em muitas sociedades contemporâneas; e o apelo ao inconformismo perante a desigualdade de tratamento está presente nesses diálogos de *Húmus»*²⁹.

28 Herberto Helder, *Húmus*, Lisboa, Guimarães Editores, col. «Poesia e Verdade», Lisboa, 1967. O poema foi posteriormente reeditado por Herberto Helder em *Poesia Toda 2* (Lisboa, Plátano Editora, 1973); *Ou o Poema Contínuo* (Lisboa, Assírio & Alvim, 2001); *Poemas Completos* (Porto Editora, 1.ª ed., 2014).

29 Nuno Júdice, *Mulheres de «Húmus»*, Porto, Edições Cosmorama, 2017, p. 7.

Nota biobibliográfica

Maria João Reynaud

Raul Brandão nasceu na Foz do Douro, a 12 de março de 1867, na antiga Rua da Bela Vista, hoje com o seu nome. A sua infância decorreu na Cantareira, lugar evocado em páginas antológicas das *Memórias*, como são as do «Prefácio» dedicado «Aos Mortos», datado de «Cantareira, Foz do Douro — 1918» (vol. I, 1919)¹, ou as do capítulo «Há que tempos!», de *Vale de Josafat* (vol. III, 1933)², marcadas pela lembrança viva da figura materna e da velha criada Mari' Emília, que lhe inspira a figura de Joana. E, de modo particular, n' *Os Pescadores*³, livro dedicado «À memória de meu avô, morto no mar», com que Raul Brandão conquistou o grande público. Aí figuram páginas que permitem reconstituir o seu *habitat* afetivo e o cenário de uma infância feliz, embora toldada pela tragédia dos naufrágios costeiros⁴. Nelas fica expressa a veneração pelos heróis tangíveis que são os pescadores.

1 Raul Brandão, *Memórias*, vol. I, 4.ª ed., Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, s. d. (1919), p. 7.

2 Raul Brandão, *Vale de Josafat*, III volume de *Memórias*, Seara Nova, 1933, p. 145.

3 Raul Brandão, *Os Pescadores*, Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, 1923.

4 Cf. «A Morte do Arrais». Este texto, datado de «Dezembro — 1893» e incluído n' *Os Pescadores* (1923), foi publicado na Revista *Brasil-Portugal* em 1 de junho de 1901. Pertence a um conjunto de 10 narrativas, intituladas «História do Batel 'Vae com Deus' e da Sua Companhia», publicadas entre fevereiro e julho de 1901.

Depois de frequentar uma escola particular na Foz Velha, onde decorreram os estudos primários, Raul Brandão ingressa no Colégio de S. Carlos, no Porto, para seguir os estudos liceais (1877)⁵, facto que assinala uma nova etapa da vida do juveníssimo Raul Brandão, profundamente afetado pela rispidez dos métodos de ensino (*Memórias*, «O ensino», vol. II, 1925)⁶. Em contraposição com «um mundo atroz e brutal», há o despontar do primeiro amor, aos 13 anos, por uma padeirinha da mesma idade que distribuía pão na Rua de Fernandes Tomás, perto do colégio («Amores», *Vale de Josafat*). A partir de 1880, Raul Brandão passou a frequentar o Liceu Central do Porto. O seu «mais antigo trecho literário conhecido» foi publicado em 1885 («25 de janeiro»), no número único d'*O Andaluz*⁷. Em 1888, «frequenta como ouvinte o Curso Superior de Letras» e, nos finais do mesmo ano, em 18 de dezembro, «[a]ssenta praça, como voluntário, por 12 anos, no Regimento n.º 5 de Caçadores de El-Rei, no Porto». Em 27 de fevereiro de 1890, transita para «o Regimento de Infantaria n.º 18, no Porto»⁸.

A sua estreia literária dá-se no início da década de 90, com a publicação de *Impressões e Paisagens* (Porto, Tipografia de A. J. da Silva Teixeira, 1890), coletânea de contos muito breves, que encerra com a «nota» segundo a qual «eles já não representam a [sua] maneira atual de sentir nem de escrever». Por essa altura, já Raul Brandão se tinha integrado no grupo portuense dos «nefelibatas», de que fazem parte, entre outros, Justino de Montalvão, Júlio Brandão e D. João de Castro, e cuja figura tutelar é António Nobre (v. *Memórias*). Este «novo

5 Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de Raul Brandão*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1978 p. 497. *Idem, ibidem*, Lisboa, INCM, col. «Estudos e Temas Portugueses», 2006 (reimpressão).

6 Raul Brandão, *Memórias*, vol. II, 3.ª ed., Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, s. d. (1925), p. 228.

7 Guilherme de Castilho, «Tábua Cronológica da Vida e Obra de Raul Brandão», in *Cinquentenário da Morte de Raul Brandão – 1930-1980, Exposição Biblio-Iconográfica*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1980, p. 17.

8 *Idem, ibidem*.

cenáculo», cultor da *arte moderna* vinda de Paris, reunia-se no *atelier* do pintor Igo de Pinho, situado na Rua do Almada, perto da Praça Nova, em pleno centro do Porto. E procurava ganhar espaço numa cidade ligada a grandes figuras da literatura e do pensamento (algumas das quais retratadas nas *Memórias*, como Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Sampaio Bruno, Basílio Teles), onde em breve eclodirá a Revolta de 31 de Janeiro de 1891. As reuniões são evocadas no opúsculo *Os Nephelibatas*⁹, editado sob o pseudónimo coletivo de Luiz de Borja em fins de 1891, ou já no início de 1892, e de que Raul Brandão é um dos principais redatores. O tom paródico não lhe retira o interesse histórico-literário, nem o ímpeto de um verdadeiro manifesto.

Aceite a matrícula na Escola do Exército (23 de outubro de 1891), Raul Brandão fixa residência em Lisboa por dois anos e faz, paralelamente, a sua iniciação no jornalismo, escrevendo para *O Imparcial*. Por essa altura, relaciona-se com artistas plásticos, como Celso Hermínio e Columbano, que o retratará em duas magníficas telas, a última das quais com sua mulher. Publica, de parceria com Júlio Brandão, *Vida de Santos — Virgem Maria (Mãe de Deus) e Santa Isabel (Rainha de Portugal)* (Porto, Lopes & Editores, 1891). Colabora na *Revista de Portugal* e na *Revista Ilustrada* (Porto, 1892-1893). Concluído o curso (outubro de 1893) e terminado o subsequente estágio de oficial do Exército na Escola Prática de Infantaria de Mafra (1894)¹⁰, prossegue a carreira militar no Porto, como cadete do Regimento de Infantaria n.º 6. As *Memórias* são omissas quanto a datas e escassas em detalhes. Mas, em contrapartida, o escritor foca aspetos do ensino na Escola do Exército e episódios humorísticos da vida militar («O ensino» e «Vida Militar», cf. *Vale de Josafat*).

9 Luiz de Borja, *Os Nephelibatas*, s. d., edição da Sociedade Martins Sarmiento fac-similada da 1.ª ed. (1892), Guimarães, 1992. Introdução de J. Santos Simões.

10 Raul Brandão, *O Arraial — Teatro de Revista de 1894*, edição fac-similada, Livraria Manuel Ferreira, Porto. Prefácio de António José Queiroz. [Escrito «para assinalar a despedida dos cadetes de Infantaria do curso de 1893-1894 em Mafra».]

A parceria com Júlio Brandão prossegue, concretizada no lançamento da *Revista d'Hoje* (Porto-Lisboa, 1894-1896), onde Raul Brandão publica uma série de textos que serão recolhidos em *História dum Palhaço (A Vida e o Diário de K. Maurício)*, livro editado em 1896¹¹, timbrado pelo pessimismo finissecular, que se salda numa voluptuosidade niilista em que a morte surge como a única saída para o desespero existencial. Nos anos de 1895 e 1896, colabora assiduamente n' *O Correio da Manhã*, de que é diretor Pinheiro Chagas. Aí publica crónicas e narrativas breves sobre situações de exclusão social, que ocorrem em cenários urbanos de violência, doença e delinquência — e são células germinativas de livros futuros¹².

Em maio de 1896, é promovido e transferido para o Regimento de Infantaria n.º 20, em Guimarães, onde conhece a sua futura mulher, Maria Angelina d'Araújo Abreu, com quem casa em 11 de março de 1897¹³. Por essa altura, compra uma quinta na Nespereira, cuja «vivenda antiga à lavradora» se transformará na Casa do Alto: «Tenho a minha vida militar, os meus livros e uma quinta que comprei e quero pôr linda» (Carta a Columbano, 8 de maio de 1898)¹⁴. Este período da sua vida está abundantemente documentado no livro *Um Coração e Uma Vontade* (1959), de Maria Angelina Brandão, a sua primeira biógrafa. Em princípios de 1899, sobe à cena, no Teatro D. Maria II, *A Noite de Natal*, drama escrito em coautoria com Júlio Brandão, e que é calorosamente saudado por Abel Botelho (*Brasil-Portugal*, 1 de fevereiro de 1899)¹⁵. Neste mesmo ano,

11 Raul Brandão, *História dum Palhaço (A Vida e o Diário de K. Maurício)*, Lisboa, António Maria Pereira — Editor, 1896.

12 Raul Brandão, *A Pedra ainda Espera Dar Flor — Dispersos 1891-1930*, organização de Vasco Rosa, Lisboa, Quetzal Editores, 2013.

13 Raul Brandão, *Cartas a Maria Angelina*, edição da Sociedade Martins Sarmento, 2019 («Cartas de Raul Brandão a Maria Angelina — Algumas reflexões», por Maria João Reynaud, pp. 32-39).

14 Guilherme de Castilho, *loc. cit.* («Tábua Cronológica da Vida e Obra de Raul Brandão»), p. 18. V. Catálogo da «Exposição Biblio-Iconográfica», p. 65: aqui se reproduz o «Esboçeto para a Casa do Alto», feito por Raul Brandão.

15 Raul Brandão e Júlio Brandão, *A Noite de Natal*, leitura, introdução e notas por José Carlos Seabra Pereira, seguido de um estudo sobre Júlio Brandão, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.

colocado a seu pedido no Quartel-General do Porto, passa a viver na Cantareira. Nomeado correspondente literário da revista *Brasil-Portugal* (1899-1905), Raul Brandão torna-se num dos seus principais colaboradores, aí publicando a «História do Batel 'Vae com Deus' e da Sua Companhia», um conjunto de narrativas que anunciam *Os Pescadores*¹⁶.

Em 1901, depois de nova promoção, pede para ser transferido para Lisboa, passando a colaborar n' *O Dia*, n' *O Século* (suplemento «Revista Literária, Científica e Artística») e no *Diário de Notícias*. Publica *O Padre* (Lisboa, Livraria Central, 1901), texto de veemente crítica ao clero. O Teatro D. Amélia leva à cena sem sucesso *O Maior Castigo*, um novo drama escrito a solo, cujo original se perdeu. Segue-se a entrega, no Teatro D. Maria II, de uma «peça em cinco atos», de que também não há rasto (*O Triunfo*, 1902). Em 1903, é secretário de redação d' *O Dia* (dirigido por José Maria de Alpoim), onde publica uma série de reportagens sobre hospitais, cadeias, manicómios e teatros, e inquéritos à vida dos pescadores, dos camponeses e dos operários. Em maio de 1906, com a saúde abalada em consequência de um esgotamento nervoso, faz um cruzeiro pelo Mediterrâneo em companhia de sua mulher e visita várias cidades europeias¹⁷. Em 1908, já Tenente do Exército, é condecorado com a Medalha Militar de Comportamento Exemplar. Nomeado Cavaleiro da Real Ordem Militar de São Bento de Avis (1 de janeiro de 1910), obtém a patente de Capitão (25 de janeiro de 1910), pedindo pouco tempo depois a reforma e passando à disponibilidade (8 de junho de 1911). Por Decreto de 7 de fevereiro de 1912, é reformado no posto de Capitão de Arma de Infantaria, por incapacidade. A sua saúde frágil contribuiu para que a carreira militar, seguida por pressão familiar e não por vocação (como ele próprio confessa), se fizesse, desde cedo,

16 Raul Brandão, *Os Pescadores*, Ed. Vítor Viçoso e Luís Manuel Gaspar, Lisboa, Relógio D'Água, 2014, *Obras Completas*, vol. XII (*Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX*), prefácio de Vítor Viçoso. Cf. pp. 185-237.

17 Cf. Maria Angelina Brandão, *Um Coração e Uma Vontade, Memórias*, Coimbra, 1959, pp. 153-226.

nos serviços administrativos do Exército. Várias comissões de serviço permitiram-lhe desempenhar as funções de bibliotecário, mais adequadas à sua condição de escritor, e coligir materiais para uma história de Portugal que chegou a projetar. Sabemo-lo pela correspondência travada com Pascoaes¹⁸, com quem se relaciona em 1914, tornando-se colaborador d'A *Águia* e sócio da Renascença Portuguesa, que lhe edita o *Húmus* (1917) e outros livros. Esta amizade *inter pares*, feita de mútua admiração, fica selada pela coautoria da tragicomédia *Jesus Cristo em Lisboa* (1927)¹⁹. A partir de 1912, passa a residir na Casa do Alto, consagrando-se à escrita, à pintura e à exploração agrícola da sua quinta. Aí receberá, até ao fim da vida, amigos, escritores, pintores, alguns dos quais a iniciarem percursos brilhantes na literatura e nas artes. Uma parte do outono e do inverno são passados em Lisboa. Inicialmente na York House, onde se hospeda, e, depois, naquela que passa a ser a sua residência lisboeta, na Rua de São Domingos à Lapa. A par da amizade muito próxima com Pascoaes, mantém um estreito convívio intelectual com os amigos do Grupo da Biblioteca (em particular com Raul Proença²⁰ e Câmara Reis), núcleo germinativo da *Seara Nova*, fundada em 1921.

Raul Brandão publicou um avultado número de textos em jornais e revistas que se repartem, *grosso modo*, por dois períodos de vida²¹. O primeiro corresponde a quase duas décadas de atividade profissional, como militar de carreira, e de exercício complementar do jornalismo. O segundo inicia-se quando, em 1912 e já reformado, o escritor se instala na Nespereira (Casa do Alto) para se dedicar à sua quinta e à sua obra. É no decurso

18 Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes, *Correspondência*, recolha, transcrição, atualização do texto, introdução e notas de António Mateus Vilhena e Maria Emília Marques Mano, Lisboa, Quetzal Editores, 1994.

19 Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes, *Jesus Cristo em Lisboa, Tragicomédia em Sete Quadros*, Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, s. d. (1927).

20 O *Guia de Portugal* da Fundação Calouste Gulbenkian teve origem no trabalho iniciado por Raul Proença, em 1924. Nele figuram vários verbetes assinados por Raul Brandão.

21 Cf. Guilherme de Castilho, *ob. cit.* (1978), pp. 57-64. V. Vasco Rosa, «Raul Brandão em foco», Raul Brandão, *ob. cit.* [2013], pp. 7-11.

deste período, de grande fecundidade criativa, que Raul Brandão participa em duas das principais revistas do século xx: *A Águia* (Porto, Renascença Portuguesa, 2.^a série, 1912), dirigida por Teixeira de Pascoaes, e *Seara Nova* (Lisboa, 1921), «revista de doutrina e crítica» ligada ao republicanismo progressista, de que foi sócio fundador. Ambas acolhem pré-publicações de obras anunciadas. N^o *A Águia* saem, entre outros textos, o primeiro capítulo de *Húmus*, «A Vila» (n.^{os} 69-70; setembro/outubro de 1917), «O Mistério da Árvore» (n.^o 3, 3.^a série, setembro de 1922) e a «A Luz não se Extingue» (n.^{os} 15-16, 3.^a série, setembro/outubro de 1923), capítulos do refundido livro *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore*. Na *Seara Nova* é publicado, na íntegra, o capítulo «O Ribatejo», de *Portugal Pequeno* (n.^o 196, 16 de janeiro de 1930). E, no campo da dramaturgia, *O Avejão*, «episódio dramático» (n.^o 150, 28 de fevereiro de 1929) e *Eu Sou Um Homem de Bem* (n.^o 104, 18 de agosto de 1927). Uma boa parte dos seus livros saiu com a chancela destas duas editoras.

Em 31 de maio de 1927, é nomeado sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. A alternância entre a vida rural na Nespereira e a vida lisboeta não se dá, contudo, sem regressos regulares à Foz do Douro. O último terá ocorrido em inícios de novembro de 1930. Raul Brandão morre em Lisboa, a 5 de dezembro de 1930, deixando uma obra consolidada e repartida por vários géneros, a que se virão juntar dois livros inéditos: *O Pobre de Pedir* (Lisboa, 1931) e *Vale de Josafat*, III volume de *Memórias* (Lisboa, Seara Nova, 1933)²².

Além das obras acima citadas, Raul Brandão publicou a novela *A Farsa* (Lisboa, Ferreira & Oliveira — Editores, 1903), dedicada «Ao Grande Poeta Guerra Junqueiro». Segue-se a narrativa poética *Os Pobres*, com uma «carta-prefácio» de Guerra Junqueiro (Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1906). Os anos subsequentes são consagrados à escrita de ensaios sobre temas históricos, cujas reedições apresentam

22 Raul Brandão faleceu na Rua de São Domingos à Lapa, 44, 1.^o V. Maria Angelina Brandão, *ob. cit.*, pp. 256-262.

significativas alterações: *El-Rei Junot* (Lisboa, Livraria Brasileira de Monteiro & C.^a Editores, 1912; 2.^a ed., Porto, Renascença Portuguesa, 1919)²³; *A Conspiração de 1817: Quem matou Gomes Freire* (Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1914; 2.^a ed., 1817 — *A Conspiração de Gomes Freire*, Porto, edição da Renascença Portuguesa, 1917²⁴; prefácio e notas a *O Cerco do Porto contado por uma testemunha, o Coronel Owen*, (Porto, Renascença Portuguesa, s. d., 1915). Dentro desta linha se poderão inserir os três volumes das *Memórias* (1919, 1925 e 1933), cujos pórticos são peças antológicas²⁵. A década de 20 é extraordinariamente produtiva, não só pela publicação de novas obras mas também pela reedição de livros anteriores, depois de intervenções mais ou menos profundas — *Os Pobres* (Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925; Porto, Liv. Chardron; Rio de Janeiro, Liv. Francisco Salves, 1925)²⁶; *A Farsa* (Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1926)²⁷; *Húmus* (1921 e 1926)²⁸; *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore*, que resulta de uma refundição de *História dum Palhaço* (Lisboa, Edição da Seara Nova, 1926)²⁹. O projeto de fazer da narrativa de viagem um modo

23 Raul Brandão, *El-Rei Junot*, com uma nota introdutória de Guilherme de Castilho, Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, INCM, 1982. Raul Brandão, *El-Rei Junot*, edição de Maria de Fátima Marinho, Lisboa, Relógio D'Água, 2001, Obras Completas, vol. v (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX).

24 Raul Brandão, *Vida e Morte de Gomes Freire*, edição de Maria de Fátima Marinho, Lisboa, Relógio D'Água, 2007, Obras Completas, vol. VIII (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX).

25 Raul Brandão, *Memórias* (t. I), edição de José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, Relógio D'Água, 1998, Obras Completas, vol. I (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX). *Idem*, *Memórias* (t. II), edição de José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, Relógio D'Água, 1998, Obras Completas, vol. I (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX). *Idem*, *Memórias* (t. III), edição de José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, Relógio D'Água, 2000, Obras Completas, vol. I (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX).

26 Raul Brandão, *Os Pobres*, estudo introdutório por Vítor Viçoso, Lisboa, Editorial Comunicação, 1984.

27 Raul Brandão, *A Farsa*, edição de José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, Relógio D'Água, 2001, Obras Completas, vol. v (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX).

28 Raul Brandão, *Húmus*, edição de Maria João Reynaud, Lisboa, Relógio D'Água, 2015, Obras Completas, vol. x (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX).

29 Raul Brandão, *História dum Palhaço (A Vida e o Diário de K. Maurício)/A Morte do Palhaço e O Mistério da Árvore*, edição de Maria João Reynaud, Lisboa, Relógio

de conhecimento detalhado da costa marítima de Portugal e da atividade da gente do mar tem a sua realização perfeita com a publicação d'*Os Pescadores* (1923)³⁰. Raul Brandão prossegue-o, com idêntico sucesso, n'*As Ilhas Desconhecidas — Notas e Paisagens* (Aillaud e Bertrand, 1.^a e 2.^a eds., 1926-1927)³¹, estando agora em foco o Portugal insular. Em ambos os livros o rigor etnográfico emparceira com um realismo intenso, fruto da experiência vivida, que explode em fulgurações cromáticas, ora impressionistas, ora expressionistas. Acresce que, em 1923, Raul Brandão estava a coligir um conjunto de inéditos com o título *Os Operários*³². No mesmo ano, o escritor publica um volume de *Teatro* com três peças: *O Gebo e a Sombra*; *O Doido e a Morte*, e *O Rei Imaginário* (Porto, Renascença Portuguesa, 1923). Seguir-se-á *O Avejão* (Lisboa, edição da *Seara Nova*, 1929). A sua dramaturgia, lembrando por vezes Tchekhov, ou Pirandello, combina a crítica social, a sátira, o grotesco expressionista e o humanismo existencial³³. Há que acrescentar a estes títulos, a peça escrita em coautoria com Teixeira de Pascoaes, *Jesus Cristo — Tragicomédia em Sete Quadros* [Lisboa, Aillaud e Bertrand, s. d. (1927)]. Em 1925, a publicação do II volume de *Memórias*, dedicado «a Teixeira de Pascoaes», é um acontecimento marcante. Com *Portugal Pequeno* (Lisboa, 1930, Edição dos Autores)³⁴, de que é coautora Maria Angelina, a companheira de toda uma vida, Raul Brandão

D'Água, 2005, *Obras Completas*, vol. III (*Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX*).

30 Raul Brandão, *Os Pescadores*, edição de Vítor Viçoso e Luís Manuel Gaspar, prefácio de Vítor Viçoso, Lisboa, Relógio D'Água, 2014, *Obras Completas*, vol. XII (*Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX*).

31 Cf. Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas — Notas e Paisagens*, prefácio de António M. B. Machado Pires, Lisboa, Editorial Comunicação, 1988.

32 Raul Brandão, *Os Operários*, fixação do texto, introdução e notas por Túlio Ramires Ferro, col. «Autores dos Séculos XIX e XX», Biblioteca Nacional, Lisboa, 1993. V. *Colóquio-Letras*, n.º 86, julho de 1985 (recensão crítica por Maria João Reynaud, p. 101).

33 Raul Brandão, *Teatro*, estudo introdutório de Luiz Francisco Rebello, Lisboa, Editorial Comunicação, 1985.

34 Raul Brandão, *Portugal Pequeno*, Lisboa, Vega, 1985, prefácio de Matilde Rosa Araújo.

intenta revelar aos mais novos um espaço-país desconhecido, cruzando o maravilhoso, a poesia e o rigor antropológico. O livro, ilustrado com desenhos de Carlos Carneiro³⁵, tem a seguinte dedicatória: «Para os filhos dos outros.» Numa carta inédita a Raul Proença, datada de «Alto, 25 de maio 1930», Raul Brandão escreve o seguinte: «[...] eu não tenho jeito nenhum para escrever para as crianças. Mas o que eu quis, consegui-o: ligar numa obra o meu nome ao de minha mulher.» Assim se encerra, com chave de ouro, a última década de vida de um tão grande escritor³⁶.

Na breve apresentação que antecede *O Pobre de Pedir*, Maria Angelina dá conta da hesitação que teve em publicar uma obra que Raul Brandão não pôde rever. A mesma que ele experimentava quando tinha de dar por terminado um novo livro: «Quando lhe falavam em algum dos seus livros em preparação e lhe perguntavam se estava pronto, respondia: / — Está pronto e nunca está pronto...»³⁷

Bibliografia seletiva

Edições de *Húmus*

- BRANDÃO, Raul, *Húmus*, Porto, Renascença Portuguesa, 1917.
- , 2.^a ed., Rio de Janeiro, Anuário do Brasil; Porto, Renascença Portuguesa, 1921.
- , 2.^a, 3.^a e 4.^a eds., Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, s. d. (1926).
- , 5.^a ed., in *Obras Completas*, Jornal do Foro, s. d.
- , 6.^a ed., Coimbra, Atlântida Editora, 1972.
- , *Húmus*, Lisboa, Vega, s. d. (1982). Reproduz o texto da edição *princeps*. Estudo introdutório por José Manuel Vasconcelos.
- , *Húmus*, Círculo de Leitores, 1986. Introdução de Guilherme de Castilho.

35 V. AA. VV., *Raul Brandão, «Homenagem no Seu Centenário»*, edição do Círculo de Arte e Recreio de Guimarães, março de 1967. [Depoimento de Carlos Carneiro, pp. 30-32.]

36 Vasco Rosa, *Cinzento e Dourado – Raul Brandão em Foco nos 150 Anos do Seu Nascimento*, Lisboa, prefácio de José Carlos Seabra Pereira, INCM, 2017 [recolha crítica de textos de vários autores sobre Raul Brandão (artigos, recensões, comentários), abrangendo um largo espectro temporal].

37 Raul Brandão, *O Pobre de Pedir*, Lisboa, 1931 [Tip. da Seara Nova], pp. 3-4.

- , *Húmus*, edição crítica, introdução e notas de Maria João Reynaud, 3 vols., Obras Clássicas da Literatura Portuguesa/Século XX, Porto, Campo das Letras, 2000.
- , *Húmus*, Meães — Vilarinho das Cambas, Edições Húmus, 2004.
- , *Húmus*, Lisboa, Relógio D'Água. Edição de Maria João Reynaud, 2015, Obras Completas, vol. x (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa do Século XX).
- , *Húmus*, Guimarães, *Opera Omnia*, 2017.

Traduções

- BRANDÃO, Raul, *Humus*, Traduction du portugais et préface de Françoise Laye, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais — PUF, 1981.
- , *Humus*, Traduction du portugais et préface de Françoise Laye, Paris, Flammarion, 1992.
- , *Humus*, traduzione a cura di Marcello Saco, Besa Editrice, s. d.
- , *Humus*, Študentska Založba, 2013/Guimarães, 2012, Capital Europeia da Cultura.
- , *Humus*, Traducció d'Anna Cortils Munné, El Cabàs/48, El Gall Editor, 2012. Guimarães, 2012.
- , *Humus*, Traducción del portugués por I. Ribera-Rovira, Editorial Cervantes, 1923. Prefácio Nuno Júdice: «El Humanismo de un Pessimista». Edição comemorativa de los 150 años del nacimiento del autor se publica con motivo de la presencia de Porto en la Feria del Libro de Madrid de 2017.

Para uma abordagem de Húmus

- BRANDÃO, Raul, *A Pedra e a Nuvem, Um Breviário Brandoniano*, organização, seleção de textos e prefácio de José Manuel de Vasconcelos, Lisboa, Vega, 2019.
- CASTILHO, Guilherme de, «Introdução» in Raul Brandão, *Húmus*, Círculo de Leitores, 1986.
- COELHO, Eduardo Prado, «Um Novo Paradigma Ficcional (Raul Brandão)», in *A Escala do Olhar*, Texto Editora, 2003, pp. 24-27.
- COELHO, Jacinto do Prado, «O *Húmus*, de Raul Brandão: Uma obra de hoje», in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Portugália Editora, 1969, pp. 320-328.

- , «Da Vivência do Tempo em Raul Brandão», in *Ao Contrário de Penélope*, pp. 221-226.
- , «Húmus», in *Dicionário de Literatura*, dir. Jacinto do Prado Coelho, 3.ª ed., 1.º vol., p. 448.
- COSTA, Dalila Pereira da, «Húmus-Homo», in *Ao Encontro de Raul Brandão* (Atas do Colóquio: 7, 8 e 9 de janeiro de 1999), Centro Regional do Porto/Universidade Católica Portuguesa; Lello Editores, pp. 345-351.
- , «Raul Brandão e a Terra-Mãe», in *Coreografia Sagrada*, Porto, Lello & Irmão — Editores, 1993, pp. 283-290.
- EIRAS, Pedro, *Esquecer Fausto*, Porto, Campo das Letras, 2006.
- FERREIRA, Vergílio, «No limiar de um mundo: Raul Brandão», in *Espaço do Invisível II*, Lisboa, Bertrand Editora, 1991, pp. 171-225.
- , «Raul Brandão e a novelística contemporânea», in *Espaço do Invisível IV*, Lisboa, Bertrand Editora, 1995, pp. 271-280.
- JÚDICE, Nuno, «O Humanismo de Um Pessimista», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 12-14.
- LOPES, Oscar, «Raul Brandão», *Entre Fialho e Nemésio*, vol. 1, Lisboa, INCM, 1967, pp. 343-368.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1999.
- , «Relendo Húmus: Os Paradoxos Comparatistas da Modernidade», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 190-197.
- MATEUS, Isabel Cristina, «Por trás do muro: O húmus grotesco de Raul Brandão», in AA. VV., *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmiento, vols. 126 e 127, Guimarães, 2018, p. 187.
- MOURÃO-FERREIRA, David, «Releitura do Húmus», in *Tópicos Recuperados — Sobre a crítica e outros ensaios*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 175-189.
- MURTEIRA, José Maria, «Húmus, de Raul Brandão 70 anos depois», in *Brotéria*, vol. 125, n.º 6, dezembro de 1987, Lisboa, pp. 565-570.
- NOGUEIRA, Carlos, «O Expressionismo Satírico de Húmus», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, pp. 156-159.
- PAGEAUX, Daniel-Henri, «Raul Brandão entre a Modernidade e a Originalidade», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, pp. 82-88.

- PEREIRA, José Carlos Seabra, *História Crítica da Literatura Portuguesa (Do Fim-de-Século ao Modernismo)*, coordenação de Carlos Reis, vol. VII, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1995.
- REI, Matteo, *Materia e Sogno, L'universo immaginario di Raul Brandão*, Edizioni dell'Orso, Biblioteca Mediterranea, 2011.
- , «Sem teto, entre ruínas: cenários do apocalipse», in AA. VV., *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento, vols. 126 e 127, Guimarães, 2018.
- REYNAUD, Maria João, *Metamorfoses da Escrita — «Húmus» de Raul Brandão*, Porto, Campo das Letras, 2000.
- , «Entre le rêve et la mort — sur *Húmus* de Raul Brandão», pp. 46-52.
- , «Raul Brandão», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coordenação de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 96-107.
- , «*Húmus* de Raul Brandão, Livro de Um Século», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 24-29.
- , «*Húmus*: Entre o Silêncio e o Grito», in AA. VV., *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento, vols. 126 e 127, Guimarães, 2018, p. 159.
- , «Nos Cem Anos de *Húmus* (Raul Brandão: Entre o espanto e o absurdo)», in AA. VV., *Pensar o Passado, Compreender o Presente, Idealizar o Futuro*, Šárka Grauová, Jan Hricsina, Karolina Válová (eds.), Praha, Univerzita Karlova, Filozofická fakultá, 2019, pp. 111-126.
- RIBEIRO, Manuel António, «Uma Leitura de *Húmus*: O Binómio Vida/Morte e as Interrogações sobre Deus», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 125-132.
- ROCHA, Afonso Moreira, «*Húmus* e a Terra-Mãe: Dalila em Diálogo com Brandão», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 160-163.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina, «O *Húmus*, texto de encontro e indecisão», in *Colóquio/Letras*, 45, 1978, pp. 21-27.
- SEIXO, Maria Alzira, «Raul Brandão (*Húmus*)», in *Para Um Estudo da Expressão do Tempo no Romance Português Contemporâneo*, Lisboa, INCM, 1987, pp. 45-50.

- SIMÕES, João Gaspar, «Raul Brandão, Poeta», in *Os Mistérios da Poesia — Ensaios de Interpretação da Génese Poética*, 2.^a ed., Porto, Inova, 1971, pp. 95-117.
- TEIXEIRA, José Rui, «A vida é um simulacro: Leituras de *Húmus* de Raul Brandão e *Grito* de Rui Nunes», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 90-102.
- VASCONCELOS, José Manuel, «O maior drama. A procura ética no *Húmus* de Raul Brandão», in AA. VV., *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento, vols. 126 e 127, Guimarães, 2018, p. 199.
- VIÇOSO, Vítor Pena, *A Máscara e o Sonho. Vozes, Imagens e Símbolos na Ficção de Raul*, Lisboa, Cosmos, 1999.
- , «Crise e Modernidade em *Húmus* de Raul Brandão», in AA. VV., *Raul Brandão — 150 Anos*, organização da Câmara Municipal do Porto, 2018, pp. 66-77.
- , «*Húmus*: Da escrita de uma crise à crise da escrita», in AA. VV., *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento, vols. 126 e 127, Guimarães, 2018, p. 171.

Húmus

RAUL BRANDÃO

HÚMUS

*O que tu vês é belo; mais belo
o que suspeitas; e o que ignoras
muito mais belo ainda.*

DUM AUTOR DESCONHECIDO

AO MESTRE COLUMBANO

A VILA

13 de novembro

Ouçõ sempre o mesmo ruído de morte que devagar rói e persiste...

Uma vila encardida — ruas desertas — pátios de lajes soergidas pelo único esforço da erva — o castelo — restos intactos de muralha que não têm serventia. Uma escada encravada nos alvéolos das paredes não conduz a nenhures. Só uma figueira-brava conseguiu meter-se nos interstícios das pedras e delas extrai suco e vida. A torre — a porta da Sé com os santos nos seus nichos — a praça com árvores raquíticas e um coreto de zinco. Sobre isto um tom denegrido e uniforme: a humidade entranhou-se na pedra, o sol entranhou-se na humidade. Nos corredores as aranhas tecem imutáveis teias de silêncio e tédio e uma cinza invisível, manias, regras, hábitos, vai lentamente soterrando tudo. Vi não sei onde, num jardim abandonado — inverno e folhas secas — entre buxos do tamanho de árvores, estátuas de granito a que o tempo corroera as feições. Puíra-as e a expressão não era grotesca mas dolorosa. Sentia-se um esforço enorme para se arrancarem à pedra. Na realidade

isto é como Pompeia um vasto sepulcro: aqui se enterraram todos os nossos sonhos... Sob estas capas de vulgaridade há talvez sonho e dor que a ninharia e o hábito não deixam vir à superfície. Afigura-se-me que estes seres estão encerrados num invólucro de pedra: talvez queiram falar, talvez não possam falar.

Silêncio. Ponho o ouvido à escuta e ouço sempre o trabalho persistente do caruncho que rói há séculos na madeira e nas almas.

15 de novembro

As paixões dormem, o riso posticho criou cama, as mãos habituaram-se a fazer todos os dias os mesmos gestos. A mesma teia pegajosa envolve e neutraliza, e só um ruído sobreleva, o da morte, que tem diante de si o tempo ilimitado para roer. Há aqui ódios que minam e contraminam, mas como o tempo chega para tudo, cada ano minam um palmo. A paciência é infinita e mete espigões pela terra dentro: adquiriu a cor da pedra e todos os dias cresce uma polegada. A ambição não avança um pé sem ter o outro assente, a manha anda e desanda, e, por mais que se escute, não se lhe ouvem os passos. Na aparência, é a insignificância a lei da vida; é a insignificância que governa a vila. É a paciência que espera hoje, amanhã, com o mesmo sorriso humilde: — Tem paciência — e os seus dedos ágeis tecem uma teia de ferro. Não há obstáculo que a esmoreça. — Tem paciência — e rodeia, volta atrás, espera ano atrás de ano, e olha com os mesmos olhos sem expressão e o mesmo sorriso estampado. Já a mentira é de outra casta, faz-se de mil cores e toda a gente a acha agradável. — Pois sim... pois sim... — Não se passa nada, não se passa nada. Todos os dias dizemos as mesmas palavras, cumprimentamos com o mesmo sorriso e fazemos as mesmas medidas. Petrificam-se os hábitos lentamente acumulados. E o tempo mói: mói a ambição e o fel e torna as figuras grotescas.

Reparem, vê-se daqui a vila toda... Lá está a Adélia, o Pires e a Pires como figuras de cera. Ninguém mexe. Num canto mais escuro a prima Angélica não levanta a cabeça de sobre a meia. Tanta inveja ruminou que desaprendeu de falar. Chega o chá, toma o chá, e apegase logo à mesma meia, a que mãos caridosas todos os dias desfazem as malhas, para que ela, mal se erga, recomece a tarefa. Um dia — uma semana — um século — e só o pêndulo invisível vai e vem com a mesma regularidade implacável — pra a morte! pra a morte! pra a morte!

Passou um minuto ou um século? Sobre o granito salitroso assenta outra camada denegrida, e as horas caem sobre a vila como gotas de água duma clepsidra. De tanto ver as pedras já não reparo nas pedras. A morte roda na ponta dos pés e ninguém ouve seus passos. Todos os dias os leva, todos os dias toca a finados. O nada à espera e a D. Procópia a abrir a boca com sono, como se não tivesse diante de si a eternidade para dormir. Tudo isto se passa como se tudo isto não tivesse importância nenhuma, tudo isto se passa como se tudo isto não fosse um drama e todos os dramas, um minuto e todos os minutos...

Não há anos, há séculos que dura esta bisca de três — e os gestos são cada vez mais lentos. Desde que o mundo é mundo que as velhas se curvam sobre a mesa do jogo. O jogo banal é a bisca — o jogo é o da morte... O candeeiro ilumina e a sombra rói as fisionomias, a majestosa Teodora, a Adélia, a Eleutéria das Eleutérias, o padre. Salienta-se do escuro uma boca que remói, a da D. Biblioteca: os padres exaltam-na, a Igreja exalta a sua caridade, que rebusca a desgraça para lhe dar 3 vinténs. Só distingo, despegadas dos crânios, as orelhas do respeitável Elias de Melo e do impoluto Melias de Melo, lívidos como dois fantasmas. Ambos regulam a consciência como quem dá corda a um relógio. Dívidas são dívidas. A D. Leocádia põe acima de tudo o seu dever, e leva para casa uma órfã a quem sustenta e que lhe entrapa as pernas. A luz do candeeiro ilumina-lhe as mãos ósseas e secas que encham a sala toda e o mundo todo... A D. Procópia odeia a D. Biblioteca, mas nem ela

sabe o que está por trás daquele ódio, contido pelo inferno. Toda a gente se habitua à vida. Matar matava-a eu, mas várias palavras me detêm. Detêm-me também um nada... Chegamos todos ao ponto em que a vida se esclarece à luz do inferno. Mas ninguém arrisca um passo definitivo.

Tudo isto parece que flutua debaixo de água, que esverdeia debaixo de água. Não sei bem se estou morto ou se estou vivo... Decorre um ano e outro ano ainda. O relento sabe bem, e o tempo passa, o tempo gasta-as como o salitre aos santos nos seus nichos. Se o desespero aumenta não se traduz em palavras.

As velhas com o tempo adquiriram a mesma expressão, com o tempo chegaram a temer um desenlace. Debruçadas sobre a mesa as figuras não bolem. Não bolem outras figuras que se envolvem no escuro, e o que me interessa não são as palavras do padre — Jogo; — nem o que a Adélia diz baixinho à Eleutéria, para que a velha temerosa ouça: — A nossa Teodora está cada vez mais moça!... — o que me interessa são as figuras invisíveis: é a dor dessas figuras imóveis, e sobre elas outra figura maior, curva e atenta, que há séculos espera o desenlace.

A vila petrifica-se, a vila abjeta cria o mesmo bolor. Mora aqui a insignificância e até à insignificância o tempo imprime caráter. Moram na viela íngreme e cascosa, que revê humidade em pleno verão, velhas a quem só restam palavras, presas, alimentadas, encarniçadas, como um doido sobre uma coroa de lata que lhe enche o mundo todo. Mora dum lado o espanto, do outro o absurdo. E todos à uma afastam e repelem de si a vida. Mora aqui a Teles que passa a vida a limpar os móveis, só e fechada com os móveis reluzentes, talvez resto dum sonho a que se apega com desespero, e velhas só medidas, só baba, só rancor. Ter uma mania e pensar nela com obstinação! Criá-la. Ter uma mania e vê-la crescer como um filho!... Mora aqui a D. Restituta, sempre a acenar que sim à vida, e a Úrsula, cuja missão no mundo é fazer rir os outros.

Cabem aqui seres que fazem da vida um hábito e que conseguem olhar o céu com indiferença e a vida sem sobressalto, e esta

mixórdia de ridículo e de figuras somáticas. Mora aqui, paredes-meias com a colegiada, o Santo, que de quando em quando sai do torpor e clama: — O inferno! o inferno! — Moram as Teles, e as Teles odeiam as Sousas. Moram as FONSECAS, e as FONSECAS passam a vida, como bonecas desconjuntadas, a fazer cortesias. Moram as Albergarias, e as Albergarias só têm um fim na existência: estrear todos os semestres um vestido no jardim. Moram os que moem, remoem e esmoem, os que se fecham à pressa e por dentro com uma mania, e os que se aborrecem um dia, uma semana, um ano, até chegar a hora pacata do solo ou a hora tremenda da morte.

Mora aqui o egoísmo que faz da vida um casulo, e a ambição que gasta os dentes por casa, o que enche a existência de rancores e, atrás de ano de chicana, consome outro ano de chicana. Cabem aqui dentro as velhas cismáticas, atrás de interesses, de paixões ou de simples ninharias, dissolvendo-se no éter, e logo substituídas por outras velhas, com as mesmas ou outras plumas nos penantes, com os mesmos ou outros ridículos, fedorentas e maníacas; os homens a quem se foram apegando pela vida fora dedadas de mentira, prontos para a cova — e o Gabiru e o seu sonho. Cabe aqui o céu e as lambisgoias com as suas medidas, a morte e a bisca de três. E cabe aqui também uma velha criada, que se não tira diante dos meus olhos. Obsidiam-me. Carrega. Obedece. Serve as outras velhas todas. A Joana é uma velha estúpida.

Serviu primeiro na vila, serviu depois na cidade. Serviu com uma saia rota, as mãos sujas de lavar a louça, uma camisa, os usos e 6 mil réis de soldada. Lavou, esfregou, cheira mal. Serviu o tropel, a miséria, o riso, que caminha para a morte com um vestido de aparato e um chapéu de plumas na cabeça. Para contar fio a fio a sua história bastava dizer como as mãos se lhe foram deformando e criando ranhuras, nodosidades, côdeas, como as mãos se foram parecendo com a casca duma árvore. O frio gretou-lhas, a humidade entranhou-se, a lenha que rachou endureceu-lhas. Sempre a comparei à macieira do

quintal: é inocente e útil e não ocupa lugar. A vida gasta-a, corroem-na as lágrimas, e ela está aqui tal qual como quando entrou para casa da D. Hermengarda. Faz rir e faz chorar. Já ninguém estranha — nem ela — que a Joana aguenta, e a manhã a encontre de pé, a rachar a lenha, a acender o lume, a aquecer a água. Há seres criados de propósito para os serviços grosseiros. Por dentro a Joana é só ternura, por fora a Joana é denegrida. A mesma fealdade reveste as pedras. Reveste também as árvores.

É uma velha alta e seca, com o peito raso. O hábito de carregar à cabeça endireitou-a como um espeque, o hábito das caminhadas espalmou-lhe os pés: a recoveira assenta sobre bases sólidas. Parece um homem com as orelhas despegadas do crânio e olhos inocentes de bicho. É destas criaturas que dão aos outros em troca da soldada o melhor do seu ser, que se apegam aos filhos alheios e choram sobre todas as desgraças. Ainda por cima dedicam-se, e quando as mandam embora, porque não têm serventia, põem-se a chorar nas escadas.

Mal se compreende que, depois duma vida inteira, esta mulher conserve intacta a inocência duma criança e o pasmo dos olhos à flor do rosto. Trambolhões, fome, o frio da pobreza — o pior — e, apesar de amolgada, com uma saia de estamena, no pescoço peles, as mãos gretadas de lavar a louça, uma coisa que se não exprime com palavras, um balbuciar, um riso... Misturou à vida ternura. Misturou a isto a sua própria vida. Aqueceu isto a bafo.

Tem as mãos como cepos.

16 de novembro

Debaixo destes tetos, entre cada quatro paredes, cada um procura reduzir a vida a uma insignificância. Todo o trabalho insano é este: reduzir a vida a uma insignificância, edificar

um muro feito de pequenas coisas diante da vida. Tapá-la, escondê-la, esquecê-la. O sino toca a finados, já ninguém ouve o som a finados. A morte reduz-se a uma cerimónia, em que a gente se veste de luto e deixa cartões de visita. Se eu pudesse restringia a vida a um tom neutro, a um só cheiro, o mofo, e a vila a cor de mata-borrão. Seres e coisas criam o mesmo bolor, como uma vegetação criptogâmica, nascida ao acaso num sítio húmido. Têm o seu rei, as suas paixões e um cheirinho suspeito. Desaparecem, ressurgem sem razão aparente dum dia para o outro num palmo do universo que se lhes afigura o mundo todo. Absorvem os mesmos saís, exalam os mesmos gases, e supuram uma escuridão fosforescente, que corresponde talvez a sentimentos, a vícios ou a discussões sobre a imortalidade da alma.

Sempre as mesmas coisas repetidas, as mesmas palavras, os mesmos hábitos. Construimos ao lado da vida outra vida que acabou por nos dominar. Vamos até à cova com palavras. Submetem-nos, subjugam-nos. Pesam toneladas, têm a espessura de montanhas. São as palavras que nos contêm, são as palavras que nos conduzem. Toda a gente forceja por criar uma atmosfera que a arranque à vida e à morte. O sonho e a dor revestem-se de pedra, a vida consciente é grotesca, a outra está assolapada.

Remoem hoje, amanhã, sempre, as mesmas palavras vulgares, para não pronunciarem as palavras definitivas. Toda a gente fala no céu, mas quantos passaram no mundo sem ter olhado o céu na sua profunda, na sua temerosa realidade? O nome basta-nos para lidar com ele. Nenhum de nós repara no que está por trás de cada sílaba: afundamos as almas em restos, em palavras, em cinza. Construimos cenários e convenionámos que a vida se passasse segundo certas regras. Isto é a consciência — isto é o infinito... Está tudo catalogado. Na realidade jogamos a bisca entre a vida e a morte, baseados em palavras e sons. E, como a existência é monótona, o tempo chega para tudo, o tempo dura séculos. Formam-se

assim lentamente crostas: dentro de cada ser, como dentro das casas de granito salitroso, as paixões tecem na escuridão e no silêncio, teias de escuridão e de silêncio. Na botica sonolenta ao pai sucede o filho sobre o tabuleiro de gamão. Quero resistir, afundo-me. Começo a perceber que o hábito é que me fez suportar a vida. Às vezes acordo com este grito: — A morte! a morte! — e debalde arredo o estúpido aguilhão. Choro sobre mim mesmo como sobre um sepulcro vazio. Oh como a vida pesa, como este único minuto com a morte pela eternidade pesa! Como a vida esplêndida é aborrecida e inútil! Não se passa nada! não se passa nada e eu sinto aqui ao lado outra vida que me mete medo e que não quero ver! Essa vida talvez seja a minha verdadeira vida. Mas o pior é que eu percebo que, se se apodera de mim, não posso mais viver. Agarro-me com desespero ao hábito e às palavras. Tu não existes! tu não existes! O que existe é isto com que lido todos os dias, as palavras que digo todos os dias, os seres com quem falo todos os dias. — E tu rodeias-me, tu reclamas-me e queres viver comigo para todo o sempre. Não te posso ver!...

Se há momentos em que o caixão que um galego leva às costas me chama à realidade, ao espanto, desvio logo o olhar e reentro à pressa na vida comezinha. Finjo que sorrio e esqueço. Mas sempre não posso! Ano atrás de ano não posso! Não há mais nada! não há mais do que estas figuras paradas, e as horas verdes que de espaço a espaço caem como gotas de água no fundo dum subterrâneo. Outro ano ainda! outro passo ainda para a morte! Sinto uma dor sem gritos por trás da imobilidade. Cada hora é menos uma hora na minha vida. E o tempo foge, o tempo cor de mata-borrão que ao granito salitroso junta camada denegrada, e às almas sepultadas outra pazada de cinza... Há momentos em que as figuras têm tanta vida como os santos imóveis nos seus nichos — mas há momentos em que cada um redobra de proporções, há momentos em que a vida se me afigura iluminada por outra claridade. Há momentos em que cada um grita: — Eu não vivi! eu não

vivi! — Há momentos em que deparamos com outra figura maior que nos mete medo. A vida é só isto? Por mais que queira não posso desfazer-me de pequenas ações, de pequenos ridículos, não posso desfazer-me de imbecilidades nem deste ser esfarrapado que vai de polo a polo. Tenho de aturar ao mesmo tempo esta ideia e este gesto ridículo. Tenho de ser grotesco ao lado da vida e da morte. Mesmo quando estou só o meu riso é idiota. E estou só e a noite. Por trás daquela parede fica o céu infinito. Para não morrer de espanto, para poder com isto, para não ficar só e o doido, é que inventei a insignificância, as palavras, a honra e o dever, a consciência e o inferno.

E ainda o que nos vale são as palavras, para termos a que nos agarrar.

É então um mundo de fórmulas a que eu obedeço e tu obedeces? Sem ele não poderíamos existir. Se víssemos o que está por trás não podíamos existir. O nosso mundo não é real: vivemos num mundo como eu o compreendo e o explico. Não temos outro. Estamos aqui como peixes num aquário. E sentindo que há outra vida ao nosso lado, vamos até à cova sem dar por ela. E não só esta vida monstruosa e grotesca é a única que podemos viver, como é a única que defendemos com desespero. — Pois sim... pois sim... — Estamos aqui a representar. Estamos aqui todos ao lado da morte e do espanto a jogar a bisca de três. Estamos aqui a matar o tempo. Este passo, que é único e um só, damo-lo como se fosse uma insignificância. Mais fundo: não existem senão sons repercutidos. Decerto não passamos de ecos. Submeto-me, subjugas-me. Já não reparo, já vejo turvo. — Jogo! — E de repente todo o meu ser é sacudido pelo espanto que tateia à minha roda. Raras vezes entramos em contacto, mas sinto-o aqui ao meu lado — sem nos chegarmos a entender. Nem quero! nem quero! Se me alheio um momento dou um grito de dor. Escaldo-me.

Na verdade o que eu não posso é ver, o que eu não quero é ver! A vila regula-se por hábitos e regras seculares — mas há outra coisa enorme para lá do cenário de que me rodeio. Para não ter medo criei eu isto, para a não ver criou o Santo o inferno. Há outra coisa esfarrapada e dorida. — Jogo! — Cada vez me sinto mais reles, cada vez as palavras me parecem mais gastas. Há outro ser que vai de polo a polo... Esta figura grotesca não é a minha figura. O salitre roeu os santos nos seus nichos — roeu-os também o sonho... Curvado sobre a mesa repito os mesmos gestos inúteis para não desatar aos gritos. — Jogo! — Isto para fingir que é indiferente o que nos rodeia, que estamos habituados ao que nos rodeia, que sorrimos ao que nos rodeia! Está ali a morte — está aqui a vida — está aqui o espanto — e só a ninharia consegue deitar raízes profundas.

20 de novembro

Fecho os olhos. A chuva desaba interminavelmente do céu, e na luz turva vejo sempre a vila, com as mesmas figuras de museu sentadas na mesma sala... Insignificância, insignificância, insignificância. Portas chapeadas que rangem nos gonzos como portas de prisão, fachadas com os vidros partidos, e uma, duas, três camadas de pó sobrepostas. Lojas térreas donde vem um bafo húmido que trespassa... Como todas as almas, todas as janelas estão perras, e o tempo vai substituindo uma figura por outra figura, uma pedra por outra pedra. Ponho-as em fila diante de mim, com os seus penantes usados, grotescas e maníacas. Considero. Vejo vir os gestos, as cortesias, as ações do confim dos séculos. Isto é nada — é vulgar e quotidiano. É uma aparência.

A vila é um simulacro. Melhor: a vida é um simulacro.

Atrás desta vila há outra vila maior. A lentidão, o gesto usado, a meia tinta mesmo em plena luz, toldam-me a visão. Sobre

cada ser caiu uma camada de pó. A vila é isto — e a vila não é isto. Que me importa a Adélia, um dia de inveja, um dia de aquiescência, um sorriso, baba, mesura atrás de mesura? Outra velha mexe por trás desta velha mesquinha. As letras assinadas, as letras protestadas deste ser absorto, o exagero minúsculo, têm outra significação. A realidade é a manha, a astúcia que cada um põe em jogo. Não há velhas com cartas na mão; há orgulho, soberba, inveja paciente. Há intuítos, cautela de quem caminha na ponta dos pés. Há forças e experiência, avareza e astúcia. E mais fundo outro, outro subterrâneo... Todas as palavras que se empregam têm, além da significação banal, uma significação que cada um pesa e calcula, e outra significação superior. Há palavras que requerem uma pausa e silêncio, e há palavras que é preciso afundar logo noutras palavras. Há pelo menos dois seres neste homem que toda a gente conhece, pautado, regrado, metódico. Ele e o doido morto por fazer esgares. Ele e o doido que só consegue comprimir à força de pontualidade. Esta velha não é a velha com quem lidamos — é outra. Tem tido um trabalho para fazer mal, nunca conseguiu fazê-lo. Se se arrisca, há de contar consigo mesma para se contrariar. É uma discussão que não acaba, com a boca amarga, arrependimento — e por fim não realiza uma catástrofe autêntica, que a engrandeça. Curvada sobre o lar remexe sempre as mesmas cinzas frias...

Todos se defendem. Por isso existe uma certa grandeza em repetir todos os dias a mesma coisa. O homem só vive de detalhes e as manias têm uma força enorme: são elas que nos sustentam.

Reparo melhor na vida secreta e na vida subterrânea. Compreendo como é difícil viver todos os dias e todas as horas, como através de tudo é forçoso seguir um fio invisível — e ser reles e sorrir. Gasta-me uma força superior, e com todas as chagas e todos os vícios, com a vida mesquinha e a vida quotidiana, o nada, o penante usado, o fel e o vinagre, tenho de arcar com uma coisa imensa de que me separa apenas um tabique.

Tudo o que faço é um arremedo. Está ali outra coisa quando falo, quando me calo, quando me rio. E falo mais alto porque a ouço mexer... Todos suportam o drama de todos os dias, o cinzento de todos os dias, as aflições e a usura que tornam as figuras ridículas e coçadas. Todos suportam os tratos que envelhecem e preparam para a cova, os pequenos interesses, a inveja, a ambição, a dor física. Todos os dias a Hermengarda amarga os brasões da Biblioteca, a Bisbórria todos os dias cisma na sua respeitabilidade, e aturam o azedo que pouco e pouco se deposita nas almas — e com isto uma coisa desconforme, que se levanta e deita connosco, não se tira do nosso lado, em quem ninguém fala e com quem temos por força de coabitar; diante de quem é forçoso ser vulgar e dissimulado, fazendo que a não vemos e com ela à cabeceira da cama...

Atrás da insignificância andam os céus, os mundos, os vagalhões doirados. Anda o desespero. Anda o instinto feroz. Atrás disto andam as enxurradas de sóis e de pedras, e os mortos mais vivos do que quando estavam vivos. Atrás do tabique e das palavras anda a Vida e a Morte e outras figuras tremendas. Atrás das palavras com que te iludes, de que te sustentas, das palavras mágicas, sinto uma coisa descabelada e frenética, o espanto, a mixórdia, a dor, as forças monstruosas e cegas.

Em certas ocasiões, se as palavras e a insignificância desaparecessem da vida, só ficava de pé o espanto.

Só a insignificância nos permite viver. Sem ela já o doido que em nós prega tinha tomado conta do mundo. A insignificância comprime uma força desabalada.

Para não ver, para não ouvir, é que nos curvamos sobre a mesa de jogo. Para te não ouvires a ti mesmo, para não veres o que te gasta a todos os minutos e a todas as horas, usura imensa que não sentes e que te vai levar para o escantilhão

sôfrego, que te vai mergulhar no silêncio profundo. Usura de todos os instantes. Gasta-nos, desgasta-nos. E todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias acordamos mais inúteis. Todos os dias acordamos com mais fel. E todos os dias com medidas, sem gritos de terror, nos curvamos sobre esta mesa de jogo, não vendo, fingindo que não existe, o espanto que está ao nosso lado, e o espanto pior que trazemos connosco. Chama-se a isto o quotidiano. Isto não tem importância nenhuma. Com isto enchemos a vida até chegar a morte. Esta mesa de jogo é a nossa existência vulgar, a vida de todos os dias, com o galope da outra vida ao lado. Não se passa nada! Não se passa nada! No verão o calor sufoca, de inverno a mesma nuvem impregna o granito, e apegase, amolece, dissolve pilares das janelas, casebres e a oliveira da praça, só tronco e duas folhinhas cinzentas. Em volta um círculo de montanhas, descarnadas e atentas, espera a tragédia — e as montanhas não desistem. De quando em quando, na solidão que à noite redobra, caem do alto da Sé as badaladas, uma a uma, pausa a pausa. O som tem um peso desconforme.

Estamos aqui todos à espera da morte! estamos aqui todos à espera da morte!

O SONHO

6 de dezembro

Chove. Cada vez vejo mais turvo, cada vez tenho mais medo. Estamos enterrados em convenções até ao pescoço: usamos as mesmas palavras, fazemos os mesmos gestos. A poeira entranhada sufoca-nos. Pega-se. Adere. Há dias em que não distingo estes seres da minha própria alma; há dias em que através das máscaras vejo outras fisionomias, e, sob a impossibilidade, dor; há dias em que o céu e o inferno esperam e desesperam. Pressinto uma vida oculta, a questão é fazê-la vir à supuração.

Esta manhã de chuva é um minuto no rodar infinito dos séculos, e os seres que passam meras sombras. Tudo isto me pesa e pesa-me também não viver. Do fundo de mim mesmo protesto que a vida não é isto. A árvore cumpre, o bicho cumpre. Só eu me afundo soterrado em cinza. Terei por força de me habituar à aquiescência e à regra? Crio cama, e todos os dias sinto a usura da vida e os passos da morte mais fundo e mais perto.

— É necessário abalar os túmulos e desenterrar os mortos.

É o Gabiru que se põe a falar sem tom nem som. Um homem absurdo. Olhos magnéticos de sapo. É uma parte do meu ser que abomino, é a única parte do meu ser que me interessa. Às vezes deita-me tinta nos nervos. Fala quando menos o espero. Chamo-o, não comparece. Se quero ser prático, gesticula dentro do casaco arrepiado: — A alma! — a alma! — Singular filósofo! É capaz de desejar a morte para ver o que há lá dentro; é capaz de achar vulgares até as coisas eternas. Ao lado da vida constrói outra vida. Sonha, e os seus sonhos são sempre irrealizáveis, transformam-se-lhe nas mãos em barro informe. Toda a gente se ri — já sonha outra vez... Para ele a vida consiste, encolhido e transido, em embeber-se em sonho, em desfazer-se em sonho, em atascar-se em sonho. Meses inteiros ninguém lhe arranca palavra, dias inteiros ouço-o monologar no fundo de mim próprio. Ignora todas as realidades práticas. Na árvore vê a alma da árvore, na pedra a alma da pedra. Deforma tudo. Põe a mão e molha — destingue sonho...

— A alma — diz ele —, ao contrário do que tu supões, a alma é exterior: envolve e impregna o corpo como um fluido envolve a matéria. Em certos homens a alma chega a ser visível, a atmosfera que os rodeia toma cor. Há seres cuja alma é uma contínua exalação. Há-os cuja alma é duma sensibilidade extrema: sentem em si todo o universo. Daí também simpatias e antipatias súbitas quando duas almas se tocam, mesmo antes de a matéria comunicar. O amor não é senão a impregnação desses fluidos, formando uma só alma, como o ódio é a repulsão dessa névoa sensível. É assim que o homem faz parte da estrela e a estrela de Deus. Nos vegetais, nas árvores, a alma é interior, pequenina emoção, pequenina alma ingênua e humilde, que se exterioriza em ternura a cada primavera: tocada pelo grande fluido esparso, vem à tona em oiro e verde, em deslumbramento. Nos minerais, na pedra concentrada e recalcada, que dor inconsciente, que esforço cego e mudo por não poder abalar as paredes e comunicar com a alma do universo! A pedra espera ainda dar flor.

Para ele estas coisas etéreas são visíveis. Vê tão exatamente como eu te vejo a ti a paixão, o ódio, o amor, os grandes fluidos desgrenhados de piedade e de génio. Há noites em que não resisto: fecho-me com ele a sete chaves para o ouvir. Tem-me estragado tudo. É o doido que em nós prega e nos deixa aturridos. Às vezes consigo afastá-lo, mas sucede que fico sempre com pena: se o escutasse talvez fosse mais feliz e mais desgraçado... Desdenho-o, e sinto-lhe a falta quando o não tenho ao pé do mim. Deita-me a perder se me apanha desprevenido. Quase sempre é ele quem manda em minha casa, e, mesmo quando falo como toda a gente fala, e quando rio como toda a gente ri, só a ele o ouço no mundo. Diz-me coisas que nunca ouvi, isola-me num vale apertado e cismático, longe de toda a terra, arrasta-me e desespera-me. Desaparece como um cão vadio, e quando volta, com lama de todos os caminhos, folhas de todas as florestas, reflexos de todos os enxurros, vem exausto, mudo e feliz. Vem feliz! É ele que me prega: — Toda a agitação é inútil. Não tenhas medo da desgraça! — E eu tenho medo da desgraça. À força de hábito cheguei a mantê-lo no seu lugar, mas nunca o pude suprimir, e quanto mais me aproximo da morte, mais saudades levo do Gabiru, que me estragou a vida toda.

Mora num velho pardieiro encostado à muralha da vila, que à noite redobra de proporções. O granito enegreceu-o, poliu-o a chuva, e a escadaria de pedra dá calafrios a quem entra.

— Essa alma, essa alma disforme, que vai de mundo a mundo, e que em cada ser realiza uma primavera, é que é tudo. O resto insignificância. É ela que nos devora e faz da morte a vida e da vida a morte...

Dum lado a muralha de dentes arreganhados para o céu, do outro o sórdido pardieiro, no alto a noite de luar como uma camélia gelada. Dentro disto sonho.

Ponho-mo a olhar para ele — ponho-me a olhar para mim. Passou a vida naquela inutilidade, de que sai a rever sonho

e com os cotos partidos a esvoçar na noite dorida. Primeiro afundou-se em experiências de laboratório, à procura da pedra filosofal. — Ridículo. Depois na aplicação da electricidade aos vegetais, que se consomem de febre, e se desentranham em flor, sem produzirem fruto. — Grotresco. Agora ninguém o arranca a infundáveis monólogos caóticos: — A morte! a morte! a morte! — Incongruência, obscuridade e dor também; a dor de quem vem da irrealdade, encolhido e transido; a figura estranha de quem se debate com o sonho e sai da luta esfarrapado e doirado. Se o tiram do sonho titubeia e não sabe onde põe os pés. Tem as asas partidas. Compreende então a sua inutilidade e desespera-se até reentrar na nuvem que o envolve. Puxa a si o mistério, e, entre as árvores e os fios elétricos que correm todo o quintal e ligam todas as árvores, ouço a sua voz magnética, que impregna de sonho o luar todo branco:

— Isto é um fluido dor, falta-me condensá-lo. É uma nuvem que envolve tudo, que vem do turbilhão da Via Láctea, arrasta tudo consigo, e ascende em espiral até Deus. Não, a sensibilidade não é individual, é universal. Basta ferir a sensibilidade, que vai dos nossos nervos até à Via Láctea, para transformar as noções do tempo, do espaço, da vida e da morte — basta deitar dentro dum tanque uma gota de vermelho para tingir toda a água. Deito-lhe sonho dentro...

7 de dezembro

A vila é tumular e encardida, mas oculta dentro dos seus muros um sonho desconforme. Talvez desconexo, mas desconforme. O sonho é dele: a própria casa de granito revê sonho. O Gabiru mistura, revolve, extrai sonho do sonho. Debalde o que é mesquinho lhe mostra os dentes: o Gabiru não ouve, não vê, não sente. O sonho isolou-o da própria mulher transida de frio, no casarão que deu à costa como uma nau do passado, com o cavername roído pelo mar das trevas.

É um ser quase etéreo. Nem sei dizer se existiu, se a criei; sei que se sumiu num sopro cada vez mais efémera, com dois olhos verdes de espanto. Sei que me pegou sonho, e que fui levado, perdido, como uma coisa inerte...

Morreu transida de frio. Uma mulher pálida — o que vale um pássaro. Ternura e dois olhos verdes de espanto. Hesita, mal pousa os pés no chão, chora baixinho, e vai talvez acordá-lo, queixar-se... Não se atreve, e esboça um sorriso logo molhado de lágrimas. Morre de frio. Agosto — morre de frio. Até para lhe sorrir se esconde, e põe-se então a olhar o muro (vou-te dizer o sítio), a falar com o muro, a queixar-se à grande nódoa de humidade da parede. Um nada de ternura tê-la-ia salvo — ninguém o arranca àquele sonho informe. Morta...

Ninguém. E depois que a perdeu tresvariou. Estende fios no chão entre as árvores, e as árvores, sob o fluido elétrico, todo o inverno se desentranham em flor. Pegou-lhes sonho também. É um desbarato, uma profusão que as devora. Absurdo. O quintalório ao pé da muralha, que há séculos revê humidade, não é maior que um lenço; a primavera só chega ali tarde e de mau modo, com pena das árvores de saguão. Mas arrepende-se logo. Já veem que o absurdo é maior ainda... Dezembro e primavera. O céu gelado, um brilho de estrelas em engastes novos, e, entre a cárie das paredes, as macieiras baixinhas e humildes como exalações de ternura. Mortas. Mortas, secas de sonho. Mortas as árvores desfeitas em flor.

— Este eflúvio é que é tudo: a torrente de ideias e a torrente de paixões. A minha atmosfera, a alma, penetra a tua atmosfera, e dissolve-a, domina-a, conquista-a. Recua, tateia, hesita. Mas escusas de falar para que eu te entenda. A matéria muitas vezes não me deixa compreender, mas é raro que eu não saiba logo quem tu és, e, mesmo que seja a primeira vez que te fale, as vezes que te tenho encontrado no mundo. — E logo: — A vida perdi-a a sonhar. Depois de morta é que dei com ela. Mas que

importa! Acabei com a morte, vou ressuscitá-la. Viveremos sempre, amar-nos-emos sempre...

A noite é de aparato. A lua de coral sobe por trás da montanha em osso, e depois na chanfradura das ameias. Mais flores — todos os galhos dão flor. Sente-se, quase se ouve, a dor das árvores, dos seres vegetativos, ao terem de apressar, de modificar a sua vida lenta, dispersos em ternura.

— Perdi-a, perdi a vida! Esqueci-a como esqueci tudo.

Sob o fluido elétrico o quintal tresnoita. Cai neve e abrem os primeiros botões. A árvore transforma-se num ser dorido e esplêndido — transforma-se em sonho — em sonho desfeito em flor, em flores espezinhas umas atrás das outras por camadas sucessivas. Os ramos espremidos escorrem dor. Até as pedras deitam tinta. O quintal escorre sonho como a alma do Gabiru. Atrevem-se e acordam as coisas apodrecidas, e velhas pedras iludidas põem-se a cantar nesse pio triste dos sapos, que sai da fealdade como uma inútil queixa de desventura. A noite côncava e branca — gelada — cobre indiferentemente tudo isto. Que não cobre a noite? Quatro paredes negras, no fundo remexe o sonho. Perco também a noção da realidade.

— Tanta flor!

— Para a sua cova. — E pondo em mim os olhos atónitos: — O que é preciso é ir buscá-los ao fundo da mixórdia, arrancá-los à obscuridade, juntar outra vez as bocas dispersas. Não morrer é nada: vou ressuscitá-los...

Imagina o negrume dum poço — imagina dentro o espanto, e não sei que luz viva, não sei que dor recalçada, não sei quê de humilde, que quer viver apesar de dorido. Vivo, e a pata enorme que espezinha e esmigalha. Escuridão e oiro — silêncio e oiro — espanto e oiro.

— Vê tu a árvore... Uma camada de flor — um grito; outra camada de flor — outro grito. Vê tu a árvore como se transforma num fantasma de árvore, e depois em emoção!...

Suprimir a morte! É uma coisa grotesca. O sonho transborda, o luar transborda — branco e dor — branco e sonho. Depois

o silêncio, depois a sua voz magnética — depois a sombra imensa que ameaça desabar sobre nós, no quintal do tamanho dum lenço. Desato aos gritos quando todas as roseiras, fartas de dar rosas, secam, quando da catedral e do silêncio caem uma, duas, três badaladas, que me apertam uma, duas, três vezes o coração. E o Gabiru com olhos de frenesi insiste:

— Não morrer é nada, suprimi a morte. O que é preciso é arrancar os outros ao silêncio. É uma coisa simples, é uma questão de síntese.

— A morte, — afirmo-lho — é o repouso eterno.

— Repouso eterno, estúpido! É exatamente o que está vivo, a morte. É o que está mais vivo.

Põe-se a olhar para mim com olhos de espanto sem se atrever a confessar-me a realidade envolvida no sonho desconexo. E eu espero... Deixou morrer a mulher — matou as árvores — devorou a vida. Há uma dor escondida sob esta sofreguidão absurda.

10 de dezembro

Na escuridade e no silêncio o sonho deita braços desconformes. Pega-se-me. Debalde luto contra o fluido que avança para mim como uma exalação de frenesi e de nervos. A teia invisível rodeia lentamente a inutilidade, a teia dissolve as almas, e fios impalpáveis apoderam-se da vila quieta e absurda onde só ele se atreve e cisma... Isto é possível ou isto não passa dum sonho grotesco, de mais outro sonho grotesco?

De que é feita a tibórnia, o líquido viscoso, cor de sabão, com filamentos verdes, que o Gabiru com olhos de sapo revê no vidro, através da luz — a maior descoberta do século, o soro que acaba de vez com a velhice e arreda a morte para confins ilimitados? Alguns sais, o sódio, o enxofre, o magnésio, o brómio, o carbone — e sonho. Dezassete elementos, entre os quais a prata, o cobre, o ouro, o arsénico — e dor. Matéria, espírito

e concentração. O mistério é este e mais nenhum: é exprimir como o que é espírito se transforma em matéria, como a poeira se condensa, como a alma se faz corpo. Gritos, mais desespero. Contar o quê? As noites infinitas, as mãos que tentam arrancar farrapos ao manto em que o mistério se envolve e procuram retê-lo quando ele se dissipa? Outra vez absorção, outra vez o rebuscar em ti mesmo o inexplicável, e os nervos que tendem e quebram, o cérebro que dói, o lento acordar das vozes submersas, a discussão, o tumulto, e poder distinguir, entre tantas bocas que falam, a única que tem direito a falar. É desta obscuridade, desta discordância, que emerge a ideia de suprimir a morte. Não te rias. Já to disse: é um ser à parte com cotos em vez de asas, que se agitam num desespero para voar. Não se contenta com esta vida nem dá por ela, mas fica sempre a meio caminho, e tão dorido que não é possível tocar-lhe. Já to disse: é um ser grotesco que põe em mim os olhos turvos e teima, insiste, repete:

— Sobre a vila, repara, paira uma atmosfera cinzenta, composta de todas as atmosferas: é a alma da vila. E afirma cheio de convicção: — Deito-lhe sonho dentro.

Queira ou não queira faz-me cismar... Na realidade morrer é absurdo. Nunca me capacitei a sério que tivesse de morrer. Morrer é estúpido. Não compreendo a morte, e, por mais que desvie o olhar, prendo-me sempre a essa hora extrema — só essa hora me interessa... Um ser grotesco, um unguento verde, e aquela voz aos meus ouvidos. É caricato e pega-me doirado.

E o pior é que este sonho é afinal o meu sonho e o teu sonho. Ninguém o confessa senão a si próprio. O nosso sonho é não morrer. Quando a gente se esquece a vida tem já passado. E quando a vida tem já passado é que nos agarramos com mais saudades à vida. A resignação custa muitas horas doridas em que ficamos alheados e suspensos. A morte... A morte é inevitável? — pergunto baixinho. E como a morte é inevitável, como não lhe posso fugir, para não perder tudo, criei a outra vida. E afinal quem sabe se este sonho que a humanidade traz

consigo desde que pôs o pé no mundo não é o maior de todos os sonhos e o único problema fundamental?

A verdade é que teima. Não nos larga na vida e levamo-lo escondido para a cova. A verdade é que foi esta sempre a nossa maior aspiração, que há de acabar talvez por se converter em realidade. Temos construído o universo assim, podemos construí-lo de outro modo. Falta só um passo... A vida eterna admitimo-la, mas, no fundo, o que nós queremos é este sol, esta pobreza, esta dor, estas ilusões moídas e remoídas. Deixem-nos a vida que aceitamos tudo. Aqui há, portanto, um erro primário. Protestas do fundo do teu ser: a morte é absurda. É preciso cortar um nó que não existe. E passar do império do possível para o império do impossível é talvez uma questão de vontade. A vida é um ato de fé de todos os instantes. Acordo e grito: — Eu não vivi! eu não vivi! — E cada vez o meu protesto ascende mais alto. Quero tornar a viver a mesma vida aborrecida e inútil, quero recomeçar a desgraça.

Ninguém pode com semelhante peso. Não há quem possa com ele. Na solidão, a primeira coisa que procuro é a ninharia para esquecer a morte. Um minuto sós a sós com o espanto, recamado de mundos, que caminha desabaladamente no silêncio, dura um século e outro século ainda. Não posso, nem tu nem eu, viver sobre o fio duma espada e olhar para a voragem dum e de outro lado; não posso arcar todos os dias com esta usura que me gasta sem mergulhar na insignificância. E agora até a insignificância me é impossível. O silêncio... O pior de tudo é o silêncio e o que se cria no silêncio, o que eu sinto que remexe no silêncio...

Carrega em cima de nós tal peso que ninguém o suportava se desse por ele. É o peso do espanto.

Juntem a isto a vila comezinha, e o negrume que levanta os cotos esfarrapados, como se fosse voar, quando o padre Timóteo dá o seu passeio habitual no pátio da Misericórdia,

e, na meia dúzia de metros quadrados com árvores éticas do jardim, as Sousas arrastam os vestidos, última moda do Grandela. Juntem a isto a grande nódoa de humidade a que ela costumava queixar-se. Juntem a isto a Morte e aquela voz de desespero cada vez mais frenética, que não cessa de pregar, e que me põe em frente de mim mesmo, que é o que mais temo no mundo.

— O que eu quero é tornar a viver. A minha saudade é esta. O que eu quero é recomeçar a vida gota a gota, até nas mais pequenas coisas. Não reparei que vivia e agora é tarde. Sinto-me grotesco. Recomeçá-la nas tardes estonteadas da primavera e na alegria do instinto. Encontrei há pouco uma árvore carcomida: deixaram-na de pé, e um único ramo ainda verde desentranhou-se em flor... Pudesse eu recomeçar a vida! — Cala-te! — Terei de confessar a mim próprio que nunca ameí, que nunca fui arrastado até ao âmago pelo desespero ou pela paixão, e que de tal forma se me entranharam as palavras e regras, que passei a vida a mascar palavras e regras? Terei de confessar a mim mesmo que vou para a cova com a boca a saber-me a vulgaridade e a pó? Antes me soubesse a fel — antes a dor!... — Mas sonhaste, estúpido! — Sonho. E o que me resta nas mãos inermes, nas mãos para que olho com espanto e terror, nas mãos de velho, senão grotesco, farrapos de grotesco, restos de grotesco, com alguma tinta em cima?... Não; viver é que é bom, viver com o instinto, como os ladrões e os bichos, os malfeitores e as feras, sem pensar, sem sonhar, sem palavras nem leis, até cair a um canto, morto e feliz, de barriga para o ar. Isso sim! isso sim!... — Quantas conversas temos tido juntos! quantas discussões inúteis! quantos desesperos de que não há sair, batendo com a cabeça na mesma parede! Às vezes subjugo-o: — Cala-te! cala-te! — Às vezes fala ele mais alto e domina-me. Rio-me de ti e impões-te-me. És ridículo e só tu te atreves; só tu és feliz porque te atreves a dizer inconveniências sem fé nem lei. Só tu não tens método, só tu te fechas a sete chaves à tua vontade, livre, feliz e desprezado. No fundo invejo-te.

Aquilo incha, trasborda, como um rio que alaga tudo. Pega-se-me e molha-me. Aturde-me. Só ele fala no mundo, cada vez mais obcecado e mais alto, com interjeições e gestos desordenados pelo meio: — Estúpido! — Hei de falar! quero falar! Hei de por força falar! — E há aqui dor e ridículo. Há um esgrouviado a dizer vulgaridades, e uma coisa que vem da raiz da vida num frémito e que me mete medo. Um bafo, e logo mil vozes que aproveitam o momento e desatam a pregar sem tom nem som. — Toda a gente se ri de ti... — Deixá-lo. — Toda a gente se ri! toda a gente se ri! — Quero por força tornar a viver! Hei de por força tornar a viver! Sinto que a minha vida não termina aqui. Este sonho hei de levá-lo a cabo.

Debalde lhe aconselho calma, o Gabiru insiste:

— Entrevejo na morte um sofrimento atroz. O inferno não é uma palavra vã. É um desespero sem consciência nem gritos. A vida não é senão uma trégua — um ah — e logo um mergulho nesse inferno de dor. Na dor estreme. Eis o que é a morte: a dor estreme, a dor emudecida. O terror instintivo da morte é uma advertência. Não quero morrer e vou ressuscitá-los!... Viver sempre! amar sempre! sonhar sempre! — que esplêndido sonho! A vida é quase nada. Tudo que custou tanto desespero, tudo sumido num buraco para sempre. Ouves? Para todo o sempre. De que serviram os gritos, as lágrimas, subir, trepar, chegar ao topo do calvário? Para todo o sempre! Bem sei: aquilo a que me apego é impalpável: é a mulher que passou, assomando-lhe ao focinho uma expressão de ternura, e que nunca mais tornarás a encontrar; é aquela manhã de chuva em que nos molhámos juntos (e ainda me sinto molhado) e se não repete; é o minuto que nos escorre das mãos como fio de água, mas doira-o o sol, e é esse mesmo minuto translúcido que quero tornar a viver, sem a sombra da morte a meu lado. É a essa ninharia que é a vida, a que deito as mãos com desespero. A vida é nada — é esta cor, esta tinta, esta desgraça. É saudade e ternura. É tudo. É os meus mortos e os meus vivos. Levo pena de tudo, até da fealdade.

Agarro-me a tudo, tudo me prende, o sonho que não existe, as horas inúteis, o possível e o impossível. A floresta não faz parte do meu ser, e eu tenho aqui a floresta, o som e o aroma da floresta, a vida da floresta; o céu não faz parte do meu ser, e eu sou o céu profundo, o céu trágico e o céu esplêndido. Dá-me a vida — dou-te tudo em troca... Agarro-me como um naufrago, agarro-me com uma saudade, que vem não só de mim mas de muito mais longe, da base mesmo da vida. Para sempre! para todo o sempre! — E, com um suspiro mais fundo, repete: — Suprimi a morte, vou ressuscitá-los!

Trago comigo um pó capaz de doirar a própria eternidade. Não sei donde me vem, nem por que nome lhe hei de chamar. Todas as noites sufoco diante do negrume — ele reanima-me. Insiste diante das forças desabaladas e da imagem da morte. Quero a vida! quero-a! quero-a vulgar, tumultuária e cega. Inerte não! inconsciente não! Tenho-lhe horror.

Se com o nosso esforço coletivo forjamos o mundo, porque deixamos a morte de pé? Criei o universo. Destaquei da massa confusa o tempo — destaquei o sonho.

Fui eu que dei valores e perspectiva ao quadro. Fui eu que lhe entornei ilusão. Na verdade só existem cores como só existem gritos. Porque não hei de acabá-lo? É talvez uma questão de vontade. Se até para dar o primeiro passo precisamos de crer, porque não havemos de dar o último passo? Ilusão, mentira? Mas eu é que faço a verdade e a mentira. Dou-lhes o meu bafo. Deus cria-me a mim, eu crio Deus. Uma verdade pode não existir. Com uma mentira posso forjar outro mundo. Arredemos de vez este suor frio.

A noite vem, a noite avança. Sinto os mortos. Ainda vivo, já estou em seu poder: faço parte da legião. Noite imensa sem gritos. Pior que sofrer — é não sofrer — para sempre. É nunca mais sentir. É ter as órbitas vazias voltadas para o céu e nelas

não se refletir a luz das estrelas. Mais um passo e é o silêncio absoluto. Mais um passo e tapas-me para sempre a boca.

Não me importa ser feliz — não me importa ser desgraçado. O que me importa é o que há depois, é o que está por baixo da terra e o que está por cima da terra.

Já não luto. E ele insiste e cada vez prega mais alto:

— Eu não vivi. Que importa, vais morrer! Para sempre, para todo o sempre, o mesmo buraco donde não sai rumor. Escuta isto: donde não sai rumor. Repete isto: para todo o sempre. Nenhuma explicação te é lícita, nenhuma transação é possível. A morte não espera nem atende. É estúpida. Primeiro é estúpida, depois é incompreensível. É tremenda porque contém em si mistificação ou beleza. Absurdo ou uma beleza com que não posso arcar. O nada ou uma coisa que a minha imaginação não atinge. Se é o mistério, e se desvenda dum golpe, apavora-me. Se é o nada repugna-me. Apenas um minuto, e lá em cima as mesmas estrelas, e outros vagalhões de estrelas... Para ela tanto vale um segundo como um século, carrega um ser inútil ou um ser delicado com a mesma indiferença para o túmulo. Tens passado a vida a esperá-la. Que outra coisa fizeste na vida senão esperar a morte? É a tua maior preocupação. Debalde a arredamos: a vida não é senão uma constante absorção na morte. Então para que nasci? Para ver isto e nunca mais ver isto? Para adivinhar um sonho maior e nunca mais sonhar? Para pressentir o mistério e não desvendar o mistério? Levo dias, levo noites a habituar-me a esta ideia e não posso. Tenho-te aqui a meu lado. Nunca se cerra de todo a porta do sepulcro. Estou nas tuas mãos... Adeus sol que não te torno a ver, e água que te não torno a ver. Árvores, adeus árvores que minha mãe dispôs; adeus pedra gasta pelos seus passos e que meus passos ajudaram a gastar. Para sempre! para todo o sempre! Tenho-te horror e odeio-te. Interrompes os meus cálculos. És o maior dos absurdos. Ver para não ver, ouvir para não ouvir, viver para morrer!...

E aqui te faço uma confissão: o que mais me custa a largar é, como à cobra a pele, a vida comezinha. Se é a vida superior é também o meu lume. É o ruído monótono da chuva nas vidraças. Além da alma há outra alma que se apega às pequenas coisas, à coluna de oiro perfumada que me entra de manhã pela janela — outra alma humilde e pequenina, que se acomoda com um fio de água, um cantinho de lume... É a alma da matéria. Não, o fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde? Até Deus. Vou ressuscitá-los! Vou ressuscitá-los! E em eles se pondo a caminho vais ver doirado. A vida toma novo impulso. Desaparecendo a morte é que tu abranges a vida. Vais ver a cor que toma o mundo, as tintas que o mundo escorre e as flores que as árvores criam... Vou ressuscitá-los! Vou ressuscitá-los!...

A terra remexe. Sinto um esforço e revive o suor da desgraça; um arranco na profundidade, e todas as primaveras dispersas não tardam, uma atrás de outra, a reflorir. Há sepulcros até ao fundo do globo. De mais longe vem um ímpeto — são outros mortos ainda. Uma sombra desmedida, uma sombra que se despega da obscuridade, com todas as lágrimas que se choraram no mundo condensadas, vai desabar sobre nós. As suas palavras criam. O pior foi tocar-lhe! Neste debate entra agora o mundo todo. Entram as árvores e as pedras. Não há dúvida para mim: quando sair disto tenho renascido: o mundo não é o mesmo mundo, o céu o mesmo céu, a vida a mesma vida. O que existe é outra coisa doirada e imensa, esfarrapada e imensa. Põe-se a caminho outro panorama, como se todo o infinito de repente se aproximasse de nós, com os seus mundos e o seu mistério indecifrado. Põe-se a caminho a imensa floresta apodrecida, outras árvores como nunca vi árvores, e outros seres desmedidos e frenéticos. Põe-se a caminho uma vida que há muito sentia aqui ao lado, sem me atrever a olhá-la. Tudo mudou de repente. Repara que o céu aumentou em profundidade. O que existe são gritos, o que existe é o espanto. O pior foi tocar-lhe...

Um remexer de treva, que até agora pudemos recalcar, soltou-se da escuridão e pôs-se a caminho. Já não há esforços que a conttenham... Um borrão trágico avança — outro borrão informe prepara-se. Os mortos empurram os vivos — desde profundidades desconhecidas...

Passa no mundo a estranha ventania: é a morte que custa a separar da vida. O rasto que fica atrás, a perspectiva que fica adiante foi cortada. A morte está aqui dum lado, está do outro a vida. Tinha raízes enormes: arrancaram-lhas de vez. Agora atrevo-me a tudo. O turbilhão colérico abala o mundo, oiro e negro, esplêndido e feroz. Desenraíza tudo. As almas acordam num sobressalto, e não há homem que se não ponha à escuta. Passa no mundo a doida ventania das nossas aspirações secretas, das nossas dúvidas, dos nossos desesperos. É uma voz — são muitas vozes. É um grito — são muitos gritos. — É o grito contido há milhares de anos, o grito dos mortos libertos.

A VILA E O SONHO

18 de dezembro

Em lugar do uso de palavras fazia isto melhor com o emprego de dois tons — cinzento e oiro: uma nódoa que se entranha noutra nódoa. O sonho turva a vila como a primavera toca neste charco só lodo e azul: tinge-o e revolve-o. Mas o hábito de tal forma se entranhou na vida, que coabitam com o espanto e continuam a ir à repartição. Horas na torre. Mais silêncio. A morte roda aqui por perto, alguém fala: — Então como passou? passou bem? — O hábito tem profundidades de légua.

A princípio olham-se desconfiados, com medo uns dos outros. Sem dúvida gostam de viver mais um século, mais dois séculos, mas não sabem ainda que emprego hão de dar à existência. Não se lhes dava mesmo de morrer com tanto que continuassem a jogar o gamão no infinito. O que lhes custa mais a perder não é a vida, são os hábitos. Veem-se e não se reconhecem. Há almas embrionárias, velhos lojistas que olham para si próprios com terror. A maior parte da gente nasce, morre sem ter olhado a vida cara a cara. Não se atrevem ou ignoram-na: a outra existência falsa acabou por os dominar.

Não há máscara que não custe a arrancar — há mentiras que têm raízes mais fundas que a verdade. Por isso, para uns não morrer é continuar a jogar o gamão pela eternidade, para outros é juntar uma moeda a outra moeda, um dia a outro dia inútil. Sempre... Já na botica dois idiotas recomeçaram com escrupulo uma partida que deve durar 100 anos, e o bocal amarelo, as moscas mortas estão ali com outro ar. Fixaram-se. Estão ali embirrentas e sórdidas para toda a eternidade.

Pouco e pouco o sonho dissolve, a nódoa de oiro alastra. Vai mexer com o subterrâneo, acorda os mortos, desenterra o sonho submerso há 2 mil anos, sobressalta o instinto, bole com todas as almas sobrepostas até ao fundo da vida. Transforma, volta a existência do avesso, deita o muro abaixo. Por ora é só uma ideia, mas sai-nos de cima o peso do mundo... Mexe em tudo, revolve todas as raízes que se apoderaram da vila. O sonho cai na regra, no charco de interesses, na hipocrisia que se não atreve, nos dentes afiados que se transformaram em sorrisos, na paciência de quem espera uma herança com vagares de quem tece uma teia. Certas existências são formidáveis, outras existências são como alcovas onde nunca entrou a luz (cheiram a relento) e onde agora se agita e gesticula um ser desconhecido. Certas existências são feitas de ódio minúsculo, de inveja que sorri — porque nem a inveja se atreve. Certas existências são crepusculares. Em certas existências são os mortos que ordenam, muito mais vivos e imperiosos depois que estão no sepulcro. Quase toda esta gente se desconhece. Nunca se atreveram e agora perguntam-se: — Sou eu? sou eu?

Aqui estou eu que finjo que sorrio, e acabo por fingir toda a vida. A minha vontade era anular-te — e finjo, e o sorriso acaba por ganhar cama, a boca por se habituar à mentira, a ponto de já não saber discernir o meu ser, do ser artificial que criei peça a peça. — Pois sim... pois sim... — Mas atrás disto há outra coisa — há fel. E quando tiro a máscara? Mas eu já não posso tirar a máscara, mesmo quando me fecho a sete chaves: a mentira entranhou-se-me na carne. Este fantasma chegou a ter mais

vida que a própria realidade. E aqui andam também outros seres. Eu não sei quem sou e até o meu metal de voz estranho. Eu não sou quem falo. A meu lado, atrás de mim, vem um cortejo de fantasmas, uma cauda disforme que me conduz e empurra, e adiante de mim há uma projeção de vida até aos confins dos séculos.

Acaba a hipocrisia. Acaba principalmente a hipocrisia para conosco, mais difícil de largar que a própria pele. Eu minto mais a mim mesmo do que minto aos outros, finges tanto com a tua alma como com a minha. Primeiro é a hipocrisia que descasca. Acabou! acabou! E com espanto ouço e desconheço a minha própria voz.

É que a morte regula a vida. Está sempre ao nosso lado, exerce uma influência oculta em todas as nossas ações. Entranha-se de tal maneira na existência, que é metade do nosso ser. Incerteza, dúvida, remorso... Nunca se cerra de todo a porta do sepulcro, sentimos-lhe sempre o frio. Agora não, a vida pertence-nos. A morte não existe, desapareceu a morte...

Ali a um canto um ser desata a rir, a rir, a rir como nunca ninguém se riu.

E, através da pedra destas fisionomias, transparecem já outras fisionomias: as velhas, como uma roda de aranhas de penante na cabeça, apertam o círculo em volta da majestosa Teodora. São anos de paciência, de inveja e de fel — são anos de tragédia. Sobressaltam-se as futilidades que estavam para durar séculos, mas ninguém arrisca ainda um gesto que o comprometa. Têm-lhe obedecido de rastros. O tempo passa, e com o tempo esta luta entre o inferno e o sonho revestiu-se de cimento e de grandeza.

Obedece e sorri a Eleutéria. Mói, tem moído a vida inteira. Mói-se a si e aos outros. — E o tempo passa... — Obedece e sorri a Adélia, que esperou, tem esperado a vida inteira. A miséria conserva: tem os cabelos pretos. 6, 12 vinténs

desequilibram-lhe o orçamento: perde-os todas as noites com um sorriso de angústia. — Obedece e sorri a Porfíria, que é a pior de todas; é feita de destroços e de restos. A aquiescência também está presente com a D. Restituta, de guarda-chuva na mão, acenando sempre que sim à vida: — Pois sim... pois sim. — Faz-se um pouco surda para só ouvir o que lhe convém. Nunca diz mal dos outros, nunca repete numa casa o que ouviu cá fora. Às vezes, de noite, vira-se e revira-se na cama, mas nem sozinha se explica: suspira. É na aparência um pouco trôpega, um pouco adoentada e surda: tem uma saúde de ferro e um filho escondido. E ao passo que a D. Restituta, tendo dito a tudo que sim, tendo dito a tudo e a todos que sim, já não pode dizer, com o mesmo esgar, senão que sim: — Pois sim... pois sim... — a Adélia é ríspida: um vestido, um xale, um chapéu de plumas, e o desejo exasperado de toda a sua vida (tem 60 anos) de ter uma sala de visitas com dois castiçais de prata e um álbum. O álbum lá está, na sala que cheira a bafio, e há 22 anos que dois paninhos redondos de croché esperam os castiçais de prata. Obedecem as figuras secundárias, atentas e imóveis sobre o jogo, dependentes umas das outras, ligadas pelo mesmo interesse. A alma destas velhas chegou assim a ser prodigiosa. Façam o favor de entrar... Algumas flores murchas num cantinho com mofo. Depois paciência, avareza, depois um vasto campo funerário, onde passa o vento da desolação como na retirada da Rússia. E dominando a paisagem dois ou três marcos geodésicos. Lá no fundo uma pegada de vida empoçada e que reflete o céu: ali se miram e remiram na sua mocidade. Notem: nenhuma disse uma palavra mais alto. Tudo isto se fez pelo lado de dentro — tudo isto cresceu pelo lado de dentro, de tal forma que se fosse material não cabia no mundo, com colunatas, pórticos, destroços e subterrâneos, como uma catedral gótica. Aqui nesta cripta está o relento, branco e mole, criado na escuridão e no silêncio, branco e mole, branco e sem olhos. Várias sepulturas com estátuas jacentes e, mais adiante, sobre sarcófagos, a Tradição e a Fórmula, que durante os anos

que durou a busca defenderam a majestosa Teodora dum envenenamento. Aqui agora — cuidado! — a escuridão é viva, a escuridão é sonho, é sonho requentado como um acrescento de todos os dias, sonho com que não podem mais, ao lado da vida quotidiana. Como sempre as velhas deitam-se cedo, rezam o terço, e antes de dormir juntam um pormenor ao sonho inútil, uma figura aos nichos, um pórtico aos pórticos, um terraço aos terraços — até que adormecem com um sorriso cândido e um cheiro pela boca que tresanda... Aqui com o tempo acrescentou-se um alto-relevo esquecido; aqui as figuras são figuras de delírio; aqui a nave atinge alturas desconexas sustentada num único pilar; aqui abre-se uma ogiva com vitrais, que esclarece a uma luz funérea um quadro indistinto, e que é talvez a recordação dum amor já morto — porque elas também amaram — aqui o mistério envolve-se em sombras condensadas, onde agoniza um Cristo exânime que mete medo. Adiante, num friso incompleto com uma cidade fantástica, campeia o diabo; depois um remate enfumado, cachorros sustentando uma arcatura, onde se admira a delicadeza e a abundância de ornamentação (é a paciência); e, neste canto, mais sonho, entre negrume acumulado, treva viva num buraco de treva, que a si própria se enovela num desespero, até que não cabe na catedral, irrompe para o lado de fora e chega num jato ao céu... Isto não é a catedral de Burgos — é a catedral do fel e vinagre.

Todas aceitavam a morte e a vida quotidiana. Resignavam-se. Mas o que esta palavra representa de sonho desfeito em fumo, de cóleras inúteis, de inveja inútil, de bolor e de despeito, tradu-lo a paciente D. Hermínia por este grito feroz:

— Estou farta, senhor padre Ananias! Estou farta de o aturar a si, de aturar os outros, e de me aturar principalmente a mim mesma!

Toda a gente dá a mesma ferocidade, ódio e instinto. Espremidos deitam as mesmas paixões. Uns ignoravam-se. Outros

usavam a vida em manias. Outros gastavam-na em grotesco. Outros habituavam-se. A paciência era pegajosa. A paciência tinha uma cor especial, verde desbotado, que mal feria a vista, e um filho, a cobiça, tal qual como a D. Restituta, que encrespa o pelo e se põe de pé com o guarda-chuva em riste.

Cada ser me perturba como se contivesse em si o céu e o inferno. Bem sei que a fórmula não é inútil: ao contrário a máscara é indispensável e é por ela que nos julgam. Mas, apesar de criarmos o mesmo bolor e de nos sepultarmos ao mesmo tempo com certa comodidade sob alguns palmos de terra, há qualquer coisa que remexe e que faz parte integrante da vida. Até o escuro se eriça — até a grande sombra se deforma. — Muita gente na vida só conta com a morte. A D. Desidéria desata aos ais. E é com secreta satisfação que vejo esfarelar-se este edifício tão bem construído sobre bases que pareciam inabaláveis, do interesse, da hipocrisia e das conveniências... Impelidos por uma mola dão todos um passo em frente, e há três dias que os padres se descompõem na colegiada sem se chegarem a entender: — Lá vai o inferno! lá vai o inferno! — E efetivamente, dum instante para o outro, lá vai o inferno que tanto custou a fazer, e outras sombras temerosas reduzidas a cisco. Lá vai o cenário admirável e monstruoso, todas as regras, todos os papéis pintados, que atravancavam o mundo, e eram pelo menos metade da nossa existência. O que tinha uma importância extrema passou a não ter importância nenhuma; o que parecia indispensável à vida, e sem o que se não dava um passo na vida, reduziu-se num minuto a zero. E outras coisas insignificantes assumiram proporções enormes... Os padres clamam num coro desesperado: — Acabou o inferno! acabou tudo! — Descompõem-se na sala da colegiada que deita para o passado: — o claustro com um pé de oliveira, e dois túmulos encravados na parede, cenografia para o Hamlet, — ser ou não ser eis a questão... Cheiram a urina e a ranço. — A religião sem inferno está perdida. — Mas lá por o homem ter suprimido

a morte, não deixa de haver inferno — insinua o estúpido cónego Fazenda. — Isso está claro que não deixa, obrigado pela observação, mas é um inferno tão distante que não mete medo a ninguém. — Protesto! — Lá vai o inferno! acabou o inferno!

Lá vai também o céu, mas o céu não faz falta nenhuma.

Já não há esforços que contenham o mundo subterrâneo que se pôs a caminho. Aos mortos cheira-lhes a vida, a saque, a infâmia. A poeira remexe. Por mais que queiram conter a vida dentro de certos limites, ela extravasa e vem a supuração; por mais que a queiram comprimir estala por todas as costuras. É inútil. Além da vida aparente, há outra vida de ódio, de sonho, de interesses ocultos. É a vida, é o que eu cismo de noite e me sustenta de dia. É o desejo de extermínio, é o sonho que arredo e me pega fuligem: são os restos de sonho de toda a gente. Em todas as almas, como em todas as casas, além da fachada, há um interior escondido. Saem dos antros entontecidos e respiram, olham o céu e respiram. Saem dos buracos e põem-se a rir, ou falam só, o que é a primeira vez que sucede na vila. Emergem da noite e vão deixando cair os farrapos. Respiram com sofreguidão, os gadanhos afiam-se-lhes, e o mesmo desejo os domina: a vida! a vida! a vida!

Só esta velha parou de remexer nas cinzas frias. Petrificou-se mais, petrificou-se mais ainda, e a figura exprime, na imobilidade trágica, sonho e desespero, dor e desespero, noite e desespero...

É um erro supor que o homem ocupa um espaço limitado no universo: cada homem vai até ao interior da terra e até ao âmago do céu. A parte de cima foi cortada, mas o que resta da alma é um poço sem fundo. Uma obscuridade. Por vezes fala a lei e o hábito. Intrometem-se coisas abjetas a que não sei o nome. Agora é a vez do impulso — agora é a vez do interesse. A mania também tem os seus direitos. De mais baixo ascendem ordens que se não chegam a formular. Desço

mais fundo no poço e encontro restos sórdidos e candura. Por baixo sonho — por baixo fragmentos e gritos... As velhas, por exemplo, não são más, mas têm atrás de si séculos de ruína e de destroços. Há-as que acordam sempre com a boca amarga. Já tiveram 20 anos, e cada uma delas suporta uma cauda de desespero, de ilusões desfeitas, de ilusões intactas, de desejos irrealizados, que lhes pesa como chumbo. Cada velha arrasta consigo uma porção de cadáveres... De mais fundo vem outro impulso... Começo a ouvir vozes que supunha de todo extintas: acordam e de tal forma se impõem, que a D. Procópia desata a falar sem tom nem som. Nessa vasa, nesse lodo adormecido, jaziam seres ignorados que vêm à superfície: sentem-se no silêncio as mãos agarrando-se às paredes. Um a um todos deitam raízes tremendas. E a nódoa imensa alastra, a nódoa desordenada, que satura de oiro a insignificância e o génio, a nuvem que envolve a D. Inocência, encrespa os cabelos à D. Leocádia, fez esquecer a dispepsia ao D. Prior, arreganha os dentes à D. Restituta. Pega-se. Torna uns mais ridículos, concentra outros. Vai remexer no que estava sepultado há 2 mil anos, no bolor e no bafio, nas paredes compactas da Sé, nos santos imóveis nos seus nichos, na inutilidade e no hábito. E doira, doira, doira; doira o Teles e o Reles, doira a hipocrisia e o medo, o egoísmo e o interesse. E ao mesmo tempo que os transforma, põe-nos frente a frente a uma coisa estranha que não admite subterfúgios — à realidade.

Desaparecendo a convenção e as palavras, que vai sair daqui de temeroso e de ridículo? Transformado o mundo, com que olhos vamos ver o mundo? Tudo isto eram frases e só existem instintos? A honra era uma frase, o dever uma frase e a vida um cenário? Cada ser é capaz de todas as perguntas e de todas as respostas. Escorre todas as tintas e possui todas as cores, e só por hábito adquirido há séculos é que conseguimos olharmos-nos cara a cara, quanto mais alma a alma.

Há diálogos na obscuridade em que se empregam palavras que nunca se usaram, e figuras que já não são as mesmas

figuras. Todos nós somos disformes. — Deixem-me! deixem-me! — Agora quando falam já não é para dizer coisas convencionais. — Estou à espera, tenho estado aqui à espera toda a minha vida. — À espera de quê? — À espera desta hora suprema, à tua espera... — Mas fala... — Não posso, só com gritos é que posso falar... — A outra coisa temerosa sacode-os... — Tu ouves? — Não te quero ouvir. Se consegues ficar comigo sós a sós, sinto que estou perdido. Tudo que me deu tanto trabalho a construir, alui-se num único minuto. Teimo em me defender — teima em se fazer escutar... — Tu ouves? tu ouves?... — Mas tu não existes... Ou tu não existes ou só tu existes no mundo... — Estremecem até à base da vida, e, neste cataclismo, ainda se lhes pegam coisas vulgares e coisas inúteis — o que se faz e o que se não faz, o que se usa e o que se não usa, as conveniências e os hábitos rançosos. Há diálogos formidáveis na obscuridade. Há almas extáticas, há-as reduzidas ao espanto. — Ouves? — tu ouves? — Não tenho a que me apegue, mal ousou pôr os pés. Até agora sabia quem era, ou fingia sabê-lo, agora pergunto se sou a D. Leocádia, a D. Procópia e a D. Penarícia? Só posso viver ligado a certas palavras, a certos factos, a certas bases que julgava indestrutíveis, e um nada destruiu tudo isto, transformou de todo a vida. O sonho tem outra cor, e a nódoa de oiro alastra, corrói, mistura-se a nódoas mais escuras e mais fundas, penetra, dissolve, produz logo manchas corrosivas como úlceras. — Frases ainda eles as têm, mas o pior é que cada um sente com espanto que já não subverte a verdade. Pergunto a mim mesmo se a deixo morrer, ou se a deixo viver mais 200, mais 300, mais 400 anos? Agora que a sua vida só depende de mim, pergunto a mim mesmo se a deixo viver — contra os meus interesses? Eram tremendas as questões de dinheiro que a morte resolvia. Quem as resolve agora? Debatem-se em cada consciência problemas que só têm uma solução — a morte. Escusas de desviar o olhar: só têm uma solução — a morte. E de mais fundo ascendem outras vozes e falam cada vez com maior desespero. — Não desvies o olhar. Tu ouves?...

Assim como esta clamam as vozes interiores, mais alto, sempre mais alto, imperiosas, as vozes da multidão que constitui a tua alma. Isto coincide com o grotesco dos homens de calva e ventre gorduroso, meios nus em plena praça, sem se atreverem a vestir-se ou a largar de vez os trapos convencionais; isto coincide com uma primavera antecipada, em que as árvores, sentindo talvez que vão ser a nossos olhos apenas coisas utilitárias, se apressam a dar flor, em que os céus noturnos e sem mácula parecem ter gelado em azul com fundos de oiro revolvido...

Alguns põem-se a caminho e marcham com olhos inquietos. Passa essa sombra trágica, a mulher do Anacleto. Estes dois que foram sempre pessoas consideradas, com assento na existência, e que usam a cabeça como quem usa um resplendor, o Elias de Melo e o Melias de Melo, sentem um baque que os amolga. Porquê? Eles têm tudo em dia, as contas, os livros, os escrúpulos. A praça considera-os, Deus considera-os. — A nossa mãe morre... — E não tiram o lenço dos olhos. — Veneram-na. Mas o respeito pelos pais só resiste enquanto os pais respeitam o interesse dos filhos. Há decerto uma lei moral, mas há sempre por trás uma boca a pregar. Uivos, gritos, exasperos. É a transformação do grotesco em ferocidade, é a camada de hipocrisia que custa a romper. Imaginem isto: imaginem o lojista em debate com a vida subterrânea, o lojista deparando pela primeira vez com uma alma esplêndida, e a D. Adélia, de chinó postiço, fechada numa gaiola com a verdade e aos saltos uma à outra.

Foi grotesco, começou por ser grotesco. Mas escuta-te: é um mundo que lá tens dentro, é uma multidão que se prepara para o assalto. Estava adormecida, acordou. Mete medo. E pregam, açulam-se, avançam direitos aos seus apetites, ao saque, à guerra, à luxúria. Continham-na arames enferrujados, o medo da morte, o hábito de crer em Deus (sabendo bem que Deus já não existia), fantasmas, cacos de armadura que derruíram dum dia para o outro. Descobrir que não há Deus que alegria!

Põe a gente à vontade. Respira-se de outra maneira. Descobrir que a morte não é inevitável endurece. O mundo muda de aspeto. Agora é que eu contemplo a vida — e me perco na vida. Começo a ter medo de mim mesmo e não me posso olhar sem terror. Que é isto, este sonho, esta dor, esta insignificância entre forças desabaladas? Onde hei de pôr os pés? Eu sou a árvore e o céu, faço parte do espanto, vivo e morro ligado a isto. Sou temeroso e ridículo. Não me desligo do turbilhão azul, sem nome, que me leva arrastado, estonteado, iludido, e ao mesmo tempo discuto, nego e afirmo. Sou ridículo e construí o mundo. Sonho e acabo reduzido a pó. Sou capaz de tudo e um nada me abate. Sou sórdido e fútil e não tenho limites — vou de mundo a mundo e de espírito a espírito. Dei alma às coisas inertes, significação ao universo, vida ao que não existe, luz às estrelas — e no fim acabo grotesco. Sou nada entre o pélagos e sem mim tudo se afunda no pélagos. O que olhava com indiferença mete-me agora medo. Não posso com o mundo transformado, com outros seres, e onde não me desligo duma força cada vez maior e mais desabalada.

Preciso de olhar para mim, sou forçado a olhar para dentro de mim mesmo, a encarar comigo mesmo, e ou desato a rir ou fujo transido de pavor. Não me posso compreender no universo, não entendo esta luz insignificante no negrume gelado, nem esta discussão interminável no silêncio absoluto, nem este ridículo, nem esta figura mesquinha que representa o mundo. Com que destino rio ou choro entre o enxurro de ouro e os impulsos tremendos que vêm não sei donde e caminham desabaladamente para um fim que não distingo? Tenho medo de mim mesmo! tenho medo de mim mesmo! Nunca o acaso pariu nada tão monstruoso e tão grotesco como isto a que se chama a vida. Tenho medo de mim mesmo! Cada vez me sinto mais abjeto e mais transido — cada vez me sinto maior e mais capaz de tudo. Não me posso olhar nos olhos, com medo de ver o que nunca vi, em todo o seu horror e em toda a sua nudez. Grito.

Gritos — gritos — gritos ainda sufocados. Ouço-os na noite imperturbável, na harmonia esplêndida, na árvore e na pedra. Mais gritos no turbilhão dos mundos, e atrás desse turbilhão outro maior — e mais gritos ainda. A ternura sou eu que a presto ao absurdo e à dor. O que fica na realidade são gritos. A harmonia parece imensa porque as coisas não têm boca para pregar — ou não as sabemos ouvir. Tudo isto se reduz a dor muda, a dor intolerável num escantilhão de desespero — de desespero sem significação — de desespero cada vez maior. E sempre outras bocas pregam mais alto na noite que não tem limites, outras bocas que nem sequer existem. Levanta-se a poeira trágica, a poeira que anda espalhada há milhares de anos, a poeira dos mortos e a poeira dos vivos. Mais poeira ainda, que vem dos confins, toda a poeira dispersa, que já foi ternura e desgraça, poeira desaparecida que foi sonho, poeira inútil que foi dor.

Os maiores dramas passam-se porém no silêncio.

23 de dezembro

«Se ela morresse...» Esta ideia ao menor obstáculo, esta ideia a que eu fujo e a que tu foges, e que ambos arredamos, mas que se obstina até a propósito dos que mais amamos — esta ideia transforma-se logo em ação: — Vou matá-la.

Desapareceu a morte e eis-me aqui preso a esta criatura de olhos tristes fitos em mim. Para sempre! Até as coisas mais belas se transformam em absurdo e me pesam como chumbo. Pesa-me a tua amizade, pesa-me o teu amor — para sempre.

A pobreza e a humildade não se toleram para sempre.

A ninharia a poder de anos e de persistência impõe-me respeito. A ninharia um século, outro século, transforma-se em grandeza.

Quanto menos sinto a morte necessária para mim, mais a julgo necessária para os outros. É um muro que é forçoso deitar abaixo. Para respirar é preciso deitá-lo abaixo.

Muitas vezes, a deste, a daquele, a de tantos, mortos, a imporem-me a sua lei... Agora só eu falo e com a minha própria voz!

Agora só eu mando. A vida vou julgá-la com os meus próprios olhos. Vou tomar fôlego, vou tomar peso à vida. Sei-a de cor e salteado. Sei o que valem os preconceitos, as ilusões e as palavras — sei o que vale o dinheiro. Não torno a ser iludido.

A vida é um combate, que só se vence pela bajulação, pela manha ou pela audácia — todos os meios são bons. Os escrúpulos não servem para nada, a convenção tolhe-nos os braços. Meia dúzia de regras afiadas bastam. Honestidade a precisa para que confiemos em nós — piedade a bastante para que não nos assaltem os cofres. Fora disto logro.

Se tenho forças uso-as.

A vida nestas bases é talvez monstruosa, mas não posso modificá-las. Aproveito-as. Tiro da vida o que ela me pode dar. Com ilusões podia-se ser pobre — sem ilusões só se pode ser rico.

25 de dezembro

O pior é o que se passa no silêncio. É a outra coisa que acorda, é a outra coisa desconhecida que começa a empurrar o tabique. Deitamos-lhe todos as mãos para o segurar, mas, no escuro e no silêncio, a pressão redobra... Está outra coisa por trás do tabique, outra coisa que eu não quis ver, e que

o sacode com desespero. Bem sei, bem sei que existes! Bem sei que estiveste sempre ao pé de mim. Nunca te deixei discutir comigo. Senti sempre que estava perdido se te deixasse abrir a boca. Há tragédias de que desviava o olhar, fingindo não as ver. Agora hei de vê-las por força. Há mistérios que não queria debater e agora se me impõem. Há vozes que não queria escutar e que falam mais alto que a minha voz. Há seres que não queria conhecer e que discutem agora tu cá, tu lá comigo. Tenho de os aceitar. Romperam pelos sepulcros fora — despedaçaram todas as tampas. E esta intrusão na vida modificou de todo a vida.

Cada um vê doirado. Tem de pôr o problema ali na frente e de o resolver. Tem de ir até ao mais profundo do inferno e até à vacuidade do céu. Cada um tem de se olhar a si mesmo, nu e ridículo, nu e esplêndido. Cada um vê por uma fresta a força desabalada, e põe-se a cismar como Dante com a mão ferrada no queixo. Temos todos de resolver o problema. Debalde amontoamos inutilidades ou palavras, aí está na nossa frente o mundo real, o mundo da verdade, o mundo sem subterfúgios. Traz flores como uma primavera, traz enxurro. Arrastou-se pelas folhas apodrecidas e pela lama. É doirado — é feroz. Tem todas as tintas e todas as cores, e sobre isto frenesi. É humilde, leva consigo no mesmo ímpeto ternura, dor e desespero. Está dorido e vai tão fundo como a própria desgraça. Impele-nos. É a vida e o sonho, é a tragédia — e não existe. Não tem nome. Chama-se a vida e a morte. É uma coisa absurda. Mete-me medo e extasia-me.

As velhas já não dizem: — Jogo! — Houve uma coisa que se meteu de permeio. Os passos aproximam-se e o esforço aumenta. Sinto-lhe o bafo monstruoso, sinto-o mais perto de mim e encostado ao meu ser.

As velhas ouviram passos apressados dentro das próprias almas, o sonho veio à tona, e ficam absortas com as mãos agarradas aos queixos e as bocas espremidas a remoer em seco...

O medo acabou, e o escrúpulo, a hipocrisia da gente que vive à roda duma ideia sem se atrever a encará-la. — É preciso matá-la! — São anos e anos, são séculos de inveja paciente, que sobem à superfície: até as figuras de pedra ressumam dor e desespero. Agora metem-me medo. As velhas somem-se, e ficam gritos, fica o espanto, ficam fantasmas.

Que se passa em cada casa, dentro de cada ser, no fundo de cada poço? Ouve-se as almas, como se fossem facas, afiarem no escuro. Estão prontas. Bem sei, falam ainda entaramelado, não dizem o que sentem, mas já caminham segundo o interesse, o ódio e o sonho. As resmas de papeladas são inúteis, a lei todos os dias se reduz a zero. A nódoa alastra. E agora é que se vê bem o que cada um trazia dentro de si. Nesta primavera há duas primaveras. Agora é que eu compreendo que as palavras que se pronunciavam eram rituais, que os gestos, com séculos de existência, eram necessários e significativos. As frases rançosas das velhas nos dias de enterro, as frases banais, eram as únicas capazes de amortecer a dor; este hábito ridículo de jogar o gamão, um ópio, como esta história que a Bacelar conta a si mesma, com um ar idiota, um princípio de sonho. Tanto vale uma tragédia. É preciso fugir à realidade. Compreendo tudo. O que elas odeiam no Gabiru é a sua imensa capacidade de sonho; o que a vila escarnece é o que a vila inveja. Bem se importa esta roda de velhas, em volta duma mesa de jogo e o candeeiro ao centro, com a bisca lambida: durante algumas horas esqueceram a mediocridade da vida — esqueceram também a morte. O xale velho a que a D. Leocádia se achega todas as tardes mesmo no pino do verão, pego nele e, quanto mais no fio, mais peso tem: está encharcado de sonho...

PAPÉIS DO GABIRU

26 de dezembro

Posso agora dizê-lo: — Apesar de lhe ter um amor extraordinário desejei a sua morte. O seu amor cansara-me, e muitas vezes surpreendi, no fundo de mim mesmo, o ser esfarrapado que detesto, e que, em certas ocasiões, tem uma vida muito maior que a minha e independente da minha — a cismar na sua morte, para ser solitário e livre — desesperado e livre. — Se ela morresse... — E parecia que o meu horrível pensamento a gastava dia a dia. Devorava-a. Nunca lhe ouvi uma palavra de queixa, só nos seus olhos verdes, cada vez mais tristes, cada vez maiores e mais profundos, havia não sei que luz de espanto, não sei que interrogação que me enchia de pavor e remorso. Cheguei a ter medo dela — e a ter medo de pensar... Noites inteiras olhávamos um para o outro ao pé da brasa que morria no lar.

— Em que pensas? — perguntava-lhe eu, morto por que não falasse.

— Em nada.

E outra noite teimei:

— Em que pensas afinal? Acaba pelo dizer! acaba enfim por falar!

(E não sei porquê, nesse momento, tenho a certeza de que era eu que ia falar, desvendando o meu horrível segredo...)

— Muitas vezes estás calado e eu calada, e sem querer, todos os teus pensamentos se refletem na minha alma. Sinto tudo o que sentes e ponho-me a pronunciar só para mim as palavras que queres dizer e que calas. Sou nada, sou um reflexo, sou a tua alma. O que sustenta este fio de vida é o teu amor. Quando deixares de me querer senti-lo-ei. Morro logo, porque não tenho razão de existir.

E punha-se durante horas a olhar a grande nódoa de humidade da parede.

Um ser diante de outro ser — um mistério diante de outro mistério. Basta o bafo para toldar o vidro — basta um pensamento impuro para corromper a alma de cuja companhia Deus me fez mercê. Tudo depende do meu pensamento, e sua alma da minha alma. Não só posso corrompê-la mas gastá-la. Posso matá-la desejando a sua morte.

E posso amá-la extraordinariamente — e o outro desejar a sua morte para ser só e livre. E esta luta não é de uma hora, esta luta de que saio esfarrapado é de todos os instantes. Estes dois seres não têm nada um com o outro. Um é um pouco fraco, um pouco apegado a velhas palavras e a uma moral sem curso — o outro que detesto arrasta-me para uma vida amarga e feroz; um não sabe o que quer, o outro sabe perfeitamente o que quer. De maneira que quando a vejo morrer na velha casa abandonada, sem palavras e não tirando de mim os olhos verdes de espanto, eu digo as palavras convencionais e o outro murmura baixinho: — Livre! livre!

Fugir! se me pudesses fugir...

Discuto, interrogo-me, dilacero-me. Não me compreendo. De sobressalto em sobressalto, de assombro em assombro, de

vulgaridade em vulgaridade e de contradição em contradição, assim vou até ao fim. Não consigo desprender-me dum, nem libertar-me do outro.

Qual é a minha experiência da vida? Nenhuma. Qual é a lei que extrais da vida? Nenhuma. Só o espanto. Só uma coisa cada vez maior, sempre assumindo maiores proporções, que sinto desabar no silêncio, mais doirada e frenética que o sonho. Tudo se reduz a coisas a que damos valor, e a coisas a que não damos valor. E entretanto ao nosso lado passa o tropel mágico, desesperado e caótico. Ali fora desabam os séculos e a torrente misteriosa que leva consigo estrelas em vez de calhaus. O jato de portento vem do infinito e caminha para o infinito, levando consigo a alma, o universo, o lógico e o ilógico, o absurdo e Deus.

Atrás deste assombro há outro assombro — e depois outro assombro ainda.

Uma vida resume-se em duas linhas, sintetiza-se em dois ou três factos. Se a vida fosse só isso não valia a pena vivê-la. A vida é muito maior pelo sonho do que pela realidade. Pelo que suspeitamos do que pelo que conhecemos. Se nos contentamos com a superfície, não há nada mais estúpido — se nos quedamos a contemplá-la faz tonturas. É por isso que eu teimo que a Morte não tem só cinco letras, mas o mais belo, o mais tremendo, o mais profundo dos mistérios. Prepara-te.

Cada vez descubro em mim um subterrâneo mais fundo.

O problema capital da vida é o problema da morte. Ele resolve tudo. Não há factos isolados; não há acontecimento no universo que não gere outro acontecimento. O inconsciente não pode criar o consciente. É impossível dar um passo a que não suceda outro passo. A vida gera a morte — a morte gera a vida. Mas que vida?

Sou nada diante do universo. Mas teimo, mas discuto comigo e contigo, ó espanto, mas defronto-me com o enigma, encarniço-me e saio daqui esfarrapado, despedaçado — mas teimo e hei de vencer-te. Não quero morrer de vez. Não quero perder a consciência do universo nem a sensibilidade do universo. Eu sou o nada, tu és o infinito — hei de por força vencer-te!

E no entanto sinto-me tocado de hesitação e de dúvida. Do que tenho saudades é desta vida. Ao que eu aspiro é a esta vida. O gesto que o moribundo faz ao arrepanhar o lençol é um gesto de náufrago.

Dum lado a matéria, do outro o espírito. Dum lado consciência, debate, luta, do outro a impassibilidade, a fatalidade inexorável. Nenhum grito a perturba. Dum lado a vida gasta num segundo, do outro a sucessão ininterrupta dos séculos, indiferente e eterna. Como acaso é atroz, a não ser que outra coisa nos espere.

Se não nos detivéssemos com palavras, se avançássemos, todos ao mesmo tempo, esquecendo o que é inútil, para esta coisa que nos devora, subjugávamo-la. Conquistávamo-la por uma vez, por maior que ela fosse. Mas nenhum de nós se atreve e passamos a vida a fingir que não existe.

Mas eu sinto-o, eu prevejo-o. Eu sei perfeitamente que toda a discussão é inútil. Vai chegar o momento em que entre mim e ela se interpõe o sonho...

ATRÁS DO MURO

10 de janeiro

O tabique caiu, e contemplo a vida. Mas entre mim e mim interpõe-se um muro. O drama não tem personagens nem gestos, nem regras, nem leis. Não tem ação. Passa-se no silêncio, despercebido, entre mim e mim. É um debate perpétuo.

Que dúvidas? Pois se a minha vida é esta e não há outra vida; se o minuto é este e não há outro minuto, que força me pode deter para que eu não realize o meu destino contra ti e contra todos?

Há um ser que ocupa o meu ser e me domina quer eu queira ou não queira. Quem há aí capaz de dizer que a mesma ideia o não persegue? — Se ela morresse... — Arreda-a. Também eu. Mas saio disto aos gritos. Esfacelado. Tenho por força de o admitir na minha companhia. Subjuga-me. Pior: faz-me falta quando o não tenho ao pé de mim.

Talvez eu seja um ser complexo, talvez os outros sejam tão complexos como eu. Tudo me faz sofrer — mas metade do meu

sofrimento é representado. Tenho, é certo, dúvidas — mas metade das minhas dúvidas são postiças. Hei de acabar por não crer em mim como não creio nos outros.

Eterna contradição de todo o teu ser. Não sabes o que queres nem como o queres. Não sabes no que crês nem no que não crês. És um impulso. Vais até à cova levado por todos os ventos, sempre a barafustar sem sentido. Explicas tudo, ignoras tudo, adivinhas tudo. És um mar de inverno num dia de verão.

Está tudo decidido — dizes — está tudo pronto. Só uma coisa me falta: pôr isto em ação. E essa coisa, que é um nada, tem o infinito de comprido.

Desde que este fantasma se pôs a caminho nunca mais consegui detê-lo.

Começa por uma ideia que afugento. Começa por um pensamento ténue, por uma simples palavra que afasto.

Insiste. Há ainda dias em que discuto. Por fim domina-me, tem mais vida que a minha vida, tem mais realidade, mais sonho e dor, do que eu.

Assisto à sua ação e não o posso conter. Acaba por acampar entre os destroços do meu ser como um dominador.

Mas eu não o criei! não fui eu que o criei! Não só o não tolero como lhe tenho horror. Mas para ser sincero devo dizer que há ocasiões em que me submeto com alegria. Para ser sincero até ao âmago, devo dizer que nesta dor, neste desespero, é que me sinto inteiramente viver. Com ele é que eu grito. Decerto eu não sou isto — não quero ser isto. Tenho-te medo e pertenco-te. És a melhor e a pior parte do meu ser.

Felizmente não vemos senão detalhes. Se alguém pudesse encarar uma alma até às maiores profundidades, e ver ao mesmo tempo de que ternura, de que ânsia, de que desespero e de que tempestades essa alma é capaz, nunca mais podia desviar os olhos desse espetáculo. Fosse ela a minha alma ou a tua alma. Era o mundo todo, era o universo. Era Deus.

Que posso eu contra a vida? E se me recuso, se luto, que me espera? A renúncia? A estúpida renúncia, e cada minuto que passa me aproxima do nada, me leva, queira ou não queira, para o nada? Na cova, na podridão, desfeito em pó, arrastado por todos os ventos, daqui a um século, daqui a milhares de séculos, ainda todas as partículas do teu ser, que não soubeste impregnar de vida e alimentaste de simulacros, te hão de pregar: — Estúpido! estúpido!

Remorsos? Eu não tenho remorsos. Dúvidas? Eu não tenho dúvidas. Desde que te vi — vi o universo. Compreendi tudo. Compreendi que não tinha vivido, e que toda a minha existência tinha sido fictícia — que mais valia um minuto na vida que 100 anos de vida. Que só há uma hora na existência e que é preciso aproveitá-la. Que tudo é simulacro e só tu és a verdade. E apercebi o universo como força e destino a tal profundidade, que nesse rápido segundo passou por mim numa rajada todo o turbilhão da vida, com as suas vozes, os seus mistérios e toda a sua grandeza feroz. Vi tudo. Senti tudo. Bastou ver-te. Portanto não tenho dúvidas nem remorsos. Ao contrário estou calmo, ao contrário estou decidido.

Mas há uma coisa temerosa, uma coisa inexplicável e imensa — um fio que não posso cortar. Tenho a sensação de que, cortando-o, aniquilaria a vida. Não a minha vida, que não importa — mas o que há de mais extraordinário e de mais ténue na vida. Se houvesse Deus, diria que aniquilaria Deus.

Há uma atmosfera de mentira que ninguém deve ultrapassar — há uma atmosfera viva que todos nós respeitamos.

Mergulho. Mergulho mais fundo ainda e não encontro nada. E no entanto tu existes. És muda e existes. Quando me imagino livre de ti, é que tu tens mais força. Procuo explicar-te por palavras, por convenções, por regras aprendidas, por habilidades... És muito maior do que eu.

Ponho o ouvido à escuta de encontro ao mundo, ouço-me para dentro, para surpreender as coisas fundamentais que ele me ordena e são duas ou três simples, de instinto e ferocidade. E além disso outra coisa imensa — que não existe.

Como te chamas tu? E tu, dor, como te chamas?

11 de janeiro

Ponho-me a olhar para ti, consciência, e exijo que me fites nos olhos e que me fales claro. Não entarameles a língua. Em primeiro lugar diz-me o que és e o que significas: medo, receio, uma voz que se cala se a miséria aperta ou a luxúria levanta a cabeça. Um nada, uma voz tão tímida e tão pronta a sumir-se... Incomodas-me, é certo, mas não impedes nada. Falas quando devias estar calada, não sabes o teu papel e nunca entras a tempo. Herdei-te: és convenção e egoísmo alheio entranhado no meu egoísmo, sintetizado em duas ou três regras para comodidade dos outros. Fazes de mim uma presa fácil para quem a não tem. És escrupulo, e o escrupulo é, pelo menos, inútil.

Estás em perpétua contradição. Inutilizas-me metade da vida e nunca me pude desfazer de ti. Nesta luta de todos os dias, quando me julgo livre, é quando te sinto todo o peso.

Isto é decerto a vida. Mas a vida é também o instinto que me diz: — Aproveita, não deixes fugir o único minuto. Se a vida é um momento entre o nada e o nada, o que vale a pena é aproveitá-lo.

A questão suprema é esta e só esta: Deus existe ou Deus não existe. Se não há Deus, a vida, produto do acaso, é uma mistificação. Aproveitemo-la para satisfazer instintos e paixões. Se Deus não existe, não há força que me detenha. Não há palavras, nem regras, nem leis. Tudo é permitido. Questão lógica: pois eu hei de ir para a cova, para todo o sempre, para toda a eternidade, sem ter extraído da vida tudo que ela me possa dar, preso a palavras ou a meras questões de forma? Oh! ponhamos a questão, consciência: se Deus não existe tu não és senão um estorvo, meia dúzia de regras aprendidas ou herdadas! Ponhamos enfim a questão com toda a clareza, porque este é o único problema que me importa e que te importa resolver.

Escusas de encher a boca com o dever. O dever não me interessa nada. A questão fundamental, a questão que eu debato com todo o meu ser, e de que me não consigo desligar, é a da morte eterna e a da vida eterna.

Se Deus existe eu sou um homem, — se Deus não existe eu sou outro homem completamente diferente.

Não existindo tu, consciência, o que tu te intrometes na minha vida! E tanto faz analisar-te, discutir-te, negar-te, incomodas-me sempre. Estás morta — estás viva. Na cova hei de chorar inutilmente por te ter obedecido. Hei de revolver-me com desespero, por teres conseguido amolgar-me e amesquinhar-me. Por mais que queira desfazer-me de ti, tu impões-te-me. Quando te julho aniquilada, aí começa a falar outra vez.

Vens de muito fundo!

Às vezes protesto e imponho-me. Decido passar sem ti: humilhas-te. Humilhas-te para logo levantares a cabeça e revolveres o punhal na ferida. Pegas-me como chumbo. És de ferro. Bem tento explicar-te: são os escrúpulos que me não deixam trair, mentir, subir. O que é eficaz não é ter escrúpulos, é fingir tê-los. É tudo o que os outros nos pedem. — Mas tu não transiges. Se te abaixas, é para te ergueres de novo, para de novo me atormentares. Não me largas. Acompanhas-me por toda a parte.

Se me livrasse de ti! se me livrasse de ti!

18 de janeiro

O que eu tinha era medo. Medo da morte, medo da sombra. Só isto existia? Quando tudo em mim me pregava que aproveitasse este momento, que deste único momento extraísse tudo que ele me podia dar — alguma coisa me detinha. Eras tu, consciência. E tu não existias! Fale a lógica, fale a razão, fale também o instinto... A consciência é sempre religiosa. Mal posso dar um passo no mundo sem tremer. O mundo é Deus, Deus rodeia-me. Tudo para mim é uma causa de espanto — e através deste espanto pressinto ainda um espanto maior. Sinto-me como balouçado num sonho imenso. Ando nas pontas dos pés. Mal ousa respirar no cantinho onde contemplo. E a minha consciência era um reflexo deste universo. Mas se tudo isto se converte em forças, se arredo de vez a sombra temerosa, se tudo é acaso no acaso, se nada existe, se é indiferente o que eu penso e o que tu pensas, se só eu sou ao mesmo tempo o bem e o mal, a consciência já não é a mesma consciência e a sentimentos novos corresponde uma consciência nova. Bem te procuro encontrar no fundo do meu ser. Rebusco-te. Às vezes, nos momentos trágicos, já não é contigo que eu deparo — é com outro ser que assiste sempre,

como um espectador, a todos os meus exageros. Deitavas-te comigo, levantavas-te comigo, ferrada como um punhal — e não existias. Neguei-te. Expliquei-te. Reduzi-te às tuas verdadeiras proporções — e tu não existias! Atormentaste-me e fizeste-me sofrer mesmo quando já compreendera que não existias. E agora mesmo, quando o universo é outro universo, ainda te encarniças sobre mim como um fantasma.

Escusas de te rir — tu não existes. Dependias da morte, e o que eu tinha na realidade era medo. Talvez medo para depois da morte — medo da minha alma em frente da minha alma, medo de aparecer nu e com pústulas diante do que é eterno. Carreguei-te como um fardo inútil. Põe-me a questão, põe-me todas as questões que quiseres. Tenho diante de mim este mundo e a voragem, este mundo e o nada. Não te metas de permeio, que já não tens razão de ser. Seria mistificação sobre mistificação. Não me atrever agora é absurdo. Porque, consciência, o que importa é a parte interior — é a verdade sós a sós comigo, fechado a sete chaves, e essa é temerosa. Não tentes iludir-me. Não podes mentir a ti mesmo. Vê que passaste a vida a conter o mal — e o mal fez parte, queiras ou não queiras, da tua vida. O mal é pelo menos metade do teu ser. Agora sim — agora estou livre e atrevo-me. Para sempre livre da morte e livre do tempo, calco-te aos pés. Nenhuma sujeição. Nenhum temor, nenhum fantasma. Sem escrúpulos! sem escrúpulos! Uma força entre forças e mais nada. O mundo pertence-me. Pertence-me e olho-o cara a cara sem desviar o olhar. Sou a única força consciente, sem palavras que me diminuam, nem escrúpulos que me contenham...

Agora fala! Aproveita o minuto único, a infâmia, o enxurro, o sabor a fel e a lágrimas da vida, ou enfileira-te, se podes, no estúpido rebanho, e reentra na vida quotidiana, feita de pequeninas regras e interesses. Vem-me um vômito: tenho vontade de fugir de mim e dos outros: só o que é selvático me interessa e acorda em mim sonho, perfume e ferocidade... Quero

saber o que me impede agora de matar, quero saber o que me impede de olhar nos olhos o inferno, de seguir o instinto e de obedecer ao impulso...

O SONHO EM MARCHA

20 de janeiro

Eu sou um desconhecido para mim mesmo.

La para a cova sem me ter encontrado um momento sós a sós comigo. E é com dor, é com espanto e dor, que me reconheço; é com olhos de pasmo e dor...

Tudo mudou. A sofreguidão que todos os dias da vida — sempre! sempre! — nos empurra e leva; o sentimento da vida efêmera e o horror da morte — mais perto! cada vez mais perto! —; esta coisa imponderável que debalde tento deter — sem nome e a que se chama o tempo —, que nos usa, a que não ouço os passos e que caminha inalterável — tudo desapareceu de vez. Respiro. E, modificada a ideia do tempo, todas as outras se alteraram profundamente. Os sentimentos não são os mesmos. A vida assenta noutras bases, a vida fica amarga.

Resta-nos a lógica e a consciência. Mas a consciência admito-a, contanto que não me embarace. A consciência que quiseres, contanto que não me amesquinhe, ou não me iluda. O único juiz sou eu. O fim da minha vida não é dominar-me, é dominar-te.

Todos temos de matar, todos temos de destruir, todos temos de deitar abaixo.

A paciência acabou, a resignação acabou — e acabou a morte. Suprimida esta ideia, suprimido também o tempo e o espaço, as velhas não existem: o que está vivo é a ferocidade, a paciência e a mentira — e tudo espera a ocasião. Espera e desespera. A parte de dentro é que está viva e reclama de pé e de ferro a sua vez. Notem: nenhuma arriscou um gesto mais brusco. Por mais fel que lhes venha à boca estão habituadas a engoli-lo. Nem com a cabeça tapada se atreveram a olhar a verdade. Pra dentro! sempre pra dentro! E assim sucede que não se construiu nunca catedral com alicerces mais fundos. Está viva. Uma sustentou-se de côdeas, outra sustentou-se de fome. A inveja também sustenta, o fel também sustenta. À Araújo só a paciência e o cálculo lhe permitiram viver. Às vezes tem fome — nunca disse a ninguém que tinha fome. Sabe logo quando entra numa casa as palavras que agradam à velha rancorosa e à filha cheia de pretensões a quem ensina as escalas; de quem há de dizer mal esta semana e bem para a que entra. Esperou como a aranha espera com o estômago vazio. Nunca pediu esmola. Melhor: conseguiu dar-se ao respeito. E calcula, calcula, cheia de fome, o tempo que a majestosa Teodora pode durar. A D. Penarícia é abjeta, mas só a abjeção lhe tem permitido viver. A mentira tem razão de ser — sem abjeção a sociedade repele-nos. Admitimos alguma abjeção, não completa e total, que repugna, mas a precisa para servir de realce e moldura ao nosso quadro. Acresce a isto que teve de viver com despreocupação, de sorrir com despreocupação, de mentir com despreocupação — com a miséria atrás de si.

Com fel constrói-se uma vida — o fel dá certa solidez. O pior é meter logo para dentro toda a inveja que lhe vem à boca. Pior ainda: na velhice misturou-se tristeza ao fel. Não só a D. Penarícia tem inveja, não só a D. Penarícia odeia, mas a D. Penarícia chega ao ponto em que percebe a inutilidade do

fel. A Teodora pode aniquilá-la dum gesto. Fel e vinagre — mais fel e tristeza. É um vasto campo de destroços de que desvia o olhar. Foi-lhe então inútil o fel? Se não fosse o fel já tinha morrido. Quando passou fome, quando deu dinheiro ao homem para o jogo, quando perdeu na bisca para a Teodora ganhar e sorrir, o que a sustentou foi o fel. Quando vestiu a filha e a passeou no jardim, com trapos como os outros trapos, o que a sustentou foi o fel. Juntem a isto coisas inverosímeis que se lhes pegam e as reclamam, velhas coisas esquecidas, velhos sapatos de ouro, desaparecidos para sempre nas profundidades do nada; velhos hábitos, costumes aferrados, misérias crónicas, adquiridas pela vida fora e que erguem a voz, cabelos postiços, sentimentos postiços, gritos, e o exaspero de quem não pode berrar: — O que eu quero é gozar! o que eu quero é encher-me! — o que representa ainda mais fel e tristeza, mais fel e vinagre. Ali estão frente a frente e pergunto se estas velhas que passaram a vida à espera duma herança não têm direitos adquiridos. Pergunto se é possível que a majestosa Teodora continue a viver mil anos e a impor-se, a mandar, de quico na cabeça e com o cofre atrás de si, e as outras agarradas à mesa do jogo à espera da morte. Pergunto se ter inveja não é sofrer, se ter paciência não é sofrer. Há que tempos que cada uma delas só pensa em matá-la e arreda a ideia com medo ao inferno. A teia aperta-se. Mais um momento e a teia torna-se visível. A majestosa Teodora não pode escapar. Todos os dias se tecem fios que a envolvem, todos os dias aquelas vontades atuam, todos os dias o sonho constrói. Sufoca. Formou-se um ser que tem vida própria, uma atmosfera, uma alma comum, de que fazem parte todas aquelas almas. A majestosa Teodora pertence-lhes. Hoje a Adélia cravou de repente a agulha sobre a mesa, e a majestosa Teodora desatou de súbito aos ais, aos ais, como se ali visse lavrada a sua sentença de morte. Todas as fisionomias mudaram alteradas e profundas, subindo à tona das profundidades do universo ou de poços mais profundos ainda. Agora o sonho não é um segundo, o sonho vai ser a vida...

— Está certo o senhor? Está certo o senhor padre Ananias, que depois desta vida há ainda outra vida de que nos têm falado? Ou há só esta vida? só esta?! E isto é uma *comidela*?

O que elas estavam era sepultadas num vasto cemitério do tamanho da vila. Sobre cada velha havia pó, sobre cada interesse pó, sobre cada fisionomia outra fisionomia. Efetivamente a Teodora é uma insignificância. Só dá leis. O melhor é matá-la. E todos os olhos se cravam nos olhos do padre, todas as velhas mastigam em seco, todas as velhas dão de repente um salto brusco no vácuo.

Ó paciência que já não és paciência e trazes veneno na algibeira, com que despeito olhas para trás, para o Himalaia de inutilidades. Debalde a paciência tenta dizer ao sonho: — Amanhã —; tenta iludi-lo: — Espera... — e a mentira propor-lhe uma transação. O sonho toca na paciência como quem toca num nervo, e quando a Restituta vai mais uma vez dizer-lhe à pressa: — Pois sim... — aperta-lhe o gasganete e pela primeira vez na vida a deixa desorientada... Comediante, vê se aproveitas o excesso da tua dor para praticares uma nova infâmia!

21 de janeiro

A mesma interrogação se formula em todas as almas: quer então dizer que só vivi uma vida fictícia ao lado da vida e que perdi o melhor da existência com aparências? Quer então dizer que tudo para que vivi não existe? Ponhamos a questão! ponhamos a questão! A maior conquista do homem, Deus, desapareceu para sempre — desapareceu também a morte. Ponhamos a questão: façamos tábua rasa. Está tudo em terra, o dever, a honra, as fórmulas e as regras. Ponhamos a questão por uma vez, nítida, clara e sem subterfúgios. Ponhamos a questão e todas as questões...

Avançam e recuam logo. Do sonho grotesco ou esplêndido, ridículo ou feroz, à realidade vai um passo desmedido.

Interpõe-se um muro... Todos passamos os dias a resignarmos-nos. Muitos nem dão pela vida. Há seres que tanto faz estarem vivos como mortos. Outros nunca repararam sequer na sua verdadeira fisionomia (porque até a nossa fisionomia é mais verdadeira que real). Em alguns o murmúrio das vozes é tão afastado que não chegam a interpretá-lo... Há-os que saem da luta esfarrapados, há-os cheios de reticências e que mal visionam o mar morto indescritível. O que os farrapos costumam a largar! o que o muro custa a deitar abaixo! Pesa-lhes a vida anterior, o hábito reclama-os. Adere-lhes o infinito e as cólicas, a usura e o fel. E sobre tudo isto há a contar também com a imbecilidade e a apagada inépcia. Há a contar com a languinha que também tem o seu sonho. Há a contar com o que se arrasta no escuro, com olhos brancos, com olhos vagos para a luz e para o sonho. Há a contar com as velhas encardidas de hábitos e de fistulas. Em seres amorfos e aguados, quase inertes, no fundo remexe ainda um resquício de sonho, que se traduz no mesmo gesto pautado, na mesma mímica, e no olhar, onde, até na imbecilidade cerrada, se distingue não sei quê de temeroso. Por isso a questão não é fácil de resolver. Por isso o Anacleto ainda não a matou. Ainda não conseguiu deitar o muro abaixo. Não é o que se pode dizer na praça, porque a praça venera-o. Não é também que a ideia de a matar o assuste. A vila conhece o seu escrúpulo e honra-o. Nunca deixou de pagar uma letra. Alguma coisa o contraria e se opõe. Também as velhas se detêm, também o Santo se detém. Mas a maré que aí vem sobe sempre. Ao mesmo tempo entontece-os e ao mesmo tempo perturba-os. — Eu não quero ver! eu não posso ver! — e tenho de me olhar cara a cara, tenho por força de te admitir, tu que és o meu verdadeiro ser, imenso e profundo, com raízes em toda a lama e braços que chegam ao céu. — Eu não sei donde vem isto, e isto aturde-me. Olha como sorrio para ti, como finjo que sorrio de mim e de ti que te pões a falar. O gesto que eu faço não me pertence, perturba-me o som da minha voz. E a noite é cada

vez mais cerrada... — Ninguém quer achar-se frente a frente com o seu próprio fantasma. Nem tu, nem eu. Fugimos-lhe sempre. E, se sucede encontrarmo-nos, quedamo-nos com um sabor que nunca mais se esquece. Um passo está dado, falta dar outro passo. Custa... — Ao que quase todos se apegam não é a grandes ações, é a simples peripécias. As existências que se nos afiguram dramáticas são cheias de ninharias, de ideias fixas e de paciência. O Torres engrandece a mania de copiar inutilidades: daqui a dois dias ou daqui a dois séculos, ainda o encontras curvado sobre o mesmo manuscrito, onde traslada o folhetim do *Século*. A Araújo que dá lições de piano é desespero inteiriço. O honrado Elias de Melo vê o tratante Elias de Melo pôr-se a caminho e não o pode deter. — Aí comesas tu também a perceber que a tua vida foi um mero simulacro, que a tua bondade foi sempre um simulacro, que a tua bondade não passou dum simulacro... — A D. Fúfia, que há muitos anos está morta por dizer mal, que nunca se atreveu a dizer mal, e que, quando ia dizer mal, dizia logo bem de toda a gente, rompe agora a abocanhar todos os ridículos, todos os orgulhos, todas as vaidades: — O que isto consola!... — Divagam, falam, queiram ou não queiram, com os próprios fantasmas, monologam, discutem, gritam. A cada passo uma interrogação exige resposta, a cada passo um abismo aberto... — D. Leocádia, o meticuloso dever foi a tua vida e agora descobres que o dever não existe, descobres que tudo aquilo para que viveste não existe, e que existe outro dever maior e mais vivo. Descobres que as palavras não te servem de nada. Descobres que tens de ir de encontro às questões e não as podes desviar do caminho. Descobres que por tuas próprias mãos criaste uma criatura disforme, que alimentaste de mentira. E, a esta luz que te dá de chapa, descobres que a tua caridade e os teus escrúpulos eram uma luta de vaidade e de medo, de palavras e de instinto, onde não entrava uma única verdade. Descobres que criaste um ser falso que abomina e te abomina, e que não te podes separar desse horror. Descubro também que errei a vida, e não sei recomeçar

a vida, e que tudo que fiz não fui eu quem o fez, mas o outro que me mete medo, e que tanto vale a minha vida que perdi a arcar com Deus, como a da Teles de Meireles que a gastou com um trapo. Com um trapo e palavras, ambos subvertemos o mundo — um dia, uma semana, um século. — Examinando bem a questão, meticoloso Anacleto, uma palavra bastou para te deter... Examinando bem a questão, reconheces que foram as conveniências... Hás de arrepender-te até à consumação dos séculos. O mundo vesgo que em mim descubro no outro compartimento, é o mesmo que em ti descobres. Faz esgares como certos rictos indecisos que se formam à tona dos pântanos. Todos sentimos atrás de nós um mundo, outro mundo, outro mundo de ninharias, de palavras sem nexos, de coisas que perderam a expressão, de apetites que nunca se realizaram — todos cobrimos isto de aparências. Passamos a vida a conter outro ser — outra coisa — outro espanto. Há um fio invisível que ninguém se atrevia a ultrapassar. Uma ordem que ninguém rompia. Até a cólera e o desespero mantinham certo verniz. E agora descobrimos todos ao mesmo tempo, ó meticoloso Elias, ó impoluto Melias — com risca e vinco, com vinco e risca — que resolver matá-la é fácil, mas para a matar temos de deitar abaixo léguas de espessura. Deixamo-la morrer ou não a deixamos morrer? E nem sequer podemos iludir a resposta. A mesma coisa desconforme entra pelo nariz e pela boca do Santo. Entupe-o. Esvazia-o e endireita-o depois de amolgado. Outro ser, num estonteamento, bate com a cabeça pelas paredes. — Mas então?... — pergunta atónito. — Mas então posso, atrevo-me?... Tudo isto era uma mistificação? Mas então tudo é possível e posso realizá-lo amanhã, hoje, logo? E estas teias de ferro eram teias de aranha?... Mas então o medo, a morte, o inferno... — Aqui estou eu com esta mulher a meu lado, e sem querer pergunto a mim mesmo... — Mas então?... — Sim, resta-me certa pena e saudade, mas o interesse levanta a cabeça e deita as suas contas tão baixinho que mal lhe ouço fazê-las... — Teçamos, teçamos todos a nossa teia esplêndida,

vulgar ou grotesca... — Mas então... — E encaro com um mundo novo, a que por ora nem eu, nem tu, nem nenhum de nós se afoita. Só as interrogações são cada vez maiores em todas as almas. Todos os bonecos arreganham os dentes e a Porfíria sua inveja. Efetivamente não se compreende para que vivem certos seres inúteis, que atravancam a nossa existência e um pequeno incidente podia suprimir. Efetivamente não se explica que bastem alguns fios imateriais para nos conterem, e que um vidro de vidraça seja suficiente para nos separar da vida.

Até a D. Restituta, que era um poço sem fundo, desata a repetir os segredos de toda a gente, fazendo gestos na obscuridade com o guarda-sol de paninho.

— Acuso! acuso! acuso!

Tocou-lhe também a vez. Usou-se a obedecer, a dizer a toda a gente que sim. Hoje uma gota de fel, amanhã outro resto amargo. Já não sabe dizer senão que sim, já não consegue apagar as dedadas que lhe imprimiram. Coçada, coçada, coçada. Fez as vontades à D. Procópio, à D. Felizarda, à D. Hermínia. Sujeitou-se às vontades do conselheiro Pimenta, quando por desfastio lhe fez um filho. Orgulho? Ninguém tolera, ninguém concebe que a Restituta tenha orgulho; ninguém tolera, ninguém concebe que a Restituta tenha vontade. Habitou-se, apelintou-se. A Restituta é um reflexo. Diz-se tudo diante dela. Há famílias separadas por ódios seculares: só ela entra e sai nessas casas quando precisam comunicar. Naquela alma incutiu-se até profundidades desconhecidas o respeito às pessoas ricas, a consideração às pessoas importantes. Que tem a Restituta que desata aos gritos:

— Acuso! acuso! acuso!

Debalde lhe tapam a boca. É um vômito, um chorrilho de palavras precipitadas — a vida de toda a gente — são os despejos entornados. Em vão 10, 20 mãos ansiosas se lhe agarram às goelas abertas: aquilo sai num jorro impetuoso — tudo quanto estava recalçado, todos os segredos que ouviu, todas as misérias que lhe deitaram para dentro, e, se para um momento é para

tresvariar num riso feito de todos os risos posiços, num esgar feito de todos os mil e um esgares que acumulou durante a vida: — Eu também tenho um filho! eu também tenho um filho como vocês! — Empurram-na, escorraçam-na, e ela agarrada ao guarda-chuva ainda brada:

— Acuso!

A vida irrompe, o sonho irrompe como hastes de catos, nascidas dum dia para o outro, com escorrências nas extremidades ridículas e pueris. Arredei sempre isto — isto que estava ao lado da vida. Nunca quis ver isto, fingi sempre que isto não existia. Também tu o arredaste... E isto existe. E isto é enorme. O que aí está fede. Tresanda. Sua viscosidades. Apega-se. É uma marcha furiosa e desordenada. É a vida. São todas as ânsias soterradas que não se chegam a exprimir. É um inferno de gritos e de impulsos, sonhos impossíveis de sonhar, aquecidos a bafo e ternura, sem forma nem cor, ou admiráveis sonhos de tragédia. Mais um passo e tudo que estava recalcado, tudo que estava morto e sepultado, toda a podridão, todo o desejo encarniçado e oculto, toda a mistela que luta às cegas na escuridão para vir à superfície desata a falar à toa. Mais um passo e o sonho é realidade. Fala a infâmia e o grotesco, fala a candura ao mesmo tempo.

23 de janeiro

Ao Santo só lhe resta orgulho. O sonho descarna-o e deixa-lhe o orgulho intacto. Debalde prega, debalde luta consigo mesmo. — Eu já não creio no inferno. — E detém-se com espanto diante dos destroços, das fórmulas, da insignificância, dos simulacros que foram a razão da sua vida. Tudo que lhe enchia o mundo não existe, tudo que não existia lhe parece maior: — Eu quero crer! eu quero crer e não posso crer! — Debalde insiste consigo mesmo: — Nossa vida aqui é nada, nossa vida eterna é tudo. Nosso destino é a morte.

Só assim posso explicar o universo, só assim posso compreender o universo. — Tudo o que se tinha apoderado do seu ser até às mais íntimas raízes, tudo o despedaça até às mais recônditas raízes. Dilacera-o. — Não me atrevo sequer a olhar a vida, a olhar para mim, a olhar o pélagos desordenado. Eu quero ver e não ousar! Eu quero crer e sinto-me pequeno e grotesco ao lado disto! Desta coisa monstruosa que não posso arredar. Não posso arredá-la. — Para ti também o problema é insolúvel, D. Leocádia, que ressurges com o vestido coçado, mais seca e mais verde. Estais ambos encalacrados. — Tu viveste sempre para Deus e para o inferno e nem sequer o inferno existe. E tu procedeste sempre segundo a tua consciência, regulaste tudo conforme a tua consciência — e tu e tu — e aí estais ambos atónitos e verdes, ressequidos e verdes, desesperados e verdes, sós a sós em frente duma figura que vos não larga.

— Trouxe-a para casa, sustentei-a, mas nunca a pude ver, diz ela. — Deste-lhe côdeas mas não pudeste amá-la. Sustentaste-a por caridade, sustentaste-a de restos para calares uma voz tremenda. Ela foi pior que uma criada, foi uma criada que se não pode despedir, presa pela gratidão — observa a outra D. Leocádia. — Fala claro, fala alto. Atreve-te. — Atrevo-me. Toda a minha vida fiz o sacrifício de a manter, toda a minha vida por caridade a tive junto de mim, calada e subalterna, amachucada e sem vontade, para cumprir o meu dever. E agora a consciência exige de mim?... — Exige. — Exige de mim, porque o meu filho lhe fez um filho, que o case com a órfã, sustentada de esmolos, calada e viscosa? — Exige. — Por quem eu só sinto repulsão? — Exige, e o pior de tudo é que lhe deste restos, mas não pudeste amá-la.

Torce-te, torce-te mais ainda. A cada camada de verde pega-se-te logo outra camada de sonho. A D. Leocádia coçada e seca sacode em vão e arreda outra D. Leocádia inteiriça e coçada. Também o Santo está aqui, só e o pecado, só e Deus, só e o desespero: — «Deus existe — ou Deus não existe. Se Deus existe, se tenho a certeza que Deus existe e se interessa pela minha dor, esta vida transitória é um único minuto com a eternidade

à minha espera. Tudo me parece fácil. Que exige o meu Deus? Que me reduza a pó e despreze a aparência? Tudo é vão diante da eternidade que me espera. O meu Deus enche o mundo. Só o meu Deus existe, e todo o resto no universo é tão pequeno e tão fútil, que reclamo mais dor, mais sofrimento, mais fome. Que a desgraça caia sobre mim com todo o peso da desgraça; que a dor me descarne até à medula. Desprezo a dor. Exijo-a diante da eternidade. Sou capaz de andar de rastro com a boca no pó, sou capaz de sofrer todos os tormentos, com a certeza de que me livro numa eternidade de angústias para ver Deus. Venham todos os escárnios, todos os gritos, todos os suores da agonia — venha, meu Deus, a cruz! Até à morte hei de crer no que creio. Sem crer não sou nada — sem crer não existo — sem crer não compreendo a vida. Preciso de caminhar para um destino. Crer é uma necessidade absoluta, um sentimento primário, a própria vida, sua razão e seu fim. Tenho necessidade de Deus, como do ar que respiro. Sem ele a vida é desconexa e atroz; pior, é monstruosa. Creio porque creio. Se a vida se reduzisse só a isto, a vida seria abjeta. Dentro em mim tudo me fala numa lei, numa lógica, numa razão de ser, num sentido. Eu vejo Deus, eu sinto Deus.

Mas se Deus não existe — se Deus não existe que me fica no mundo? Sou nada no infinito. Fui tudo — e sou nada. Leva-me a força bruta. Sou o acaso na mistificação. Sou menos que nada no monstruoso impulso. Se Deus não existe tanto faz gritar como não gritar. Não tenho destino a cumprir: saio do nada para o nada. Nas mãos da força bruta, que sou eu no mundo que grito, que discuto, que clamo?... Atrás deste infinito vivo, há outro infinito vivo. Atrás desta impenetrabilidade, há outra camada de impenetrabilidade, outra vida ainda, outro desespero sôfrego. Não encontro aqui lugar para um Deus que me ouça, que me atenda, ou que saiba sequer que existo.

Os gritos são inúteis, tu não me ouves. Estou só neste absurdo que me impele e esmaga... Que não houvesse o céu, que existisse o inferno! só o inferno! E nem o inferno existe!...

Se Deus não existe... O pior de tudo é que eu digo e afirmo — Deus não existe! — mas na realidade não sei se Deus existe ou não. Não há nada que o prove — ou que prove o contrário. O pior de tudo é que eu sinto uma sombra por trás de mim e não sei por que nome lhe hei de chamar. O pior que podia acontecer no mundo foi alguém pôr esta ideia a caminho. Mas mesmo que Deus não exista, tenho medo de mim mesmo, tenho medo da minha alma, tenho medo de me encontrar só a só com a minha alma, que é nada, o fim e o princípio da vida e a razão do meu ser. Mesmo que Deus não exista e a consciência seja uma palavra, há ainda outra coisa indefinida e imensa diante de mim, ao pé de mim, dentro de mim. Vem a noite e com a noite interrogo-me: — Existe? — O que existe é monstruoso. Não ouve os nossos gritos. O que existe é o espanto. O que existe reclama dor. Sustenta-se de dor e não dá por ela.

O que existe então é isto — é um ulular de dor na noite — no turbilhão, no escuro. O que existe são gritos, e eu sou levado, arrastado nesta mistificação. Por trás de mim há uma coisa que me apavora, por trás de mim há uma coisa cada vez mais sôfrega, cada vez mais frenética — e que de cada vez exige mais dor. Espera: a harmonia não existe — existe a dor; a beleza não existe — existe a dor; Deus não existe — existe a dor. E há um momento apenas para realizar a vida. Nesse momento de paixão todas as forças se concentram e ponho o pé no mistério. Tenho de aproveitá-lo.

Tudo o que exista na noite imensa, na noite ignóbil, é pior que Deus. Tudo o que existe me faz horror, tudo o que existe entre as forças desordenadas me causa espanto... E por mais que grite, por mais que proteste, estou aqui diante do incompreensível, vivo no nada, de pé na voragem. E para lá há uma coisa infinita, um negrume infinito, uma vida infinita. É imenso — é inútil. Sou menos que nada. Só deparo na minha frente com infinito sobre infinito, com o negrume sufocado, com

o negrume impassível, com o negrume vivo e imenso, desesperado e imenso. Só contei contigo, meu Deus — e agora quero crer e não posso crer. Estou aqui defronte do espanto e sinto-me perdido na vastidão infinita. Tudo o que disse — disse-o diante do vácuo, tudo o que sofri — sofri-o diante do vácuo. Todo o meu desespero, a minha dor, a renúncia, os esforços, o calvário diante do vácuo!»

O maior drama é o das consciências. O maior drama é arrear todos os trapos da vida, para poder olhar a vida cara a cara. O maior drama é ficar só com o vácuo e em frente do espanto. E dizer: nada disto existe. Só dou no meio deste assombro com uma coisa desconexa e abjeta, a discutir comigo mesmo, levado por impulsos. O maior drama é não encontrar razão para isto que vive de gritos e se sustenta de gritos — e ter de arcar com isto. Perceber a inutilidade de todos os esforços e fazer todos os dias o mesmo esforço. E isto não nos larga. Sacode-nos e abala-nos até à raiz, numa discussão que nunca cessa. Nem em mim, nem em ti, D. Leocádia. Essa figura tremenda insiste cada vez mais alto, cada vez mais sôfrega, cada vez mais desesperada. Ouve-la diante de ti, ao pé de ti, dentro de ti, mais coçada e mais verde, com outra camada de sonho e outra camada de verde?

- O dever? que dever? Antes a deixasses morrer de fome.
- Mantive-a para cumprir o meu dever!

Aqui tens tu a minha consciência, aqui tens tu a tua consciência, e aqui está a consciência da D. Penarícia. E tanto vale para o caso o génio em frente da consciência, como o ridículo em frente da consciência. — Valeu a pena não matar? — pergunto — perguntas — perguntam. Aqui estou em frente disto, com um segundo e todo o seu esplendor e todo o seu espanto e todo o seu desespero, e pergunto, perguntas, perguntam, se o que se chama a honra e o que se chama a consciência e o que se chama o dever têm forças para se me impor. Oh palavras

não! A pergunta não é como as outras para ser iludida com subterfúgios. É a única que carece de resposta imediata como um punhal que vai direito ao coração. Vê tu que, apesar de trémulo, estou calmo... O problema é capital. Pergunto se toda a luta foi inútil, se todo o fogo do inferno que recalquei foi inútil? Pergunto, perguntas, perguntam se as horas para nos contermos foram uma estúpida mistificação. E as bocas remoem em seco no escuro, e as mãos sôfregas palpam os vestidos de cerimónia. Estão decididas a tudo. Vem-lhes à supuração o antigo fel e vinagre, os pequenos desesperos, e os grandes desesperos. Tudo está vivo. Cada ser formula uma interrogação. Segue-se que, se os pais teimam em viver, transtornam todos os planos, todas as regras e todos os preconceitos estabelecidos. Segue-se que acima do teu direito está o meu direito. Segue-se que a construção antiga desabou, e a um mundo novo correspondem criaturas novas. Segue-se que todos os problemas se reduzem a um só problema — o dos mortos. Segue-se que o muro é uma insignificância. Tapa o céu e a terra, não existe montanha de tanta espessura — é uma teia de aranha. Soa a hora de a outra coisa disforme o aluir para sempre. Por trás do muro é que está a paixão, o crime, o desespero e a vida esplêndida e feroz.

É preciso deitá-lo abaixo. Os túmulos estão gastos dum lado pelos passos dos vivos e do outro pelo esforço dos mortos.

FEVEREIRO

1 de fevereiro

Chega fevereiro. Primavera. Dá logo rebate o tojo bravo. A aspereza é a primeira a senti-la.

O tempo está fúnebre. Ouço o ruído calamitoso das águas. Só os botões dos salgueiros estalaram. Nos galhos despídos entreabrem-se flocos friorentos e peludos.

Corre um vento glacial e as árvores encolheram-se transidas. Mas nessa frialdade sinto já ternura.

O ar de fevereiro é outro: é morno. As rãs, de barriga no lodo, coaxam de satisfação, pegajosas e moles como a erva verde e húmida. E dum dia para o outro, crescem à tona da poça azul, encastoadas na terra negra, fios de erva a reluzir. Tinta entornada.

O ar sabe bem: sabe a bravo.

Ao longe o sol trespassa os montes. Manhã de névoa e oiro gelado. Uma árvore nova cobre-se entontecida da pri-

meira flor. Apressou-se, enganou-se... É uma haste de pele lúzida, três raminhos abertos no azul. E isto envolto em ternura — tanto faz que se trate duma árvore como duma rapariga.

Sente-se nesta atmosfera húmida a seiva inchar os botões túmidos das árvores. Volta a chuva gelada: a primavera tenta, vem com hesitações.

Muda o cenário. Acinzentam-se os montes por onde sobem a rasto pelas pedras rolos de fumarada. Acastelam-se no céu as grandes nuvens esponjosas. Chove. A voz é outra. Donde a onde descerra-se a cortina vaporosa e emergem os montes brutos e compactos.

Nos abrunheiros bravos estalam os primeiros botões. E quanto mais bravos, mais flor deitam. É uma prodigalidade.

Noite. A escuridão, o silêncio, o esplêndido céu todo de oiro sobre a massa negra dos montes. É isto e os gritos da mochela aos ais de aflição. Eis torna o silêncio, e a alma sufoca de espanto... O pio triste dos sapos irrompe de profundidades ignotas. E outra vez o silêncio, a noite imutável cheinha de estrelas — e sempre o mesmo fio de água, misturando ternura a este espetáculo de assombro. É só isto, e a muralha disforme ao fundo, ainda pálida de luz.

A primavera é um fenómeno elétrico.

Na primeira tentativa da flor há fealdade e ao mesmo tempo candura; depois, da noite para o dia, uma gota de tinta como uma gota de leite. Basta que à névoa se misture o sol, para entreabrir, ainda informe. Todos os seres, antes de se vestir, são abortos: têm medo de nascer belos.

Às vezes basta um dia. Dum instante para o outro, poeira azul, entontecimento, sonho...

E isto não é só material. Neste mistério há certa dor, certa tontura, há até espanto. É um olhar que se abre para o mundo. Pela emoção a árvore comunica com o universo e manifesta uma vontade que triunfa sobre a dor inconsciente.

Entre a árvore, o céu e a terra há um compromisso de ternura.

5 de fevereiro

O que isto custou na obscuridade do mundo caótico!... Houve decerto uma primeira primavera, mas as flores, que hoje são ternura, eram então espanto — tentativas frustradas de sonho. Os gritos da floresta primitiva, não os ouço mas estão aqui contidos. E ainda hoje a terra se perturba, porque vai assistir ao mesmo drama.

Todo o universo se concentrou para gerar a vida, todo o universo se concentra para a destruir.

A vila estremece ao sentir a primavera estranha. Noiva. Noiva a D. Úrsula, pergaminho e escrúpulo, que fez da vida um pecado, e ao rés de cuja alma líquida se espalmam flores venenosas. Não há ser que fique indemne. Até que chegou a vez à macieira aninha, que um bafo húmido-lilás turba e perturba. Há aqui um encolhido, que nunca saiu do saguão, que nunca olhou para o céu nem sabe que o céu existe: sente também a primavera. Assim me sucedeu com um tronco decepado que no inverno meti no fundo duma loja: na primavera seguinte tinham-lhe crescido ramos: sentiu-a através dos muros, e, com gritos represados, botou um simulacro de flor.

Fevereiro. Primeira noite de luar e de loucura. A primavera toca mais fundo, mais fundo ainda — esta primavera que revolve os vivos e os mortos. Todos deitam flor. Acordam na profundidade dos sepulcros, com o sonho que levaram para a cova, com todos os sonhos desfeitos em pó. Há-os que nunca se atreveram a declará-lo. Há-os que o sumiram com receio de sonhar. Há-os estonteados...

Na frente uma aparência — a vida está na multidão que nos impele, a vida está nos mortos. Massa atrás de massa, os mortos empurram os vivos. Sente-se o esforço doloroso. Atrás destas mãos, outras mãos de desespero; atrás destes olhos sem órbitas outros se desesperam para a luz. O pior era o silêncio. O esquecimento é que é a morte definitiva, e por isso o esforço aumenta. Formam uma cadeia infinita, a caminho para a vida e para a dor; a todo o momento nos falam e nos guiam, e toda a sua ânsia é viverem depois que estão no sepulcro. A velha que saiu da existência mirrada, continua a trazer o menino ao colo. Outros caminham trôpegos, sacudindo a terra que se lhes pegou aos ossos. Ei-los dispostos a sofrer por uma nova ilusão. A vida foi um nada, impregnou-os para toda a eternidade: um instante de luz bastou para lhes dar gosto à dor. O que eles tentam misturar as suas lágrimas às nossas lágrimas! o que eles arfam para que o mesmo fluido que nos prende aos sepulcros — onde estremecem — se não desligue da vida que ainda se não tornou visível! É que não só os mortos mandam nos vivos, também os vivos mandam nos mortos. E avançam, empurram-nos... Estendem as mãos mirradas para se aquecerem ao nosso lume; guardam nos ouvidos pela eternidade os ruídos vulgares — os mais belos — o das folhas caindo uma a uma, o da fonte que corre e que nunca mais tornará a correr, o da voz que lhe falou na hora extrema; guardam nas mãos o último contacto das mãos, e a réstia doirada deste sol doirado ainda lhes reluz nos buracos das órbitas...

A terra gorda e remexida, todo o planeta que não pode com o peso dos mortos, se revolve até às raízes. Poeira doirada misturou-se a este húmus que estremece e acorda para realizar outra vida a que nunca se atreveram, para pôr em prática o sonho dos vivos e dos mortos.

Deitam-se ao mesmo tempo a caminho do fundo dos fundos e de mais fundo ainda. Mesmo morto o que eu não quero é morrer... Primeiro rebate da primavera doirada e frenética, primeiro impulso que estonteia e deslumbra...

Ouve-los falar baixinho, surpreendidos, como se soltassem todos o mesmo ah — de espanto, e se pusessem a falar baixinho uns com os outros?... Fala a poeira, fala a sombra desconforme, fala o pó desaparecido.

Os mortos é que estão vivos! os mortos é que estão vivos!

A MULHER DA ESFREGA

7 de fevereiro

Do sonho que revolve o mundo cabe também uma parte à mulher da esfrega. Arrasta tudo consigo. Cai o inverno dentro da primavera. Engrandece-a, espalma-lhe os pés, esfarrapa-lhe os vestidos.

Está aqui a figura — está aqui outra coisa. Muda de expressão, como se fosse possível as lágrimas usarem por dentro as figuras humanas, como a chuva e os passos gastam a pedra. Aquilo dura um momento, transparece um minuto, mas esse minuto chega. Logo à submissão e à humildade se mistura um nada de entontecimento. Quase nada. Trouxe sempre consigo debaixo do xale um resto de sonho amargo. Remoeu-o transida de frio pela vida fora, quando fez recados, aqueceu a água e rachou a lenha. É um nada e ampara-a. Atrave-se... Toda a gente precisa de qualquer estonteamento para suportar a vida. Sonho gasto que andou por todos os caminhos, com pés espalmados como a recoveira. Há sonhos humildes que ninguém quer sonhar: servem à Joana, que quando os usa os vira do avesso.

Velha quer dizer experiência e segura, e a Joana não tem experiência nenhuma da vida. Conserva a ternura intacta. Nin-

guém na ouve. Tem uma filha, nunca fala na filha. Às vezes pousa em mim os olhos turvos:

— O corpo pede-me terra.

Ainda hoje não comeu senão uma côdea que lhe deram. Aproveita tudo. Anda sempre absurda a fazer contas como um avaro. Os trapos são sempre os mesmos: seca-os no corpo. O monólogo é sempre o mesmo com que enche a vida toda. É sempre a mesma obstinação desconjuntada, como se as palavras gesticulassem para o lado de dentro, e a mesma ideia que a persegue e que debalde repele. Seja o que for, a Joana esconde-o muito fundo. Às vezes fica suspensa e alheada. Mal pode arrastar as pernas trôpegas. É pele, meia dúzia de ossos, um cangalho, que sente uma absoluta necessidade de repouso, de terra para dormir. O frio é de morte. Entranha-se-lhe até aos ossos, e a velha lá segue com o saquitel de boroa e os olhos turvos de tanto ter chorado. Vê sempre não sei quê que a não larga.

— A tua filha?... — E nunca fala da filha.

Naquele desespero percebo uma palavra, outra palavra. Sobre isto choro, sobre isto lágrimas em barda, como se nascesse uma fonte na escuridão. A Joana chora sempre, chora por tudo e por nada, chora por si e pelos outros, não se sabe onde vai buscar tantas lágrimas.

A ternura é húmida.

Não compreendo este ser. Viro-o, reviro-o. É um nada com duas ou três ideias no caco. Cheira mal, cheira a aziumado. Passou a vida a aturar os doentes e a vida repele-a. Apega-se e a vida acaba por fazer de Joana, de unhas roídas, peles no pescoço e olhos turvos, uma figura disforme. Irrita-me e prende-me. Sei como a Joana se encortiça dum lado e se faz sensibilidade do outro. Posso dizer quase dia a dia como as mãos se lhe deformam, como os olhos se lhe aguam, explicar como a mulher da esfrega se parece com o pano da esfrega. Não sei

explicar o resto. Com este molho de ossos e alguns farrapos no corpo, há um fiozinho de oiro a reluzir, um fio que teima em aparecer à tona e em se misturar à água de lavar a louça. Anos, velhice, desgraça — e teima. Teima até ao caixão. Reluz sempre. Tem o mundo contra si, a vastidão sôfrega, o rodilhão do universo em perpétuo inferno. Resiste. Parece fácil de suprimir num sopro. Resiste a tudo, esse pó necessário como o pólen à asa para voar. Um nada com a noite diante de si, com a voragem diante de si. Tudo se gasta e desgasta — não o usam.

Tenho passado noites em debate com este ser absurdo. Acabo pelo desespero. Enfurece-me e apega-me ternura. Uma boca enorme que se fecha sem emitir palavras, os mesmos olhos inocentes de pasmo, e um ronco que lhe vem dos gorgomilos como do fundo dum fole. Mais nada. Sacudo-a — deita sempre a mesma água. O mundo é uma voragem. Tanto faz. A vida é uma mistificação. Debalde. Responde-me com ternura. Responde-me com uma vida humilde de desgraça e lágrimas. E outra coisa exprime a figura: surpreendo através dos farrapos e do ridículo, um nada imenso, uma força imensa que transmite outro nada: algumas lágrimas para chorar, outro ventre para parir. Um poder de se perpetuar — para gritos. Impele-na — impele. Debalde a dor sua, a Joana caminha molhada e trôpega, mas caminha. É inútil a desgraça agarrar-se-lhe. Mais funda porque é muda como a noite. Faz parte da velha. Envolve-a, cresce, enrodilha-se-lhe. Sua. Só geme: — Hã... — Resiste à desgraça, resiste à vida, resiste ao ridículo. A velha consegue ser maior que a desgraça. Nem toda a água de lavar a louça suprime este facto.

O meu desespero termina aqui, diante desta criatura que não compreendo, de mãos roídas e um xale velho sobre o corpo mirrado de ternura. Estraga-me a vida toda. Perturba-me a lógica. Mete-me medo. Tanto faz que a Joana viva ou morra, que grite ou se cale: as mesmas estrelas no céu, a mesma grandeza absurda, o mesmo mudo espanto. E no entanto nesta confusão esplêndida só a sua alma comunica com a minha alma. A sua

dor, a sua mentira é que importam à minha vida e à tua vida. Negrume e um arranco: exaspero para manter de pé um resto de ilusão. Mal se fecha abre os olhos atónitos. Não diz palavra. Por fim chora, as lágrimas correm-lhe pelos sulcos das lágrimas e mistura-as ao pó de sonho com que foi entretendo a vida, a pequeninas coisas gastas e puídas — ao sonho que ninguém quer, ao sonho que ninguém usa, e que em todo caso a sustenta e a enleva, como as bonecas das crianças pobres, de trapo e com dois olhos abertos a retrós, que se lhes afiguram rainhas.

Há um mistério na vida de Joana, e no entanto na sua alma lê-se como através dum vidro. Tudo nela será falso exceto a dor. Não sei, ninguém sabe o que tem. Sinto que se obstina como se fosse de pedra e dentro houvesse outra Joana a dar com a cabeça pelas paredes. Não ouço o que diz, nem sei o que sofre — mas a desgraça sua naquele monólogo sem pés nem cabeça, a que não ligo sentido. Debalde o sonho se encarniça. O sonho, que não cabe no mundo, cabe entre as quatro paredes daquele caco e revolve-a. Fecha a boca como se tivesse medo de falar. Não quer ver — e há de por força ver. Persiste em manter de pé o resto da ilusão em que passou a vida, obstina-se o ciclone vivo em pô-la frente a frente à desgraça. É sonho contra sonho. O que ela não quer é ver, e só ela sabe o que não quer ver. Não pode com o peso desconforme que a torna grotesca, e de todo se assemelha agora à árvore do quintal: mais sonho — mais flor. Abre uma boca enorme, fecha-a sem emitir som. Mostra as mãos, aperta os gorgomilos e o sonho arranca-lhe farrapos. Há de acabar por lhe extorquir a dor...

Sua vida é um monólogo que eu não sei traduzir. Nossa vida é sempre um monólogo de interesse e de sonho. Sempre o mesmo monólogo interior, de dia, de noite, quando acende o lume ou quando põe em mim os olhos turvos. Talvez os bichos monologuem assim, muito baixinho, pra dentro, só dor, sem entenderem a vida nem explicarem a vida. A desgraça está ali ao pé, cada vez mais seca, e nem o sonho nem a desgraça

conseguem arrancar-lhe aquilo de vez para fora. — A minha filha... — Mas isso não basta! não chega! Mais dor, mais sonho. Abre a boca cada vez maior e não tira outro som dos gorgomilos: só emite um ronco. A desgraça e o doirado tingem e entranham-se na água de lavar a louça. Há de acabar por falar... Até agora por mais que faça sai-me das mãos ridícula.

— E vai eu disse-lhe... — E estaca, esfarrapada e atónita. Sacode-a o sonho com desespero. — Hã... — E como naquele caco espesso só há duas ou três ideias como traves mestras, e ternura naquela alma obscurecida, não avança mais palavra. E a desgraça sua e tressua. Grotesco, grotesco, e desespero neste grotesco, e dor neste manequim desconjuntado, com um xale a esvoaçar e a boca espremida. Anda aqui um ser imenso que luta com um ser humilde e o amolga até à caricatura. Não pode mais — e ainda aperta a boca... O que tu lhe fizeste sonho! o que tu lhe fizeste!... Tornaste-a disforme como a sombra dum bonifrate projetada sobre um ecrã. — Criou aquilo a bafo, trouxe-o sempre consigo debaixo do xale, com olhos aguados e tal ar de aflição que parece tonta. — A minha filha... — e tu arrastas-lhe a dor como um trapo por todos os esgotos. Debalde se debate: tem de falar...

— A minha filha casou rica, a minha filha tem uma sala de visitas (é o que a Joana mais admira no mundo) como a das outras senhoras. A minha filha... não posso! não posso!...

E para não avançar mais, a Joana ri-se de si própria. Quem a não soubesse capaz de exagerar, diria que exagera. Ajunta pormenores embaraçosos a essa história que se parece com a mulher da esfrega pelos empurrões e pelos trapos. Repete-se, hesita, volta ao princípio, sem termos para se exprimir. E atrás das palavras sem ligação sente-se cada vez mais dor: o pano sujo da esfrega está embebido de lágrimas.

— Tenho uma tristeza metida em mim...

A narrativa desconjunta-se: ganha em dor e em grotesco. Enche a boca, perde em naturalidade, adquire em imponência. O tom carregado é de farsa com resíduos de lágrimas. A des-

graça ri-se da desgraça. Aumenta as cores de exagero, carrega o traço, e a tinta engrossa:

— A sala de visitas! a sala de visitas!... — Representa com ademanes e mesuras grotescas a sua entrada numa sala em passo medido de procissão. Avança um passo, recua um passo. E aí surgem agora as visitas da filha, umas atrás das outras com espalhafato. A Joana prolonga demasiado a cena para as velhas se rirem — e tem os olhos arrasados de lágrimas. Insiste, para-lhe na boca o riso desdentado como se tivesse um nó no gorgomilo. Teima, e desata a chorar. — E vai eu disse-lhe... — Reage e começa logo a rir. É um quadro estranho e sem realidade. No fundo, a tintas que ressumam desespero, agitam-se figuras com penantes desconformes e sedas amarelas. Primeira dama, segunda dama — e os chapéus têm penachos doirados, os vestidos recortes de espanto. E as mesuras repetem-se num acesso. Terceira dama de cauda a rasto, outra dama, cumprimentando para a direita e para a esquerda, e já nos longes enfumados, sempre com exagero e grotesco, outras damas de espanto — da alta-roda... E o ser esfarrapado mexe o crânio, para cima e para baixo, com um sorriso à sobreposse. Postiço sobre postiço. Representa — e todas estas figuras parecem sufocadas, todas estas figuras que ela cria ridículas, mal dão dois passos, estão mortas por desatar aos gritos — todas estas damas inverosímeis, de roxo, de amarelo e de verde, pariu-as o grotesco com dor. A Joana imita as contumélias, olha em roda, e recebe-as pé atrás pé adiante. E já o absurdo aumenta, a dor aumenta e trasborda, quando outras damas de farsa, outros manequins forjados pelo sonho, se agitam de cá para lá na sala de visitas, engrandecida e transformada na sua boca num salão doirado. É o ponto em que as velhas gozam, sentadas à roda da Joana, em que a D. Felicidade exclama: — Ai que eu não posso mais! ai que eu até fico doente! Vem-me a sufeca. — Estão ali todas. Está a D. Hermínia, e com a D. Hermínia um mundo de inveja paciente; a D. Penarícia, e com a D. Penarícia uma alma onde repousam exaustos, como num vasto dormitório, todos os despei-

tos duma existência inútil; a D. Fúfia com os cabelos arrepiados, e por trás da D. Fúfia as ruínas devastadas de Cartago. Está a mulher da esfrega trôpega, amachucada, com olhos aguados de cão. E com isto ridículo, e sobre esta tragédia ridículo.

Já a história entra noutra fase. Tantas vezes se tem perguntado porque é que a filha a deixa andar na esfrega, que a velha acrescenta pormenores embaraçosos. A narrativa torna-se obscura, dolorosa, hesitante, como se fosse arrancada aos pedaços duma alma espezinhada. — E vai eu disse-lhe...

— Hoje é que ela está que até parece o Taborda!

Na realidade a Joana é insuportável. Repete sempre as mesmas coisas, depara-se por todos os cantos como um trambolho. De noite, quando se pilha na enxerga, cuido que mói ainda o mesmo sonho: — A esta hora lá está ela... a esta hora... A esta hora a minha filha... — E os olhos cerraram-se-lhe de êxtase, de dor ou de espanto no sórdido buraco.

Todas as noites a velha, quando sai da esfrega, dá uma grande volta no negrume, alta, ossuda, molhada até aos ossos. Ninguém sabe onde a conduzem os passos trôpegos, a falar só, a remoer o sonho que a sustenta e ampara. Por vezes palpa um pilar de granito, por vezes debate, com um ser misterioso, uma questão insolúvel. Sigo a sombra esgalgada, que gesticula e reza. Para numa ruela, senta-se à porta dum casebre. Bate, não lhe respondem. Espera, e outra vez timidamente se atreve a chamar... — De dentro sacodem-na palavras bruscas, e a velha torna por o mesmo caminho, encharcada até aos ossos... Esta casa não é como as outras casas, esta sala não é como as outras salas, nem esta rua como as outras ruas.

8 de fevereiro

O sonho é um — a realidade é outra: a realidade é uma figura só dor. Remoheu aquele sonho quando seguiu a filha pelas

vielas. As mãos secas de desespero tentaram em vão arrancá-la à desgraça. A filha desceu mais fundo, a Joana desceu mais fundo. Deu-lhe a vida e suportou o escárnio. Andou nas mãos dos ladrões e tem tal ar de aflição, que parece tonta. A desgraça pega-lhe pela mão e leva-a mais fundo ainda: aperta-a de encontro ao peito descarnado... Não faz ideia nítida da vida e da morte, nem daquela viela com mulheres. Atura a abjeção e a miséria. Suporta os vestidos encharcados no corpo. Foi disto que ela fez sonho — das noites de dor e do riso dos ladrões. A usura da vida e a dor represa engrandecem-na. Nunca se queixou. Escondeu de todos a sorte da filha. Guardou aquilo para si, noite a noite, toda a vida. Bronco e dor, uma carcaça e farrapos, e nos olhos não sei que expressão que a faz mais baixinha: — Aqui estou para te servir. — Passou por tudo, e um resto de ilusão bastou-lhe para poder viver. Sós a sós a figura tem uma expressão descarnada e refletida.

Nessa noite, à meia-noite, nasce o menino entre ladrões. Vem morto ao mundo. A Joana pega-lhe a tremer com as mãos da esfrega e deita-o no xale. Quatro cabeças se curvam à luz do candeeiro de petróleo para verem o menino — três cabeças de ladrões e a cabeça da velha.

— O menino está vivo! — afirma a Joana.

— É preciso enterrá-lo de caminho — diz o ladrão mais velho, encolhendo os ombros. E juntam-se à porta falando baixo, enquanto a velha lhe aquece o corpo pegajoso com o bafo. Dentro a mãe geme.

— Vamos.

Os gritos cessaram de todo.

— Venha daí.

E, tomando o braço de Joana, que chega a si o menino embrulhado no xale, levam-na para a rua. Vão adiante o ladrão e a velha. Caminham até um terreno de construção, lama calcada e recalçada: ao fundo o pano dum muro e um resto de árvore mutilada. Escolhem o sítio e o pai abre a cova com o alvião. Nenhum

diz palavra. Só a Joana aperta mais o menino de encontro ao seio murcho, como se fosse possível aquecê-lo... Agasalha-o dando voltas ao xale roto, e vai depois no escuro palpar a terra encharcada. Tira-lho o pai para o meter na cova, e ela ainda protesta:

— O menino está vivo.

Nenhum dos ladrões se ri. O que ela quer é outra vez criar. Está disposta a recomeçar a vida, a deitar mais ternura, a tirá-lo à boca para o dar aos outros. E insiste:

— O menino está vivo.

— Vamos embora.

Sacodem as mãos: só a Joana conserva nas mãos a terra da cova. Rodeiam-na três sombras enormes e ela sente-lhes no escuro o bafo monstruoso. A seu lado caminha o ladrão mais velho. Os outros adiantam-se.

— O estafermo da velha rica que tu serves está só. Tu podes abrir-nos a porta...

— Roubar!...

— Ouve o que te digo... Tu não sentes o frio e estás molhada até aos ossos, tu de tanta fome já não sentes a fome.

— Ainda hoje comi uma tigela de caldo que me deram.

— Nem dás pela desgraça. Tu não vês a tua filha numa viela e nas mãos dos ladrões?

— As bagadas que eu tenho chorado, senhor ladrão!...

— A desgraça trá-la escrita na cara. Ainda ontem lhe bateram. Nem a lama das ruas é mais baixa e mais calcada. Tu ouves?...

E a Joana mastiga:

— Naquela terra tão fria, chegado à terra...

— Para não sofrer. Deixa lá os mortos. Os mortos podem mais que os vivos. Ouves o que te digo?... O menino matou-o ela ao parir...

— Jesus!

— Matava-o eu para não ser ladrão. Deixa lá o menino que está na terra. Escusa de ser ladrão... O estafermo da velha rica está só. Tu podes fazer-nos a entrega...

— Senhor ladrão, vossa senhoria... Assim Deus me ajude...
Como a terra está fria!...

— Que me importa a terra! O que me importa é o dinheiro do estafermo. Ouve! ouve! ouve! Ela é rica, tu és pobre...

— O senhor fez os pobres para servirem os ricos, e os ricos para ajudarem os pobres...

— A minha vontade era esganar-te... Por tua filha! Se não nos abres a porta ele estorcega-a. A tua filha é menos que nada nas mãos dele...

— A minha filha... Vossemecê, senhor ladrão, também teve uma filha, que eu sei...

— Cala-te! Esta noite é por força noite de desgraça. Tive uma filha e não lhe pude valer. Vi-a morrer com os olhos enxutos. Morreu tísica, morreu-me à fome e não lhe pude valer! Fiz-me depois ladrão. Deixemos os mortos... Uma madrugada fui de prego em prego. Tinha despido o casaco para o pôr no prego. À porta dum estava um cavalo à carroça, com a cabeça metida numa seira, a comer. O que eu invejei aquele cavalo! Morreu-me. Foi nesse dia que me fiz ladrão.

— A sua filha morreu-me nos braços...

— Tu não te calarás! Esta noite já me não serve. É noite de desgraça. Vai-te para o diabo!

Repele-a, e ao pôr-lhe a mão no ombro, repara que só traz a camisa estreme sobre o corpo:

— O xale? que é do xale?

— O xale dei-o ao menino.

— Fizeste-la bonita!

Tal é a figura esfarrapada. Maior. Maior pela desgraça e pela mentira. A Joana, quando faz rir as velhas de cuia postiça, mente. Tem duas existências, uma vulgar, outra oculta. Lava as escadas, calada e submissa: à noite vive com os ladrões e as mulheres das vielas. E mente. Mentiu sempre. Mentiu enquanto pôde. Mentiu a si e aos outros. Fez da dor mentira e da mentira sonho. Quanto mais desgraça, mais exagero e mais grotesca a sala de visitas — maior a sala de visitas — mais doirada

a sala de visitas. A Joana não se atreve a sonhar a felicidade: contenta-se em sonhar a desgraça, e não lhe tira os olhos de cima, para não ver outra desgraça maior. Ilude-se. E debate-se numa cogitação profunda como a noite. Toda a noite lhe parece negra. É como se pela primeira vez desse com a vida. Deita as mãos, não encontra a que se apegue, e faz gestos para repelir o negrume. Remói coisas que não percebe bem, que se lhe confundem na alma e que traduz em palavras descosidas e sem significação. De quando em quando para, com os olhos fixos, e diz uma frase fora de propósito, a cismar com obstinação noutra coisa:

— Casa de mulheres, casa de ladras.

Ou monologa parada a um canto:

— O Senhor lá sabe porque a gente anda neste mundo e para que se criam estas coisas... Estas coisas... — E abre os olhos espantados. — Tudo está escrito no livro do futuro... Sempre ele há gente muito boa neste mundo! É o que vale à pobreza. — Depois um salto dentro dela: — 11, não, 12 vinténs é que são. 4 vinténs do baú que levei à cabeça, 6 vinténs da esfrega... — E conta pelos dedos: — 6, 7, 9 vinténs... — Depois aquilo remexe, vai ao fundo do fundo: — A desgraça não nasceu comigo nem há de morrer comigo. — Ou explui num grito de quem não pode mais: — Não posso com este peso, com esta desgraça, com esta desgraça sobre esta desgraça, e com isto!... A dor que a gente cria aos seus peitos! E ainda por cima isto!...

Depois cala-se. É pior. Fica confundida e atónita, como um cavalo prostrado, que não sabe porque sofre e mantém os olhos abertos — ridícula diante da desgraça e diante do assombro. Cala-se e outro ser imenso começa a falar dentro dela. É um debate ao mesmo tempo fútil e cheio de grandeza, que não posso fixar, mesquinho pelas palavras que emprega e grande pelo sentimento que o reveste. É uma coisa triste, uma coisa dolorosa, uma coisa desconexa, feita de nada, de gritos, de mudez. A Joana fala com o Sonho tu cá tu lá e atira-se ao Sonho. E quando enfim o espanto se acumula

sobre ela, a Joana dispõe-se a arrancar-lhe farrapos. Misturem a isto dor, misturem a isto ridículo, porque a Joana revolve tudo, frases, sentenças, palavras que lhe acodem e que não formam sentido — vêm de muito longe... — lágrimas, sonho e ranho. Assoa-se ao avental.

— Eu não sei dizer! eu não sei dizer!

E sem falar à sombra que a não larga, a velha gesticula para o escuro: a desgraça tapou-lhe a boca, meteu-lhe outra vez a boca para dentro. Avança com as mãos abertas. A noite é imensa. Cabem na noite os mundos infinitos, mas só me interessa a alma de Joana. Quer compreender e não pode. Pior: o sonho humilde já lhe não é possível. Parece perdida, tão inútil no mundo! A ternura não lhe serviu de nada. E há outra coisa em que é preciso insistir: não sabe porque sofre, não lhe cabem lá dentro a desgraça e a explicação da desgraça. Outra vez recorre à perlenga com que amortece a dor: — A sala... a outra sala... — Mas na sala disforme vomitam-se injúrias e as bocas transformam-se em bocarras monstruosas, que a Joana não consegue tapar. Está só e a noite, só e o sonho. Fica dor pelo lado de dentro, como a fuligem duma chaminé quando se incendeia e fica doirada pelo lado de dentro. O negrume é cada vez mais compacto e o esforço da velha cada vez maior. Quanto mais negra é a sala, mais a Joana insiste. Aumenta-a, e agitam-se as visitas em delírio: quem as recebe de pé a fazer cortesias de espalhafato é a própria desgraça vestida de amarelo. As cadeiras tomam outra expressão, o doirado dos móveis apegam-se à noite espessa. Estes cacos são expressões de dor e é a desgraça quem os arruma.

A noite irrita-me com a sua imobilidade imperturbável, e ao lado este ser que só tem uma forma grotesca de exprimir o que sofre. Esta sala com um gato bordado a retrós, interessa-me muito mais que a noite negra, a noite funda, a noite caótica com esta vida e outra vida. A noite é inútil.

PAPÉIS DO GABIRU

9 de fevereiro

Há em mim várias figuras. Quando uma fala a outra está calada. Era suportável. Mas agora não: agora põem-se a falar ao mesmo tempo.

Sentiste-o avançar, pouco e pouco, no silêncio? Sentiste o teu pensamento disforme avançar mais um passo no silêncio? É porventura possível que o que se passa no mais recôndito do teu ser, alguém o pressinta e ouça avançar no silêncio?

Perpétuo combate a que bem quero pôr termo e que só tem um termo — a cova. Eu e o outro — eu e o outro... É o outro arrasta-me, leva-me, aturde-me. Perpétuo debate a que não consigo fugir, e de que saímos ambos esfarrapados, à espera que recomece — agora, logo, daqui a bocado — porque só essa luta me interessa até ao âmago... Estou pronto!

Todos nós pelo pensamento somos capazes de hecatombes. Detinha-nos a vida artificial, uma arquitetura mais temerosa que todas as catedrais do globo postas umas em cima das outras.

Se me esqueço o meu pensamento disforme deita-se logo a caminho... Vejo-o caminhar e não o posso deter. Por mais esforços que faça não o posso deter. É como se eu criasse figuras, que se pusessem logo a caminho. Todos os fantasmas se dissolviam à luz da madrugada. Agora estas figuras têm de cumprir um destino. E pergunto a mim mesmo baixinho se na verdade eu não desejo que avancem um passo — e outro passo ainda...

Tinha medo de aparecer no outro mundo deformado e grotesco, e agora tanto faz entrar na morte repulsivo, como transfigurado e só dor.

Olhava este momento que ia desaparecer, com saudade — porque nunca mais se repetiria no mundo. Nunca mais outro segundo igual nem na luz, nem na vibração, nem na ternura... O momento em que me sorriste, balouçado entre o nada e o nada, nunca mais se tornaria a repetir, idêntico e completo, em todos os séculos a vir! Estava ali a morte — está aqui a vida. Agora pergunto a mim mesmo se te deixo morrer; e a pergunta obsidia-me e exige resposta imediata. Sei tudo, tudo o que me podes dizer — já eu o disse a mim próprio. Até hoje falava a alguma coisa que me ouvia, hoje só interrogo a mudez, a mim mesmo me interrogo.

Tu lutas contra esta figura que dentro de ti te impele; — tu queres fugir de ti próprio, queres separar-te de ti mesmo, e não podes. Só consegues, à custa de esforços desesperados, manteres-te dentro da fórmula ou da máscara que escolheste, e arredar o crime e a loucura, e fingir e sorrir. Tu pudeste iludir o fantasma, seguindo pelo caminho trilhado. Iludiste os outros e a ti próprio te iludiste. Agora não. Agora sentes-te capaz de tudo. As grandes sombras que te entravaram a vida, ei-las reduzidas a dois punhados de cinza. Valia a pena a luta? O homem é sempre a mesma lama, os mesmos despeitos

e os mesmos rancores, com resquícios de oiro à mistura. O que pode fazer é dominá-los. Mas sai sempre da luta esfarrapado e perguntando a si mesmo baixinho: — Valeu a pena? valeu a pena? — Depois que se venceu que lhe resta? Ele e o vácuo, ele e a saudade da lama que fazia parte integrante do seu ser. Ficou diminuído. A espuma também tem os seus direitos.

Alguma coisa, porém, se interessa pela minha dor. Todas as noites grito, todas as noites sufoco os gritos. Todas as noites me debato com o mesmo problema e a mesma angústia. E há uma coisa que assiste a este espetáculo e se interessa, que cada vez me mergulha mais fundo para que eu me despedace — e se interessa...

15 de fevereiro

Com que saudades me aparto da mentira! Dos nada, das pequenas coisas que dão sabor à vida. Já reparaste que são as pequenas coisas da vida que nos fazem chegar as melhores lágrimas aos olhos? Na natureza os últimos dias de outono que se despedem de nós com saudade, o oiro húmido, o último sol nas folhas molhadas; as noites cheias de estrelas, em que se adivinham outras estrelas ainda; a ternura que não tem existência real, a sensação que passou por nós num segundo, sem deixar vestígios; e as horas que criámos, esquecidos e penetrados um do outro, ao pé do lume, já sumidas também na voragem. Nada — tudo. A tua expressão em certos momentos, em que uma figura transparece sob outra figura, como se fosse dado contemplar, num rápido instante, a tua alma límpida — todos os sentimentos que geramos de ilusão, de sonho e de tristeza. Tudo e nada.

Agora a vida é amarga. Acabou a saudade e este sabor amargo é o sabor da vida nova que começa. Até o remorso acabou.

Até hoje bastava uma palavra tua para me prender, ou a ternura que os teus olhos exprimiam. Tu sorrias... Um sorriso e mais nada, ternura e mais nada. Uma forma transitória, sonho e mais nada.

OUTRA VILA

20 de fevereiro

O tempo era limitado, a paciência pegajosa, o gesto lento. Agora que a vida dura séculos ninguém espera um minuto.

Tenho aqui a vila sufocada de espanto, e, neste momento de silêncio e mudez, todos encaram com desespero os próprios fantasmas. Está aqui o fel — e o fel está vivo. Está aqui a mentira — e a mentira está viva. Está aqui a D. Leocádia e o dever, a D. Biblioteca e o poço, o Anacleto e as conveniências. Estão todos. Não falta ninguém à chamada. Está aqui também o espanto e a mania, e a mania tem os cabelos em pé. Custa-me a admitir-te na minha companhia, custa-me a arrancar-te de profundidades ignotas... Tudo o que fiz era um simulacro, reconheço-o. Passei a vida a arremedar a vida. Passei a vida com uma voz a pregar-me: — Não metas aí o nariz. — E a minha vontade era meter ali o nariz. — Passei a vida a cumprir o meu dever e a amargar o meu dever. Passei a vida a arredar-te e agora tenho por força de viver contigo. E tu? — e tu? — e tu?... — Gastei-me, gastei-a... — exclama

a D. Leocádia. Cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o com fel. Para cumprir o meu dever lhe repeti a toda a hora que os pobres têm um lugar marcado na vida. Fi-lo por dever. Não transijo nunca com o meu dever. Assim como devia tirá-la do asilo por ser do meu sangue, assim o meu dever era educá-la para pobre e reduzi-la a um ser passivo e inerte. Vesti-a com um saco e gastei-me um dia, gastei-a outro dia, a ponto de usarmos as feições e de não nos reconhecermos. Espiámo-nos ambas, uma em frente da outra, no silêncio gélido da vila, onde se ouvia o trabalho lento das aranhas no fundo dos saguões. — Dei-te o sustento, tens de ser agradecida. Tirei-te do nada, livre-te da fome, é preciso seres agradecida. Cumpre o teu dever. Eu cumpri sempre o meu dever. Cumpri-o contrariada, num perpétuo dize tu direi eu, numa eterna contradição, mas cumpri-o. Cheguei a tirá-lo à boca para a poder manter. Cumpri o meu dever e amarguei o meu dever. Usei assim a vida a arremedar a vida. E tenho-a aqui na minha frente, com a barriga à boca, à espera que eu cumpra o meu dever até final. Qual é o meu dever? Reconheço que a odeio — odiei-a sempre. Mas qual é o meu dever? pergunto. Qual era afinal o meu dever? Se fazia o bem, amargava o bem; e tu não me largavas se tentava o mal. A minha vida tem sido um perpétuo inferno, contrariada e impelida, e sempre a cumprir o meu dever amargo, o meu dever estúpido. — E os olhos não se lhe despegam do fantasma coçado e verde, de ferro e verde. Grita-lhe: — Cumpri sempre o meu dever! Se não cumprisse o meu dever ia parar a uma viela. — Queda-se estrangulada e surpresa, mais estrangulada e surpresa ainda, diante da voz que lhe diz não sei o quê de temeroso... — E tu? — pergunto — tiveste inveja? — Tive e recalquei-a. Arranquei tudo, destruí tudo, por ti que não existias. — Mas isto é infame, isto não sou eu! — És, és, mais do que nunca o foste. — Eu mesmo reconheço que sou outra casta de intrujão. Tenho outros preconceitos, falo outra língua e julgo-me superior. Na realidade sou outra casta de intrujão. O que me falta é desplante. Prendo-me a inutilidades, e, para

me engrandecer, admiro os meus escrúpulos e dou importância às minhas teias de aranha. A minha vida é uma série de transigências secretas — e por cima medo... — Fala mais alto! fala mais alto! — A minha vida tão bem construída é uma aparência, a minha serenidade, aparência. Talvez um pouco de lógica, um pouco de acaso e mais nada. No fundo de mim mesmo tudo isto me parece um sonho monstruoso e sem nexos, e às vezes surpreendo-me a pensar: — Sou um doido? sou um doido? — É que me vem não sei donde, não sei de que confins ou de que recanto de alma que tenho medo de explorar, um bafo que me entonetece. Serei eu doido? — Cada velha se põe a recuar diante de si mesma; cada ser procura afastar-se; cada um a si próprio se repele. Mas todos são enrodilhados no pé de vento, que os leva sufocados e atónitos, balouçados entre a vida e a morte, entre o assombro e o inferno. E é grotesco este encarar com o sonho, pé atrás pé adiante, esta hipocrisia que teima em ser hipocrisia, esta mentira que quer ser mentira até à última extremidade. — Tu não deste um passo na vida sem obedeceres às conveniências e sem consultar o teu código de meticulosidade. Tens um *Deve* e *Haver* do tamanho dum prédio. A praça considera-te, Deus considera-te. E tu torturaste-a segundo as conveniências, habituaste-a a conter as lágrimas e a ser correta com o mesmo grito recalcado ao fundo do coração. E esse drama correto, torna-se mais correto ainda, e, século atrás de século, há de acabar por atingir a correção suprema. — Não tenhas medo, avança um passo, outro passo ainda... — Que é isto? que é isto que se me pega, diz a Teles, diz a Reles — e que me não deixa pensar na mania? — E nos olhos de idiotia, a vida, camada atrás de camada, chega a vir à superfície. — Ah, a mania, D. Teles, das Teles das Reles, a mania! Pensar neste trapo um dia, e só pensar neste trapo! Fazer de ti e de mim mania e só mania! — Dois castiçais de prata foram a minha vida. Pensei neles com minúcia. Um nada — ou Deus — bastou para me encher a vida. Acordei com eles, dormi com eles. Taparam-me o mundo. Isto foi o meu sonho e a razão do meu

ser. Criei-o. Dei-lhe o meu leite. Vivemos juntos; ia morrer com esta mania, levava-a para a cova, sem ter pensado no resto, e agora encontro-me sós a sós contigo, desprevenida e sozinha. Foste para mim um filho. Alimentei-te e alimentaste-me. Reservei-te sempre o melhor cantinho do meu ser. Salvaste-me do desprezo de mim própria, pior que o desprezo alheio. Quando me sentia mais humilhada e mais pobre, recorria a ti, e encontrei-te nas horas em que a gente até de si duvida, quanto mais dos outros. Trouxe-te sempre comigo. Sorrias-me. Foste a carne da minha carne e o osso do meu osso. Um filho podia-me morrer; tu não me deste um desgosto. Escondeste-me a vida e a morte — e eras um trapo, uma coroa de lata, dois castiçais de prata! Agora mesmo procuro agarrar-me — mas isto pega-se-me, deslumbra-me e ofusca-me... Há só uma coisa que eu queria ainda dizer, e não a sei dizer diante disto que tenho ao pé de mim, dentro de mim e me não larga... — Ai! ai! ai! — Também tu, também tu, prima Angélica, que passaste a vida debruçada sobre a meia, também tu te ergues num arrebatamento, passa-te não sei que dor na escuridão cerrada, e procuras, com a agulha afiada como um punhal, furar os olhos de todas as pessoas que te fizeram bem!... Mas tanta inveja ruminaste que sorris e te curvas submissa sobre a mesma meia eterna, a que mãos caridosas já não desfazem as malhas, e que tem três metros de comprido... — A mesa da bisca lambida caiu por terra, e de tal maneira se olharam nos olhos que não foi possível tornar a juntá-las. Só a mesma voz persiste dentro de nós mesmos, no silêncio e na mudez da noite infinita, tal qual a D. Leocádia: — Mas eu não posso! eu não posso! Tu obrigas-me a fazer o que não devo! Tenho aqui fel e hei de, para cumprir o meu dever, fazer o contrário do que sinto: dominar-me todos os dias, moer-me todos os dias, pregar-me todos os dias: — A gente só vem a este mundo para cumprir o seu dever!... — O que há de pior no mundo é arrancar os desgraçados à desgraça! O que há de pior no mundo é não haver outra vida e passar esta vida a arremedá-la!

21 de fevereiro

Até agora a mentira fez-me suportar a vida, a insignificância e as palavras tornaram-me a vida possível, a vida onde à custa de palavras cheguei a ser Eleutéria da Fonseca, Balsemão, Elias de Melo ou Melias de Melo. Só à custa disto pude aturar a vida e o horror da vida. Só por não a ver, pude encará-la. Só enquanto fui feito de pequenas misérias e de palavras inúteis a pude suportar. Mas agora que me resta se tudo é vazio de significação?

Custa muito a construir uma vida fictícia, a ser Teles ou a ser Santo, a criar um Deus ou uma mania. Custa a melhor parte do nosso ser. É certo que metade disto — metade pelo menos — é representado. Se te confessasses dirias: — Eu sou um ator, eu sou um ator de mim mesmo: represento sempre até quando sou sincero; até quando digo o que sinto, é outro, e noutro tom de voz, que diz o que sinto... Cá estou a vê-lo representar... Mais de metade, muito mais de metade dos meus sentimentos, são posições. Todos estamos ligados por compromissos, aceitamos certas leis e vivemos de aparências. Existe entre nós e dentro de nós um acordo tácito. No fundo bem sei que o que me dizes é mentira, mas sei também que tenho obrigação de ajudar a mantê-la. Respeitamos um compromisso vital. Mais alto! mais alto!... Para podermos viver só lidamos com uma parte convencional da vida. A outra não existe: se existisse seríamos bichos. Esta vida é uma mentira — a outra vida é monstruosa. Desabada a arquitetura aparente, ficamos ignóbeis. Isto que aí está por terra custou muito desespero, primeiro na inconsciência e na obscuridade, através da inconsciência e da obscuridade, e depois através de terrores e de indescritíveis esforços. Custou aos vivos e aos mortos a dor das dores, poderem discernir dois ou três factos essenciais na treva condensada, na treva compacta numa noite que durou séculos. Esforço inconsciente de larva, com um destino a cumprir e léguas de granito a romper. Tirámos o mundo do nada.

Levou séculos e séculos — mas tirámo-lo do nada. No princípio só fomos almas, criámos depois a casca. Também as árvores só a poder de tempo se revestiram dum invólucro. Éramos todos fantasmas. Criámos tudo — e a mentira. Tudo — e o hábito. Tudo — e a paciência. O sonho não é senão uma reminiscência. Todas as inutilidades não passam de adaptações à vida. Essas pequenas coisas são ao mesmo tempo temerosas e ridículas. Bem encarada a ninharia é uma tragédia. Destes seres saem outros seres grotescos e terríveis — terríveis e grotescos. No silêncio a mania toma proporções quiméricas, e não sei como hei de juntar estas duas coisas — mania e desespero.

Dentro de cada ser ressurgem os mortos. Crescem dentes às velhas, afiam-se-lhes as unhas debaixo dos xales. Adquiriram outra expressão. Quase toda a gente emagreceu. Aguçam-se ferros no escuro. Procuram-se. Qual é o teu verdadeiro ser? Eu mesmo não sei. Dá-me um trabalhão encontrá-lo e acho-me sempre em frente de cacos, a que não consigo dar unidade. Uma ninharia — um impulso — um hábito. É isto que constitui o meu ser, ou é esta série de imagens, já desaparecidas, que formam a minha e a tua vida? Não, o meu verdadeiro ser sacode a poeira na cólera, na paixão, no amor ou no ódio, — porque aos sentimentos também é preciso desenterrá-los — e atua num frenesi. Acabaram as hesitações e as dúvidas, porque já não sou eu quem mando, a minha razão ou a minha vontade: são os mortos. E é quando me sinto viver.

E a insignificância? Até a insignificância. A insignificância com orgulho, a insignificância com desespero.

25 de fevereiro

Aqui está a vila toda — mas as figuras mudaram. São disformes. O próprio Santo cheirou as velhas, sacudiu as velhas

e atirou com as velhas à rua. Do alto dos montes vomita cóleras sobre a vila passada de terror. O silêncio redobra, a dor redobra. E com isto uma alegria a que falta o ressaibo de tristeza que se misturava a todos os nossos sentimentos. Falta-lhe equilíbrio e harmonia. Tem a maior ferocidade. E produz o mesmo efeito que este cenário de assombro, que o vento e a chuva esfarelam, e onde sobrenadam restos. E com isto a voz que não nos dá tréguas e que atinge o desespero: — Não grites, D. Leocádia, não grites. Reconheço que és feita duma peça só. Foste sempre inteiriça. — Tirei-o à boca para a manter... — Tiraste-o. Tomaste a vida a sério. Entendeste sempre que pobres se educam como pobres, passaste a vida a azedar a vida, e o dever, que fizeste amargar aos outros, começou por te amargar a ti. E a esta luz intolerável as coisas tomam a teus olhos aspetos ignorados... — Mas então não há dever nenhum e eu não sou a D. Leocádia, 29-3.º-D.? — Outro passo, D. Leocádia, mais outro passo ainda... — Que exiges tu de mim então, que não compreendo? Que exiges tu de mim contra a minha vontade? Que me aniquile? Que me dispa para te vestir? — Não grites... — Que exiges tu de mim de absurdo com que não posso arcar? Um esforço sobre-humano? Ou exiges apenas que eu faça o bem que posso, uma parte do bem? Ou é o mal que tu exiges de mim e o bem é um pecado? Melhor será deixar a cada um a sua parte de desgraça e de cólera?... Eu posso talvez despir-me, posso cumprir o meu dever, mas que mais exiges tu de mim com que, ainda que queira, não posso! Que exiges tu de mim?! — Mas, D. Leocádia, eu não exijo nada de ti, cada um se aguenta conforme pode neste balanço...

— Mas então não há dever nenhum? não há bem nenhum? Que fiz eu deste ser apagado e inerte com um filho do meu filho na barriga? — Oh D. Leocádia, como tu, educada sempre com as mesmas palavras e no mesmo dever, um dia de dever, outro dia de dever, e erguendo, no silêncio e no tédio, uma construção de trapos e de palavras que chegou ao céu e substituiu o céu — como tu tapas os olhos com desespero para não

ver! Hás de aguentar com este peso, que não podemos suportar... Talvez fiquemos cegos, talvez saíamos daqui aos gritos, os maníacos sem a sua mania, os bons sem a sua bondade, e os pobres só fel e vinagre, mas temos de ver o que não nos estava destinado. Para largar a pele, D. Leocádia, até a cobra adoce. Tanto importa que resolvas como que não resolvas o problema — todos temos de dar o passo. A vila é a mesma vila, as pedras as mesmas pedras. Nós mesmos não mudamos. A nova vida obriga-nos apenas a discutir o que estava ao nosso lado. Tudo existia no mundo, até este desespero; tudo estava vivo, até este grotesco. Nós é que estávamos mortos.

Passou no mundo a estranha ventania, e a morte de tal maneira se entranhou na vida que custa a separá-las. Mas já lá vão as fórmulas, os alicerces e os usos... No alto, sobre este absurdo, entre o borralho remexido, com a cinza e as faúlhas atiradas indiferentemente para a escuridão, só a Via Láctea mudou de cor e alastra de lés a lés na abóbada recurva uma nódoa viva de sangue.

DEUS

28 de fevereiro

Dormi num tabuado, cingiu-me uma cadeia. Vesti-me com um saco. Todos os dias arranquei de mim próprio um farapo e um grito. Arredei tudo para ficar só contigo no mundo. Sacrifiquei-te tudo. Fiquei nu e Deus, nu e a vida eterna. Tinha o horror da lepra, vivi com os leprosos. Calquei todas as afeições inúteis, e se uma andorinha me fizesse ninho na banca, como ao frade de Assis, torcia-lhe o pescoço. Encheste-me a vida toda.

E agora a morte não existe, Deus não existe, a vida eterna não existe. Uma luzinha e depois a escuridão!

Tenho diante do mim esta força cega, este absurdo a escorrer ternura e lepra, como uma primavera escorre morte, a irromper contra tudo e apesar de tudo, duma profundidade cada vez mais sôfrega e cada vez maior. Não quero ver e hei de por força ver!

Este inferno, a que dei vida e a melhor parte do meu ser, não existe! Tinha conseguido só te ver a ti no mundo. Com

uma palavra enchi o vácuo. E este Deus por quem sacrifiquei toda uma vida e a melhor parte da vida, não existe! Foi tudo inútil. Dilacerei-me. Dei-me a mim próprio em espetáculo. Assisti a esta tortura, e tu não existias! Vivi fora de mim mesmo e de repente tive de me aceitar a mim mesmo. Toda a minha vida foi inútil! tudo o que fiz foi inútil! Foi grotesco e inútil!

Sacrifiquei tudo a quê? Sacrifiquei o melhor da minha vida ao vácuo. Ofereci-lhe em espetáculo a minha dor. Mas então que existe? Qual a diretriz da minha vida? Qual a ilusão com que hei de encher isto? E para que hei de viver? Qual o sonho imenso capaz de substituir este sonho? Que é Deus agora? Deus é tudo e nada. É uma força. Deus é uma lei inexorável. Mas então tu que podes tudo — tu não podes nada. És uma lei — e hás de cumprir essa lei. És um destino e não podes dar um passo fora desse destino. Não vês, não ouves, não sentes. Eu sou uma insignificância e valho mais do que tu. Porque eu grito, eu sofro, eu atrevo-me. Amanhã quebro o meu destino. Tenho uma consciência. Sou ilógico e absurdo. Debato-me. E tu, Deus, não passas duma força cega e estúpida. Não me serves de nada.

Preciso dum Deus que me atenda, que me escute, que saiba que sofro e que me veja sofrer. Preciso dum Deus que me salve ou que me condene. Preciso dum Deus que me ampare. Preciso duma inteligência superior à minha e em comunicação com a minha.

Um Deus-força, um Deus que não se comove com os meus gritos nem as minhas súplicas, não me interessa. Um Deus que caminha para um fim que não atinjo, é um Deus absurdo. De que me serve este Deus? Não ouve os gritos — destrói: não sente a dor — destrói. Destrói e caminha. É inalterável. Ilude-nos. Deixa-nos um segundo diante deste espetáculo, para nos mergulhar no nada. A nossa aspiração não cabe aqui: entrevemos, sonhamos, e, a meio do caminho, talvez no início

de sonho maior, destrói-nos. Pior: tem uma necessidade de sofrimento cada vez maior, de sofrimento inocente ou culpado. Revê-se na dor. Deus é cego.

Debalde grito — não há quem me ouça. Debalde soffro — ninguém o detém. Tanto faz viver como morrer. Deus, tu és monstruoso! Destróis — caminhas. Destróis e não sentes. Vens do infinito, e atrás de ti fica um infinito de dores, uma massa de gritos e de seres espezinhadados. Segues e destróis. Constróis não sei o quê de portentoso com que não posso arcar. Dessa pata monstruosa escorre sempre ternura. Não é indiferente que calques e recalques. Quanto mais espezinhas, mais gritos, mais ternura nas árvores, mais estrelas nos céus. Parece que a dor é inseparável da ternura, como a morte é inseparável da vida. — Até aqui eu tinha uma tábua a que deitar a mão. Até agora tinha um nome — agora não sei como me chamo. Agora tenho medo de mim mesmo, agora sinto-me isolado neste caos infinito, neste repelão desabalado, que me leva sem sentido e sem fim. Eu e a noite — eu e o doido! Até agora supunha-me tudo, eu e Deus, eu e a mão enorme que me conduzia e amparava. — Sofras ou não sofras, vais para a mesma cova, para o mesmo nada, para o mesmo silêncio. Antes o inferno! antes o inferno! Tu que foste desgraçado, ou tu que foste feliz, tu que te descarnaste até à medula e tu que passaste indiferente pela desgraça — vais para a mesma cova profunda, inútil, absurda e muda. Antes o inferno, antes a dor pelos séculos dos séculos a vir, do que a mudez e o horrível silêncio atroz! — Tudo foi indiferente, tudo é indiferente ao monstro que passa e esmaga, que não ouve e esmaga, que não vê e esmaga. Indiferentes os teus gritos e as tuas súplicas; indiferentes a tua renúncia, a tua dor, as tuas lágrimas. Foi indiferente que fosses bom ou mau, que tentasses subir ao topo do calvário. Não existe na realidade nem vida nem morte — não há na realidade senão quimera e dor — não há na realidade senão este monstro que passa e esmaga, que caminha e esmaga.

Deus é cego! Deus é cego!

Enquanto te importaste comigo no mundo, foste o meu único pensamento e só tu me importavas no mundo. Agora não posso, agora não dou contigo. Agora não te encontro. Agora sou mais pequeno e maior. Agora meto-me medo. Que voz pode ecoar e sobressaltar esta solidão infinita, este mundo infinito, onde os gritos se não ouvem a cem passos, e tudo que chamamos amargura, dor, grandeza, se apaga logo e se reduz a zero? O meu dever já não é o mesmo dever, a minha consciência já não é a mesma consciência. Só os meus instintos se conservam de pé.

Acuso-te de teres comprometido a minha situação no universo. Acuso-te de não me deixares ser infame. Acuso-te de me dares o remorso. Acuso-te de impedires o instinto. Acuso-te de teres transformado a vida e criado a consciência. Acuso-te de me deixares sozinho com este peso em cima, com a ideia da vida e com a ideia da morte. Acuso-te de me levares para um calvário como o teu, para me tornares grotesco, e de me colocares em frente de ideias com que não posso arcar. Acuso-te de não poder mais, e de me instigares a mais ainda. De me obrigares a olhar cara a cara o assombro que não existe; a morte que não existe; a consciência que não existe. Subverteste o mundo. Forçaste-me a criar outro mundo, a olhar para cima e a clamar no vácuo. Acuso-te de não me deixares atascar à minha vontade em lodo, de não me deixares mentir, matar, chafurdar. Acuso-te de me impelires para cima, quando a minha vontade era ir para o fundo. Acuso-te de não me deixares ser bicho.

Estou pronto para tudo. Desde que não há Deus tudo são palavras. Desde que não há outra vida, só há esta vida. Só há este minuto, esta hora presente. Sinto-me capaz de tudo. Estive anos a rezar a uma cómoda, a falar a uma cómoda, a sofrer

diante duma cómoda. Fui grotesco! fui grotesco e tu não vias!
fui grotesco e tu não ouvias! fui grotesco e tu não existias!

Dói-me tudo, dói-me principalmente sentir-me grotesco!
sentir que perdi a vida e sou grotesco! sentir que me detive
e fiquei descarnado, impotente e grotesco.

Por uma palavra fui absurdo. Por uma palavra tenho atrás
de mim uma arquitetura desconforme e destroços que enchem
o mundo — por uma palavra e mais nada. Tu não existias!

Mas então — pergunta esta voz colérica — todo o esforço
é inútil? todo o sacrifício é inútil? Criaste estas ideias falsas de
dor, de renúncia — e não existes! Um santo viveu sobre uma
coluna: «Desde que se punha o sol até que amanhecia o dia
seguinte, estava de pé na coluna com as mãos levantadas ao céu.»
Oitenta anos de grotesco. Outro amaldiçoou-te: «Ai de ti, cidade
sensual onde os demónios fizeram sua habitação!» — Grotesco!
grotesco! grotesco! Tu não existias! Que se levantem todos do
sepulcro, uns atrás dos outros, que se erga o pó e te grite: — Tu
não existias! — Chamaram-te. Imploraram-te. Carregaram com
a tua cruz. Andaram de rastros, reduziram-se a osso e a lepra.
Foram indiferentes ao sofrimento e ao sarcasmo. Renunciaram
à vida, deram-te o espetáculo da sua dor, a ti que não existias!
Das profundas do mundo vem sempre a mesma ânsia, das
profundas da dor ergue-se sempre o mesmo grito. Isto tem
alicerces como nunca se cavaram alicerces. Cimentaram-nos os
vivos e os mortos. E por mais esforços que empregue — tu na
realidade não existes. Há outra coisa pior que está viva, outra
coisa monstruosa que avança dentro de nós e direita a nós e que
ninguém pode deter. Tu não existes e eu tenho de caminhar
por força, não sei para que estúpido destino. Tu não existes
e obrigas-me a avançar para um fim grotesco — desmedido
e grotesco — que não compreendo nem abranjo. Tu não existes
— e estou nas tuas mãos. Tu não existes e neste mundo

absurdo, onde não encontro quem me condene e quem me salve, há ainda quem me empurre, quem me arraste e me faça sofrer, uma força cega que trago comigo, que me rodeia e me não larga! — Tens de existir por força. Tens de existir pelo que sofremos e pelo que criamos. És a única luz nesta escuridão cerrada, a única razão como verdade ou como mentira. Existe aquilo que eu quero que exista, é verdade aquilo que eu quero que seja verdade, aquilo que eu e os meus mortos transformamos em verdade. A fé é maior que todas as forças desabaladas, mais viva que todas as vidas. Compreendo a inutilidade de todos os esforços e faço pela mentira o esforço que fazia pela verdade. Tenho de te manter à custa de desespero.

Se não existes é forçoso que exista um ditador moral, que extirpe sem piedade o pecado da terra. Que não ouça os gritos e condene, que realize o pensamento de Saint-Just e obrigue os ricos a trabalhar nas estradas, e cujo poder ignorado e oculto submetta a humanidade a uma lei de ferro, e a salve pela mentira, já que a não pôde salvar pela verdade. Cinja-me a mesma cadeia, durma no mesmo tabuado e empregue o mesmo esforço, por um sentimento de desespero contra ti que me iludiste. Por mim próprio, para fugir de mim e de ti que não existes! Resisto, teimo. Só vejo treva e teimo. Levo-me todos os dias ao mesmo espetáculo. Rasgo-me com gritos. Ó desgraçado, aquilo em que tu crês é mais negro que o negrume!

A mesma força cega nos impele. Queira ou não queira sou levado para um fim que não compreendo... Caí nas suas mãos! Outra coisa me envolve a que não sei o nome, outra coisa que espera de mim uma ação que ignoro, outra coisa a quem eu me quero manifestar e que talvez se queira manifestar, sem nos chegarmos a entender. Rodeia-me. Sinto-a. Há ocasiões em que me toca. Ouço-lhe os passos. Debato-me. Constrange-me. Há momentos em que me iludo, para fingir que estou sozinho. Há momentos em que me escarnece.

Sufoca-me: vou ouvir-lhe os gritos — tenho medo que me fale! Só ela vive no mundo, só ela anda à toa no mundo! Debalde apelo para mil manhas, debalde tento mil explicações. Estou nas suas mãos! estou nas suas mãos! Outra coisa inexplicável e imensa, temerosa e imensa, anda por trás de mim, dentro de mim, outro abismo maior, outra coisa que sua e me escalda até à medula. Procuro esquecer-me — ela aqui está ao pé de mim. Na vida e na morte estou nas suas mãos monstruosas. Sou a consciência — tu és o impulso. Sou a razão — e não sou nada. Luto até à morte, finjo até à morte, vou até ao fim dilacerado, escarnecido e iludido.

Estou nas tuas mãos! estou nas tuas mãos!

O DEVER

1 de março

D. Leocádia, o dever é um contrato. Um contrato com um ente superior ou um contrato com os outros. Há deveres para com Deus e deveres para com os homens. O contrato com Deus falhou, porque Deus não existe; o contrato com os homens não o cumpro, porque, se me sujeito a respeitar-lhe as cláusulas sozinho, expoliam-me. Restam os deveres para contigo, os deveres perante a tua própria consciência. Oh D. Leocádia, eis o fundamento da questão!... Tu tens passado a vida com uma personagem importante, que te julga, te aplaude ou te condena, e para ela, e só para ela, deste as tuas melhores representações. Para a enganares, enganaste-te, mentiste para lhe mentires. E reduzida a trapo, só desespero e orgulho, atiraste-te aos pés dessa avantesma que não existe, D. Leocádia — que afinal não existe! Como se consegue edificar uma vida sobre um broche com um sujeito de suíças e uma redoma de vidro com a imagem dum santo, e intercalar-lhe um drama baseado na ideia do dever, até ao ponto de se apoderar de ti até ao âmagô, é que eu não compreendo e admiro, ó sórdida antropopiteca com uma cuia de retrós! O dever era frio e amargo e tu cumpriste-o; o dever

era coçado e hirto e tu cumpriste-o. Foi a razão da tua vida. Azedou-te e sustentou-te. Quando te vencias, vencias-te com orgulho. Deu realidade à tua existência efémera. Foste ao mesmo tempo ator, tablado e público. Sem esse diálogo entre ti e ti, entre uma D. Leocádia de cuia de retrós e outra D. Leocádia de cuia de retrós, desesperado e pertinaz, articulado ou mudo, que te fez de fel e vinagre, a tua vida não tinha tido diretriz. Nas noites solitárias, em que não conseguias aquecer os pés com dois pares de coturnos, aqueceu-te. Diante do frio da pobreza teimaste: — Cumpri sempre o meu dever. — Diante da sórdida velhice, avançaste com autoridade: — Cumpri o meu dever. — E até diante da imagem pavorosa da morte, exclamaste sem receio: — Cumpri sempre o meu dever! — E só tu sabes o que é cumprir o dever dos deveres, o que é tirá-lo à boca para o meter na boca que se detesta, entre quatro paredes dum terceiro andar (29-3.º-D.), desde o princípio da vida até ao isolamento da cova. Cumprir o dever minucioso e exigir o dever minucioso. Com ele dominaste-te e dominaste-a, gastaste-te e gastaste-a, esqueceste a vida e a ti própria te esqueceste. Com uma palavra e mais nada. Arreganha os dentes se queres ao teu próprio fantasma... Com uma palavra e mais nada. Subordinaste a tua vida ao dever, e o dever não existe: é um mundo de orgulho e de escrúpulos. Custa a entrar na cachimónia que a côdea que tiraste à boca para a manteres, o vestido que cortaste ao teu próprio vestido para a vestires, as noites de discussão interminável, tu e o dever — tudo fosse irrisório e inútil. Mas foi. O dever não existe, o mundo construído com alicerces por *omnia sæcula sæculorum* não existe, D. Leocádia. Perdeste a vida e transtornaste a vida atrás duma sombra. Restam-te mil anos e um dia para cumprires, se queres, o teu dever inútil, o teu dever atroz, para obedeceres a um fantasma absurdo, a quem dás o último leite dum peito exausto. Repara bem, atende bem... Chegou o momento em que vais aparecer diante do universo com as tuas ideias fundamentais e sem o teu vestido de lemiste, e, se te obstinas, mesmo no fundo da cova e com a boca cheia

de pó hás de gritar de desespero, quando te compenetrares de que o dever postiço, o estúpido dever, fede que tresanda. Queiras ou não queiras chegou a ocasião de me rir de mim e de ti com dor e lágrimas, e de te expor tal qual és, nua e reles, nua e grotesca... Despe-te, D. Leocádia!

Mas a figura verde não cede: traça o xale como quem se fecha com os sete selos do Apocalipse e exclama do alto do seu pedestal: — Eu sou de muito boa família!

(O pior foi dela, o pior foi desta figura seca e coçada, desagradável e seca, que eu conheço desde que me conheço, sempre a pregar contrariada o seu dever, sem um dia de descanso e na eterna dúvida: — Cumpriria eu afinal o meu dever? — Vai para a cova farta de cumprir o seu dever e ignorando se na realidade cumpriu o seu dever nem para que serve cumpri-lo. Ninguém a pode aturar. Odeia o dever que cumpre, e cumpre-o sem desviar um passo como quem cumpre um destino. Até te digo mais: o que lhe custa a abandonar na hora extrema não é a tua, mas a sua companhia. Olha-o com desvanecimento. Faz-lhe falta. Mais falta do que Deus, essa avantesma de cuia de retrós com quem passou os melhores dias duma existência incerta. É talvez o seu verdadeiro Cristo, que continua, mesmo sem existência real, a reclamar que cumpra as cláusulas dum contrato já roto. Tem de cumprir o seu dever não acreditando no seu dever. A D. Leocádia é uma figura seca e coçada, enorme e seca, verde e grotesca, que desvia o olhar da vida, para cumprir, seja como for, o dever estúpido, o dever atroz. Tenho vontade de chorar...)

Foi buscá-la ao asilo e trouxe-a para casa, com o cabelo cortado como um recruta. Deitou-lhe a mão e fechou-se com ela por dentro. As paredes tomadas de frio salitroso, transiram de frio sepulcral. Quando se atreveu a rir, cortou-lhe logo o riso cerce — para não se tornar a rir; ao primeiro assomo de vontade, cortou-lhe logo a vontade rente — para não tornar a ter vontade; e, quando caiu de cama, postou-se dia e noite

à sua cabeceira, hirta e solene como o dever. — Um pobre não tem vontade, um pobre não tem orgulho. Nem pode tê-lo; veio ao mundo para cumprir o seu dever. Veio ao mundo para ser obediente. Pobres educam-se como pobres e ricos educam-se como ricos.

Só tu, D. Leocádia, te deste ao gozo superior de teres uma alma à tua discrição. E isto sem gritos, com um ou outro soluço logo represado, noite e dia, dia e noite, e um olhar de espanto, uma luz que se extingue até à impassibilidade, num terceiro andar da Rua da Betesga. Levou tempo a morrer essa ternura dorida, que teimou em vir à superfície, até que a D. Leocádia a conseguiu esmagar sob o calcanhar de ferro — para sempre, para todo o sempre. Por fim uma curvou a cabeça submissa, e a outra ergueu a cabeça triunfante. — Para a livrar da fome, para a subtrair à desgraça. Se não fosse eu, ia parar a uma viela. Cumpri o meu dever. — Sim, e para a criar, para que não fosse parar a uma viela, o vestido que lhe durava uma eternidade, teve de lhe durar outra eternidade ainda; a côdea, que mal chegava para lhe matar a fome, repartiu-a com a órfã, guardando para si o bocado mais pequeno. Cumpri o seu dever de ferro, o dever que pesa toneladas, e cumpriu-o sem desviar uma polegada da linha do dever. Obrigou-a a levantar-se de noite, mas levantou-se primeiro do que ela. Pobres querem-se como pobres, sempre na regra e no dever e sem levantarem a cabeça. Quando a órfã a olhou transida de dor e a D. Leocádia lhe bradou: — Cumpre sempre o teu dever! — já ela tinha cumprido o seu dever até final. Passaram-se anos ou séculos, morreram as aranhas de velhice no fundo dos saguões desabitados; nas paredes mestras de granito a camada de frio salitroso juntou-se camada de frio sepulcral, e a camada de frio sepulcral sobrepôs-se camada de frio desumano. E sempre tu cumpriste o teu dever e ela cumpriu o seu dever de hora a hora como um pêndulo. Incutiste-lho tão fundo que aí a tens na tua frente, pálida e inerte, com um filho do teu filho na barriga...

Não te queixes, D. Leocádia, porque afinal foste buscá-la ao asilo para te sentires maior no teu orgulho. A desgraça dos outros não comove, a desgraça alheia consola. Mas tinhas de cumprir o teu dever: ao majestoso edifício que arquitetavas, faltava-lhe ainda o remate. A côdea que tiraste à boca manteve-te melhor que se a comesses, e o vestido que lhe deste agasalhou-te melhor que se o vestisses. Engrandeceste. Amargaste e doiraste. É verdade que também ressequiste. Espera, espera... Ressequiste, mas como o mundo é extraordinário, como a vida é pródiga e teimosa e irrompe até das pedras, extraíste não sei que ternura azeda do mais duro de todos os peitos — ó contraditória D. Leocádia, 29-3.º-D., que eu não chego a decifrar. Não podes com isto, não explicas isto, não aturas isto! Não compreendes. Nem eu. — Também eu, D. Leocádia! Lé com cré. Também eu, se me liberto disto que não tem significação, não encontro nada que tenha significação. Chegámos ambos ao ponto e estamos ambos estarecidos. Moeste-te e moeste-me por uma palavra apenas... Olha bem para ti! Olha bem para dentro de ti! Moras na Rua da Betesga, entre duas ou três curiosidades seculares. Usas um vestido de lemiste, luvas de algodão no fio e um broche pendurado ao pescoço. Não sei por que bambúrrio se te encasquetou no toutiço a ideia de Deus e do dever, e de que o infinito tem de dar importância ao teu problema, aos teus flatos e ao teu broche, onde um retrato de suíças não tira de mim os olhos de peixe... Não mastigues. Bem sei que só nós, tu e eu, eu e tu, com o teu vestido de lemiste, é que somos capazes de contrair noções, talvez erróneas, mas profundas, do bem e do mal. Os outros bichos têm mais que fazer. Mas é por isso mesmo, D. Leocádia, que te caíram os dentes postíços e que começas, nesta nova situação, a compreender que o bem e o mal é tudo a mesma coisa. Talvez a gente não possa fazer o bem senão a si mesmo... — Mas então — e crispa a mão sobre o broche — talvez o bem seja uma monstruosidade, talvez todos tenhamos de destruir. O mal é que eu sinto. Para o mal é que eu fui criada! E sua de aflição toda a tinta que

lá tem dentro, quando outra D. Leocádia irrompe da carcaça da D. Leocádia: — Pergunto-te se o que tu não consegues é prolongar o mal. Pergunto-te se esse orgulho humano, se esse orgulho sobre-humano, não é um mal maior, e essa piedade que sentes não é por ti que a sentes. — E eu, e eu pergunto-te se a minha verdade falsa não me serviu melhor que a tua verdade amarga. — Pergunto-te a ti — e sacode-a — se não é isto que eu sinto cá de dentro, do fundo dos fundos. Pergunto-te de que te serve a mentira com que coabitavas. Nunca conseguiste bem nenhum, nunca cumpriste o teu dever. Logo que te pus a ti e a ela na mesma situação de igualdade já não pudeste cumprir o teu dever.

D. Leocádia, quem recebe o bem fica sempre humilhado. O bem constrange. O que chamas a piedade e o bem põe quem o recebe na situação de te morder as mãos. E continuar a fazer o bem é elevar-te pelo bem que fazes e rebaixar-me pelo bem que recebo. Acabas por gastar o que em mim há de melhor. Oh D. Leocádia, se eu pudesse — eu é que te fazia o bem, para tu veres o que é o bem recebido, o bem agradecido e o bem amargurado. Antes tu me fizesses mal, D. Leocádia, porque o mal põe-me ao teu nível, e o bem acostuma o desgraçado a ser mais desgraçado ainda. Degrada-o. Põe-no na tua dependência e na dependência da desgraça. Cria uma superioridade, a tua, e um azedume, o meu. Classifica para todo o sempre. Estou perdido se não reajo em ódio. — Mas então... — e a D. Leocádia atira-se com desespero à outra D. Leocádia, e interrompe-a, primeiro com mudez, depois com gritos: — Ia parar a uma viela! — Avança e repete mais alto: — Ir parar a uma viela é o que há de pior no mundo! — E a outra torna com escárnio e diz-lhe ao ouvido não sei que segredo temeroso — e a D. Leocádia torce-se com pavor mas sustenta: — É o que há de pior no mundo! é o que há de pior no mundo! — E com dor, com angústia, com desespero, pergunta a si própria (a outra teima e não a larga): — É o que há de pior no mundo!? — Eu não

sei se é o que há de pior no mundo, não sei se reduzir uma criatura a trapo é o que há de pior no mundo. A tua piedade amesquinha-me. O que eu reclamo é o meu lugar na vida e o meu quinhão de desgraça. Não mo tires! Mas ela é de aço. Não transige e protesta:

— Matei-lhe a fome.

— Mataste-lhe a fome mas não pudeste amá-la.

— Nem posso! nem posso! nem posso!

E encara-se mais atónita e mais verde, mais resoluta e mais verde, sem desviar o olhar.

A VELHA E OS LADRÕES

3 de março

Sombras. Três cabeças monstruosas projetadas num muro, que se aproximam e afastam depois de confundidas. A velha a um canto agacha-se aos pés da filha e ao lado as três sombras fundem-se numa única sombra disforme. Duas, três horas talvez... A sombra da velha reduz-se a nada, a menos que nada, à sombra da dor. Por fim erguem-se, mergulham e dissolvem-se na caligem da noite, as três sombras dos ladrões e as sombras das mulheres, a quem não distingo as feições... Eu já vi isto algures, em outro mundo onde me custa a entrar. Metem-me medo. E não é só medo, é dor. Vivi com estas sombras num pesadelo, de que saí atónito e exausto, num sonho em que tudo isto fazia parte integrante da minha própria alma, e que sonhei lavado em lágrimas. As três grandes sombras levam, não sei para que destino, as outras enrodilhadas. Duas, três horas da madrugada talvez... Caminham sem se lhes ouvir os passos à beira do rio que corre para o mar desde o princípio do mundo.

E o silêncio é cada vez maior. Só a água fala nos buracos puídos das pedras, em diálogos que nunca cessam, num coro de vozes ininterruptas e indistintas — ameaças, súplicas

e gemidos. A Joana cala-se: só se lhe ouve um hã... hã... de cansaço, como se arrastasse na escuridão uma cruz do tamanho da escuridão. A seu lado o coro inútil da água corre sempre para o mar, com gritos, risos, vaias e apupos. Uma voz, a do velho ladrão compadecido, diz-lhe baixinho:

— A tua filha... Se teimas levantas a desgraça a teus pés.

E lá deslizam no escuro, e o rio sempre a correr e a pregar sempre o mesmo presságio de dor no chape que chape onde se percebem ecos de todas as desgraças que sucederam no mundo, levando para o mar todas as lágrimas que se choraram no mundo.

Outra voz no escuro:

— Ou tens de sofrer mil mortes na tua filha ou tens de me fazer a entrega. Agora escolhe. Uma ou outra. Agora ouve: ela é nada nestas mãos. — E pergunta-lhe: — Tu és ou não uma coisa que me pertence? Posse matar-te? — Podes. — E essa voz rouca, essa voz implacável torna: — E ou... Tu ouves, velha? A mim ninguém me engana... Tu ris-te? (Ela faz hã... hã... — cansaço ou dor) — Aqui tens... Ouve mais... Tu ouves, ou finges? Tu que dizes? abres-nos a porta? A velha é rica, também te cabe uma côdea. Ninguém te pede mais nada. Eu cá é que executo.

E lança a dois metros um jato de saliva.

A Joana recua: avançam logo e não a largam as sombras que a envolvem.

— Tu hás de abrir-nos por força a porta!

— Eu!...

— Estafermo! estafermo!

— Tu abres-nos a porta. À velha deito-lhe a mão ao gasganete e não dá pio. Aperto no escuro — eeh... — e sinto no escuro um estremeção e mais nada...

— Jesus!...

Ó pandorca! És um trapo! és pior que um trapo!...

— Deixem a velhota sozinha comigo, que nós dois entendemo-nos — intervém o ladrão mais velho. E leva-a suspensa pelo braço como quem leva uma pluma.

Cobre-os o céu profundo, onde palpita uma vida intensa. Arqueia-se sobre a velha e o ladrão de lés a lés a abóbada recurva. Ao longe seguem-nos sempre as outras sombras temerosas.

— Estúpida! estúpida! Passaste a vida a servi-los. Aproveitaram-te e deitam-te fora. Só te deram restos e enchiam-se até aos gorgomilos. E tu apegas-te e tu defende-los!... Ouve: tu abres-nos devagarinho a porta...

— Jesus Cristo veio ao mundo para nos salvar!...

— Isso! Até me metes nojo! Isso! Até me fazes rir! Só tu, calhordas, eras capaz de me fazer rir nesta hora aziaga. Pilhasse-te eu no meu tempo!... — E aperta-lhe o braço contra o peito, leva no ar aquele molho de ossos e ri-se com escárnio. Tu lavas, tu esfregas, tu comes os restos, tu até cheiras mal! Tu metes nojo. E hesitas... Que se te pede? Que nos abras a porta e mais nada. Só há uma ocasião na vida, toca a aproveitá-la... Se nos abres a porta ficamos ricos. — Abraça-a. Vomita uma risada. Pior que matá-la, enlameia-a. Aquilo vem do fundo da terra, vem do boqueirão da noite e traz escárnio pegado. Sobre isto chove: parece que toda a lama fétida da rua subiu ao céu para tornar a cair. A Joana geme. Uma risada e um gemido que se amalgamam, gemido que se extingue para depois subir mais alto, para se confundir com a risada, sempre o mesmo gemido, sempre a mesma risada. E a noite é pó de desgraça, cada vez mais moído e mais negro.

— Não te cabe nesse caco que ninguém tem pena de ti. Escuta o que te digo. Rouba-a, estúpida! rouba-a! Na cadeia também se come pão. Ao menos lá enches essa barriga. Abres-nos devagarinho a porta...

— O que havia de dizer a minha senhora!

— Ninguém no sabe. E ouve: se não nos abres a porta, a tua filha nunca mais a vê.

O silêncio e a noite com outras noites em cima, as sombras que caminham, e aquela sombra humilde cada vez mais pequena, reduzida à sombra da sombra e do escárnio. E teima,

e teima contra a desgraça, contra as injúrias e as vozes do rio. Há milhares de anos que o diálogo nas pedras dura, sempre com as mesmas ameaças, que vêm do fundo da água e a Joana não ouve. Devagar palpa a algibeira e tira do bolso e entranha na pele um pedaço de ferro gasto e puído.

Outra voz na noite:

— Mãe!

A vida dessa mão de rachar lenha, dessa mão de árvore e dor! Como ela se contrai enquanto a Joana caminha absorta. Talvez uma hesitação instantânea, e depois, sem que ninguém repare, a mão abre-se e deixa cair a chave nas profundas da água, que continua a correr e a pregar, a correr e a falar às pedras e às estrelas nas mesmas palavras inúteis, ao lado da vida sem destino.

Chegam enfim à muralha do prédio, e outra vez as sombras se juntam numa única sombra, outra vez se ouve aquela voz sair da noite:

— Mãe, olhe pra mim! olhe bem pra mim!

E a velha sente na cara três bafos monstruosos, ao mesmo tempo que as vozes roucas reclamam:

— A porta... Depressa! depressa!

— A chave perdi-a.

Um repelão e um grito, um grito que se afasta e sai da noite, cada vez mais longe e cada vez mais alto...

Sobre este ser humilde encarna-se mais o sonho. Lá vai a mulher da esfrega empurrando o farrapo monstruoso que se agita na noite... A sombra e a mulher da esfrega, o espanto e a mulher da esfrega, o sonho doirado de grandes asas esfarapadas no negrume e as mãos encortiçadas de lavar a louça, a vida frenética e a vida humilde. Uma boca enorme dum lado, a voz da Joana do outro, sentimentos caóticos impossíveis de traduzir em palavras, o que exprime a natureza impulsiva, o que responde uma criatura agarrada à ideia do sacrifício. — Anda para diante. — Estúpida! estúpida! — A bondade entranhou-se-lhe até ao âmago.

Tudo está nos seus lugares: as coisas simples e as coisas eternas, e há outra coisa que ela não sabe exprimir, que a alma desta mulher não abrange: a intrusão do sonho na sua vida humilde. Bronco e sonho. Até agora só com a desgraça arca, agora o doirado tinge-a. Sacode-se como um cão molhado. Debalde tenta desfazer-se do sonho imenso que se lhe pega: irrompe em palavras baixinhas, hesitantes, que voltam atrás. Uma pausa e o monólogo recomeça logo. Há não sei quê de monstruoso no mundo, que bebe todas as lágrimas e leva todos os gritos. E não se farta. Há não sei quê que reclama dor. Toda a noite se desespera. A desgraça sua, a desgraça trôpega e ridícula. A desgraça enche a noite de esgares. Depois o sonho desgrenha-se. Depois sacode-a uma rajada, e lá torna, sem uma palavra, sem um grito, a grande sombra que se envolve em si mesma e a si mesma se estorcega. A desgraça sua de aflição sem poder exprimir-se. E quando a dor se concentra, quando a dor se torce como quem torce um farrapo e a velha não pode — a velha irrompe numa toada estúpida. Mais doirado, mais fundo...

Caminha e depara com a D. Restituta, que atravessou a vida com o guarda-chuva incólume e que faz gestos desordenados no escuro:

— Acuso! acuso! acuso!

— Senhora D. Restituta...

A senhora D. Restituta está cheia de lama. Tem a pena do quico partida: é uma figura feita com três traços de tinta e algumas manchas de desespero. O sonho doira-a, esfarrapa-a também. A pena em frangalhos agita-se como um pendão de revolta, esgarçado e chamuscado. Todas as vontades a compeli-ram e a esmagaram — quer retomar a forma primitiva. Dir-se-ia que cresce na noite, e que a sua boca é uma bocarra cada vez maior, para pregar, para açular, para vomitar injúrias. Somente não emite outro som senão este: — Acuso! — a velha gasta, a velha inútil, a D. Restituta da Piedade Sardinha.

— Senhora D. Restituta...

A outra não vê, não ouve, não mexe.

— Minha senhora...

— Acuso!

— ... para o que se vive neste mundo não paga a pena ruindades.

Debalde a Joana lhe fala. Resta diante do sonho com a mandíbula despegada e o velho guarda-chuva que conserva intacto desde a primeira virgindade — teve duas — metido debaixo do braço. Nem uma nem outra entendem aquilo. Uma empurra, afasta de si o sonho com as mãos de lavar a louça, a outra com as mãos pacientes, as mãos diáfanas da mentira. Tem feito sempre todas as vontades, e se a figura um momento se engrandece, amarfanha-se logo, como um trapo suspenso que se deixa cair ao chão.

— Acuso! acuso! acuso! Um repelão — mete para dentro! uma vergonha mete pro saco! desprezo, escrúpulo, fome — mete tudo pro saco! Para um saco sem fundo. Passei tudo, passei mortes para o poder criar e nunca pude dizer que tinha um filho. Para o criar, para o poder criar nunca pude ver o meu filho. Meti tudo pro saco, sem poder abrir bico, senão matavam-me à fome... E nunca pude ver o meu filho, senão matavam-me à fome. Criei-o longe para o poder criar, criei-o como pude, de vergonha, de restos, de côdeas, de dizer a tudo que sim. E este filho! este filho que nunca pude ver, vi-o agora! Este filho que criei de mentira, este filho que criei de abjeção, sem nunca o poder ver, vi-o agora! Este filho que tinha sonhado às escondidas, com a boca tapada para não gritar: Tenho um filho, também tenho um filho! — vi-o! vi-o! vi-o! Meti tudo pro saco! meti o diabo no saco! Só a noite me ficava livre para sonhar com ele, para o ver rico, para o ver como os filhos das outras... Aqui está a Restituta que é idiota, aqui está a Restituta que é um poço sem fundo. Diante dela pode dizer-se tudo, a Restituta serve para tudo, a Restituta mete tudo para o saco. Cala-se que é o que lhe vale — mete a viola no saco. Só a Restituta sabe o que se passa, o que está no prego e o que está no fundo das

almas. Calei tudo, disse a tudo que sim para o poder criar. Mete pro saco! mete tudo pro saco! mete a viola no saco! — E num crescendo de desespero: — Acuso! acuso! acuso!

Debate-se a Joana numa cogitação a que não suporta o peso. É como se pela primeira vez desse com a vida e quisesse atalhar a vida. Tudo para ela mudou de expressão: a desgraça muda de expressão, a filha muda de expressão. E o sonho envolve-a, deforma-a, besunta-a. Sente-se-lhe o ranger dos gorgomilos.

A dor descarna-a e redu-la às linhas principais, à seca realidade. Um ulular de tempestade, e tudo quieto. Nunca o côncavo se concentrou em mais serenidade. Gritos, um desabar monstruoso, e este ser abjeto, que, como uma coisa que andou a rasto por todos os sítios suspeitos, não tem forma nem cor: tem cheiro, e dois olhos de tanto pasmo que fazem aflição. Desapareceu tudo: ficou a velha, ficou a desgraça aos tropeções pela vida fora. É como se tivessem metido a dor dentro dum saco e dessem com ele pelas paredes.

Aqui está a mulher da esfrega e a desgraça que tem os seus direitos e não os perde nem transige. Não a larga também o sonho. Agora é que ela destinge todo o doirado e toda a água de lavar a louça. Agora é que ela ouve uma boca enorme falar no escuro, e queda-se atónita e confusa feita trapo e horror.

— Para que é que vossemecê me criou?

Um soluço, um ranger de árvore que se deita abaixo, um estalido de cruz que não suporta o peso.

— Antes vossemecê me tivesse esganado ao parir. O que eu tenho chorado!

— Hã!...

— Olhe pra mim! olhe pra mim!

É um ser diferente, um ser à parte, que a Joana vê pela primeira vez. Como pôde criá-lo aos seus peitos? Criar vida é criar um grito que não se extingue? que nunca mais se cala? Sempre o mesmo grito: — Para o que tu me criaste! para o que tu me criaste! — Juntem a isto o escárnio e todas

as vozes que lhe pregam: — Estúpida! estúpida! Toda a gente se ri de ti! — Andou com os ladrões nas vielas. — Rouba! rouba!... — E sente ainda nas mãos um pedaço de ferro gasto e puído como aço, que entranha na pele. Um gemido luta com uma risada e tenta subir mais alto, cada vez mais alto... Juntem a isto que a Joana quer ser má e não pode, e misturem a isto humildade. Aqueceu a vida a bafo. Incutiram-lhe para sempre a subordinação, só lá tem dentro ternura. Faz o gesto de quem tenta abrir uma porta; quer levantar a cabeça, mas tanto tem obedecido que curva logo a cabeça. Ridículo sobre ridículo.

Agora vejo a figura, vejo-a agora completa. Pouco e pouco tomou relevo, tornou-se humana. Sumiu-se a velha tonta, caldeou-a a desgraça. À força de gritos represados obsidia-me. Engrandece-a a mentira e a dor. E aquilo persegue-a, encarna-se sobre a velha trôpega, num espetáculo ao mesmo tempo desmedido e reles. A velha dum lado, do outro a grande sombra trágica que subverteu o mundo; o escantilhão sôfrego, e o gesto que a mulher da esfrega faz para o afastar de si. Ao mesmo tempo a alma dorida, a ternura que a não larga, e o contacto feroz que não explica e a que sente o peso. — Para o que tu me criaste! para o que tu me criaste! — Atormenta-a, sufoca-a, e como não pode mais, como não compreende — não consegue — e como aquilo se encarna, a Joana mostra-lhe as mãos enormes, as mãos roídas, as mãos só dor...

Tem as mãos como cepos.

PAPÉIS DO GABIRU

13 de março

Ela foi uma flor que se aspira e se deita fora — quase sem reparar — cismando na imortalidade da alma. As suas palavras raras e baixinhas, pronunciadas com medo de pou-sar, entristeciam-me, e a sua palidez que os negros cabelos emolduravam, dava-lhe o ar duma criatura que não pertencia a este mundo.

Se eu pudesse cinematografar a vida e a morte duma flor, cinematografava a sua vida. Não valia nada — o que vale um pássaro, e em questões afetivas, em ternura, tinha a profundidade do mundo — a do silêncio — a do sonho.

Não sei dizer se existiu, se a criei, e o que na realidade me interessa é o que ela disse à grande nódoa de humidade da parede.

Sei que chorou mas não a ouvi chorar. Ninguém a ouviu, ninguém deu por ela. Passou como uma sombra. Habitou-se. As lágrimas sumiu-as, meteu-as para dentro. A dor aprendeu a contê-la. Habitou-se a queixar-se à grande nódoa de humidade da parede. E o principal para mim foi essa queixa que ninguém

ouviu no mundo; foi o que os seus olhos verdes de espanto deciframos naquele arabesco da parede. Podes porventura conceber isto? Uma dor que não deixa vestígio, um sonho ignorado que não deixa vestígio, que passa no mundo e não deixa vestígios — a dor despercebida, as lágrimas contidas que se não chegam a chorar?

Posso dizer que só dei por ela depois de morta. As horas mais belas perdi-as a sonhar, quando a vida estava a meu lado. Eu não vivi! eu não vivi! Só agora é que me lembro dela, como duma tarde que viesse devagarinho na ponta dos pés, e se fixasse num minuto, no silêncio, nas coisas suspensas na luz — nos botões quase a abrir.

Estraguei tudo, estraguei a minha vida e a sua vida.

O dia de hoje não existe para mim: só penso com sofreguidão no dia de amanhã. Ora amanhã é a morte. E sucede também que só dou pelas coisas belas da vida, depois que passaram por mim, e que as não posso ressuscitar. Há na vida um único momento. Um momento que sorri. Que concentra em si todos os momentos. Troquei-o pelo absurdo. Troquei a vida pela morte. Só agora seus olhos verdes de espanto me chamam, seus olhos que exprimem o irreal e o mundo todo, seus olhos cheios de dor represa e de sonho coado por lágrimas...

É que há entre as figuras que compõem o meu ser, duas encarniçadas uma contra a outra. Há uma que crê, outra que não crê. Há uma capaz de todas as cobardias, outra capaz de todas as audácias. Há uma pronta para todos os rasgos e outra que a observa e comenta.

Mas há entre as figuras que compõem o meu ser, uma que está calada. É a pior. Olha para mim e basta olhar para mim para que eu estremeça. — Por muito que me acuses, já eu me tenho acusado muito mais!

Olhas-me e eu estremeço. A sofreguidão dos teus olhos, a sofreguidão profunda dos teus olhos, que me reclamam como um abismo de dor e de espanto onde encontro enfim a vida!

Se te quisesse descrever, não te podia descrever. Sei que me pertences e que te pertença.

20 de março

Como explicar esta horrível contradição? Amei-a, amei-a sempre e pude desejar a sua morte! Amei-a e no fundo de mim próprio o outro ser esfarrapado, primeiro baixinho e depois mais alto, exigiu a sua morte.

Um dia — e tu compreendes-me, tu que tens desejado também a morte de pessoas queridas — pus-me obstinadamente a pensar: — se ela morresse... — Eram 3 horas da tarde... Não sei se é a minha vontade — sei que exerço uma influência nefasta nas pessoas que amo. Contra o meu próprio desejo os meus pensamentos refletem-se nos seus pensamentos como árvores que se debruçam sobre a água e chegam a turvá-la. O meu horrível pensamento degrada-as. Quando eu lhe falava e sorria, e ela me sorria extenuada e pálida, o meu pensamento era sempre o mesmo e só a custo continha o tumulto dos mortos. E eu sabia que desde que esse fantasma se pôs a caminho, não o podia deter e não tirava os meus olhos dos seus olhos que exprimiam ternura e espanto.

O pior é o que os seus olhos exprimem — e eu já o não posso deter...

Espera... Quantas vezes me confessaste sufocada de lágrimas, que te vem, não sabes donde, uma vontade de fugir pelo mundo fora para onde ninguém te conheça, deixando tudo e abandonando tudo — fugindo a ti própria?... Para isso

bastou aquela folha doirada que o primeiro arrepio de vento despega da árvore e leva sem destino. É essa mesma sensação que todos experimentamos a certas horas em que o universo se nos afigura monstruoso, com uma única certeza — a de caminharmos todos através da incoerência, para a morte. Felizmente essa impressão dura um segundo. Nesse segundo todos ouvimos os passos da Morte e o riso sarcástico do Destino. Somente tu não me podes fugir — nem eu deixar de pensar...

Deixem-me! deixem-me! Deixem-me só e livre com isto, deixem-me viver para isto! Deixem-me fechado a sete chaves com o sonho que me enche de ridículo, que não existe e é a razão da minha vida. Deixem-me ir para a cova agarrado a este nada imenso que me doirou as mãos e me deixou atônito. Só no fundo da cova é que estou bem, sós a sós, fechado com ele para sempre.

A ternura também cansa. Deixem-me! deixem-me sonhar!

Este caso é delicado, mas tenho-o como certo, embora me faltem palavras para o exprimir com toda a clareza... É primeiro uma angústia que se insinua. E depois uma força que se substitui a outra força. Há como um assassinato de que se não ouvem os gritos. E por fim um último estertor. Ainda matá-la é o menos. Pior — oh pior! — era a expressão que eu lhe lia nos olhos à medida que aquele fantasma avançava na sua alma...

Eram 3 horas. Estava um dia de primavera, com esta mesma luz clara e indiferente de todos os dias; as árvores cresciam, o sol era o frio, o negro sol que tem assistido a todas as can-duras e a todos os crimes da humanidade...

Cheguei a sua casa. Os criados choravam. Ela tinha morrido. A minha dor foi igual a todas as dores. Com desespero a acompanhei à cova, e todos louvaram a minha constância e as minhas lágrimas. Está enterrada ao pé da lagoa verde, sob uma pedra sem nome.

Ela dissera:

— Lá o espero!...

E a mãe contou-me:

— Eram 3 horas da tarde...

22 de março

Deito-me de balde aos encontrões à noite. Nem um grito. Os remorsos são inúteis. Um passo na vida é sempre irremediável: não há forças humanas que o possam apagar.

Agora é que ela está viva! agora é que ela está viva! E tão viva que a confundo com a morte.

PRIMAVERA ETERNA

5 de abril

Segunda noite de luar, segunda noite de espanto. As árvores são fantasmas — os homens são fantasmas. À noite a velha cerejeira é uma aparição. A mesma febre devora no quintal friorento as macieiras anãs. O respeitável Elias de Melo recusa reconhecer-se: assiste com uivos ao desmoronar da própria respeitabilidade. Chegou a primavera. Deita flor a D. Leocádia, a D. Hermínia e a D. Penarícia. Todas as árvores do monte se consomem de sonho.

Primavera entontecida de gritos e rancores. É a vila feita sonho; são aspirações ridículas, restos trôpegos que procuram adaptar-se. Para resistir forjaram a mentira, forjaram a mania, forjaram a abjeção, e essas pequenas coisas sem existência chegaram a ter um lugar mais importante que muitas outras a que chamamos reais.

Fisionomias de dor, fisionomias concentradas, fisionomias de desespero e paixão, vão aparecendo sob cada fisionomia, e todos deparam com sentimentos e palavras que nunca tinham encontrado. — Dez anos, vinte anos de galeras, deixa-me, vai-te,

some-te! — O homem rói dentro do homem: criam-se olhos que veem na obscuridade. Começam a distinguir na massa confusa, no caos, nas dúvidas, e descem a profundidades que não lhe estavam destinadas. Não é só o homem dum momento, é uma série de figuras ainda por criar: é o homem do futuro.

Mais braços na monstruosa árvore de sonho, mais braços que atingem o céu, mais tinta forjada de desespero. A própria noite escorre pus doirado...

Na pequena vila já havia, como em todas as almas, um Robespierre, um cadafalso, um Shylock interior, ódios, ganância, e uma serigaita a cantar. O quinhão é igual para todos — o que pode é estar sepultado. A questão era de proporções: os valores já não estão na mesma escala. Desapareceu o ridículo. Pensem nisto: desapareceu o ridículo. Num minuto acordou toda a peste, sobressaltou-se toda a peste, todo o ferro velho, toda a mania resignada à força, comprimida à força, levada à força para a velhice e para a morte. Todas as velhas se ergueram, impelidas pela mesma mola. Todo o cenário era cenário, toda a regra regra, todas as cerimónias que nos ensinam se conservavam ainda de pé, quando o mesmo furacão revolveu, arrastou tudo e levou tudo adiante de si. Tudo se varreu no mesmo instante, todos largámos a cena no mesmo instante. Todos, com velha baba a escorrer, com velhos tumores abertos, com velhas dentaduras postiças, o mistifório e a obscuridade, o pó inútil que largaste pelo caminho até chegar à velhice, a vida consciente e a velha Eulália, cuja existência é um subterrâneo e que mal sabe falar, todos ficámos estonteados...

A vila entrou em plena primavera. Eis a D. Procópia, eis a mulher da esfrega. Aqui estão alimentadas a mentira, tendo passado a vida no testamento, na cortesia e na cólica; aqui está o topete, a filha para casar e as faltas de dinheiro — aqui estão todas enrodilhadas de pavor, mas cheias de decisão

diante do céu e do inferno. Já abrem aquelas ventas. Aquilo cheira-lhes a coisas proibidas, que passaram a vida a desejar e a temer. Aquilo cheira-lhes ao suspeito e ao reles. Aquilo cheira-lhes bem. De pupilas dilatadas embebem-se no sonho. Até as penas velhas se encrespam, até nos restos de xales sem pelo, o pelo se põe de pé.

Todos nós somos árvores. Há que tempos que deitamos flor pelo lado de dentro. Fomos sempre construções vivas, árvores estranhas que bracejavam para o interior do tronco, ramos e tinta, mais ramos desmedidos e tinta, revestidos de casca pelo lado de fora. Foi por dentro que crescemos, e só por dentro nos era lícito crescer, cada vez mais alto até a morte intervir.

Até as árvores estranhas, até as árvores só tronco, que metiam os ramos e a tinta para o interior, bracejam à custa de gritos, ramos e tinta, ramos desmedidos e tinta para o lado de fora.

Este é nosso sonho, esta é nossa vida oculta, nossa vida de desespero, nosso sonho desgrenhado e imenso, doirado e imenso, amargo e imenso. Bem sei que isto dói. Bem sei que isto me custa a encontrar e a reconhecer nesta noite de luar e espanto. Bem sei que isto de ser homem é duma grande responsabilidade. Tem prós e contras terríveis. Também sei que o que nos separa dos bichos não é a inteligência: a inteligência é o menos. O que nos separa dos bichos é o esforço dos vivos e dos mortos, o compromisso de aceitarmos a mentira como se fosse verdade. O que nos mantém neste inferno é a arquitetura artificial, é o facto de não nos vermos tal qual somos, baseados numa convenção que julgamos indestrutível. De não nos vermos a nós e de não os vermos a eles. Porque o homem por dentro é desconforme. É ele e todos os mortos. É uma sombra desmedida. Encerra em si a vastidão do universo. Agora somos fantasmas, somos afinal só fantasmas, e o que construímos não cabe entre as quatro paredes de matéria.

Ouve-los? ouve-los? Passaram séculos e séculos no fundo da terra. Levaram séculos a compreender que foram iludidos. Redobram séculos de desespero no interior das covas, até se compenetrarem de que todo o sacrifício foi inútil, de que toda a dor foi inútil. Ouve-los com dor e desespero?...

Queira ou não queira tenho de dar o passo, tenho de me desentranhar em amargura e sonho. Bem vês, a insignificância vai durar mil anos, a vulgaridade e a ternura têm séculos diante de si, de forma que tanto me pesa uma como a outra. Aabafo. Tenho de durar mil anos, tenho de durar 2 mil anos, com estas coisas diante de mim, hoje, amanhã, sempre. É escusado lutar. Enquanto era a razão que me guiava, andava às apalpadelas: agora é o inconsciente e cessaram de todo as dúvidas. Tudo se ilumina a outra claridade. Tudo me é permitido. Respiro de outra maneira, olho de outra maneira o que me atravança o caminho. Toda a pergunta obtém logo resposta imediata. Todos os sonhos estão de pé para mil anos e um dia. — Ouve-los? ouves o grito dos mortos?... — A outra coisa não nos dá tréguas. Vira-nos e revira-nos. Mete-se como piolho em costura. Põe-nos a contas com a questão das questões, com a questão insolúvel. Tudo que estava num plano secundário passou para um plano principal. O meu interesse, o teu interesse, ó D. Penarícia, é matá-la sem que se venha a saber. Escusas de arreganhar os dentes descarnados pela gengivite expulsiva, esse passo tens de o dar contra o que se chama a tua consciência. Ergue a cabeça, D. Lambisgoia, e recorda-te que já foste fera. Podemos suprimi-la sem remorsos. Matar é uma palavra e mais nada. Por causa duma palavra nos arriscamos, é certo, a ir para a cova inúteis e grotescos, com sonhos remoídos durante noites e noites gelatinosas como velhas mestras de piano que tocam sempre as mesmas escalas. Mas hoje tudo se reduz a metê-la num jazigo selado e chumbado, com a chave entregue ao juiz de direito. Põe em mim teus olhos turvos, ó D. Desidéria, e reconhece-te e reconhece-me.

O que estava por baixo está agora por cima. À roda da mesa de jogo nunca pensámos senão em anulá-la. O remorso não existe, o crime não existe, a fórmula não existe. O passo nem tu o deste nem eu o dei, presos a algumas palavras convencionais. Agora estamos fartos. Sim, sim, podes matá-la à tua vontade. És um produto fétido do acaso. Não duvides. Se Ele existe, nem suspeita sequer que existimos. Com que direito a esta luz que nos ilumina de chapa, queres que eu me subordine e submeta? Ou, não existindo, ainda exiges que proceda como se existisse?... Não duvides. Nada. Só algumas palavras formaram a tua consciência. Duas palavras e o hábito, duas palavras e a regra. Posso tudo o que quero. Peso tudo, calculo tudo sobre esta base: o que me convém e o que não me convém. Eu sou eu. O egoísmo é a suprema lei da vida. A honra não é essencial. Ao contrário o meu interesse é mentir, o meu interesse é trair-te. É indiscutível que tenho deveres para comigo, mas não é indiscutível que tenha deveres para contigo. Primeiro eu, depois eu. Todos os crimes me são permitidos contanto que se não venham a saber. Serves-me ou não me serves? És meu escravo ou meu senhor? Serás tu meu inimigo?...

Que riso que nunca vi (é a cova que se ri)! que boca que nunca vi e que me cheira a defunto! Um passo ainda, outro passo, velhas lambisgoias, D. Insolência e D. Ninharia. Chegou a primavera. Vamos entrar noutra vida sem Deus e sem regras, noutra mistifório que o instinto nos impõe, ó D. Teles das Reles de Meireles, e talvez seja essa tranqüibérnia suprema por que suspirámos sempre. Vamos ver que proporções atinge a langonha e a D. Hermínia, o fel e a D. Penarícia. Acabaram os escrúpulos e a luta constante que nos deixava esfarrapados. Tenho-vos aqui na minha frente com as bocas murchas de mentir, a suar grotesco e a gritar de desespero; tenho-vos aqui só bichos em frente da necessidade fatal, da verdade iniludível, nus uns ao lado dos outros, nus e reles, com o es-

plendor cada vez maior, cada vez mais sôfrego diante de nós. Estamos prontos. Estamos fartos. O que resta é o sonho de pé, só sonho e doirado, fétido e doirado, caótico e doirado. Está roto o contrato.

A primavera atingiu o auge nos vivos e nos mortos. Tinta sobre tinta, dor sobre dor. Ressuscitam todas as primaveras, as primaveras sucessivas, as primeiras primaveras em que a ternura se confunde com a fealdade e a fealdade é já ternura, outras primaveras, e outras oiro e verde, em que a tinta escorre do negrume. O que custou à árvore a transformar-se em sonho, à árvore dorida com a flor recalçada, até se desentranhar em emoção!... Mais outras primaveras frenéticas, mais outras tímidas e delicadas, mais outras que não chegaram a abrir, cobrem os vivos e os mortos...

Mais braços na monstruosa árvore do sonho, mais braços que atingem o céu. E aí estão todas as flores e todos os gritos, a tentativa ridícula da flor e a flor esbraseada das noites sobre noites de concentração.

Todos ansiamos por este dia. Nós e os outros do fundo da sepultura contamos sempre com a primavera eterna — nós e a coorte muda cujo esforço senti sempre, muda e desesperada, cega e desesperada. Gritos que vêm de longe, expressões mutiladas que tentam impor-se. Este sonho não era só meu. Arredei-o e pegou-me fuligem. Trouxe-o num cantinho do meu ser como uma coisa proibida. Nunca me atrevi a olhá-lo frente a frente, até que surgiu das profundas, caótico e doirado, de dor e de restos, coçado e doirado. Pertence-me e pertence-te. Vem do céu e do inferno. É nosso e dos mortos. É o património da vida e do túmulo.

E os mortos estão arrependidos! os mortos estão arrependidos!

20 de abril

As velhas encarniçadas são outras, são velhas em sonho vivo. — Mata! mata! mata! — Aqui de rastros, ano atrás de ano, para ser comida! — Aqui a levar pontapés neste sítio, aqui a criar rugas e fel! — Pois eu não fui eu, e agora estou diante disto, deste assombro e deste desespero! — Gritam porque se não podem ver. Gritam porque a realidade e o sonho tomaram proporções que lhes não cabem nas almas. Gritam porque não lhe entreveem o fundo. A D. Penarícia tirou a cuia postíça e atirou com a cuia ao chão. Depois fitou os olhos na cuia enrodilhada, e absorveu-se na cuia de retrós, como se tivesse ali em frente o símbolo do universo: — Não posso desfazer-me disto! não posso desfazer-me disto! Toma! Eu não sou isto, e hei de estar aqui sufocada a aturar-te para não morrer à fome. Hei de ver-me e ver-te e hei de dizer: — Jogo! — Hei de fazer-te as vontades e ver-me tal qual sou, tal qual era e tal qual hei de ser? À espera de quê, se nem da morte podemos esperar? — Então este esforço para ter uma alma não se conta? Este esforço para não andar de rastros como a cobra? Para viver com isto e com isto? Com esta amargura, o fel, o que é mesquinho e com Deus? Eu não posso com o que não compreendo, com o que está por trás de mim, com o que está a meu lado e com o que tenho de fazer todos os dias... — Falo! — Falo eu agora! — A tragédia é que eu iludia-me, mentia a mim mesma e agora não posso mentir. Não há gritos que te valham e a ninharia desapareceu do universo. A insignificância acabou. — O pior drama — exclama outra — é que eu vejo o que fiz de mim própria.

— A inveja que eu te tenho! a inveja que eu te tive sempre! E tenho que sorrir para ti, de dizer a tudo que sim!

— Jogue!

— Então eu passei a minha vida a ter paciência, à espera, passei-a a mentir e obedecer, e tu a mandares, e agora hei de continuar a ser abjeta 500 anos, 600 anos?

— E eu! o pão que me deste amargurei-o sempre. Cada dia que passava mais me sabia a zinabre. Não te matei porque não pude!

— Corte!

— Tu não és mais do que eu!

— Ai! Também eu, também eu tenho a dizer uma coisa. É que eu sabia bem tudo isto, há que tempos que o sabia!... Mas não sei que era que me obrigava a fingir. Corto!

Avante! avante! Um cordão de velhas, como um cordão de sentinelas, não desampara o quarto onde a majestosa Teodora agoniza. Chove. Entre estas paredes forradas de papel doirado já não se moem as palavras de uso. Alumia-as o candeeiro a escorrer petróleo, e a luz fixa as arestas das figuras de cerimónia, todas vestidas de preto, a calva dum homem gordo, a quem só se veem as mãos esponjosas, os bicos das velhas retesas, cujas bocas remoem no escuro, a Adélia mais safada e mais sôfrega, e o padre no meio da sala dominando-os a todos. Onde vai o ridículo da D. Penarícia, as medidas da D. Andresa, o riso idiota da D. Idalina, a langonha da D. Hermínia? Parecem forjadas de novo. Até as pregas dos vestidos caem como pregas de estátuas. Cada velha resolve que a cólica da Teodora seja a sua última cólica; em cada velha cresce, aumenta, trasborda, num tumulto, o inferno. Ao saque! ao saque! — É para mim. Eu é que sou a prima mais chegada. — Eu é que lhe tenho aturado tudo, é a mim que ela deixa os 300 contos, os 400 contos, ninguém sabe o que ela tem. — Nenhuma admite que a majestosa Teodora escape. Vêm de muito longe estas figuras — vêm das profundas... Nos olhos da D. Penarícia há claridades do inferno. Ganharam todas em fixidez e audácia. O sarcasmo não me chega à boca, passou-me a vontade de rir.

Desapareceram séculos de paciência e astúcia, surgiram figuras novas. Para as compreender pergunto a mim mesmo o que é isto embrulhado num xale, e não me atrevo a contemplá-lo. Ridículo e ferocidade? Uma coisa sem nome, produto do acaso,

ou uma coisa abjeta? Uma alma ou um resultado de fórmulas? Está aqui a D. Penarícia e a D. Eulália ou Deus e o Diabo? Um mundo novo e um mundo atroz? Estão aqui perguntas vivas e respostas vivas: — Abra lá essa porta para trás! — Essa porta deita para a parte proibida da vida. O mal, suspeitam-no, talvez seja a melhor parte da vida. — Abram lá essa porta para trás! — Não lhes parece que esperam há anos, parece-lhes que esperam há séculos, e têm ali diante de si, estateladas, as cortesias que fizeram à velha, — o pois sim que disseram à velha — os sorrisos com que sorriram à velha — as vontades que fizeram à velha. São tragédias. Vêm de muito longe, duma vida sem limites. Em cada uma se representa um drama atroz, o drama do interesse e do cálculo, o drama da vida. Nuas, as velhas que estão na minha frente são infinitas de grotesco e dor. Duram há séculos. Há séculos que têm paciência para viver e para sofrer. A D. Penarícia mente desde os confins do mundo: representa gritos, mais gritos represados. É um poço donde só saem ais e mais ais. O difícil é a gente habituar-se a viver esta vida e a outra vida: carregar com este peso desde o infinito e lidar e falar e viver. — Oh morte que tão bem cheiras!... — Bem sei, os séculos imprimiram-lhes dedadas, os séculos deformaram-nas... Mas agora estão aqui desesperos em frente de desesperos, e desatam a berrar umas às outras:

— Tem paciência, tem sempre paciência. Dói-te? tem paciência; amargas? tem paciência...

— Todos os dias da vida, todos os dias da minha vida à espera da morte. Estou farta! estou farta de despejar bacios, de dizer que sim, de dizer a tudo que sim, de ser a sombra de mim mesma. Agora está aqui a vida. Esta vida e todas as vidas. É preciso que ela morra, e se não morre é preciso matá-la. Ouve, senhor padre Ananias, senhor padre unguento, senhor padre e as suas *comidelas*, senhor padre e o seu inferno?... Mentira! mentira! Eu própria era uma mentira. E só me aterra a ideia de acordar tarde, de acordar na morte, com a certeza de que era tudo mentira e só mentira...

Abrem as bocas desmedidas, fecham logo as bocas desmedidas.

— Bem vê que não posso mais. Eu que mentia não posso mais mentir. Como hei de viver?

— Tem paciência, tem mais paciência, tem paciência por todos os séculos a vir...

Estão ali dispostas a morrer e a matar. Está ali um cordão de velhas como um cordão de sentinelas à porta do quarto da majestosa Teodora. Duas, ambas de quico, ambas de mitenes, ambas impenetráveis, trazem na algibeira o lenço com que hão de amarrar-lhe os queixos. Todas esperam que ela se decida a expedir. Nenhuma abre o bico, mas apalpm os vestidos como se trouxessem um punhal escondido. Dum lado as gulas exasperadas, a hora extrema — chamem o tabelião! chamem o tabelião! — o testamento, a sorte grande! — enfim! enfim! — os chapéus de plumas, o oiro mexido e remexido, as gavetas arrombadas, as salas de tapete, o vício e o gozo — do outro a vida nova, e todas as abjeções inutilizadas.

Ó morte que tão bem cheiras, aqui me tens para te servir. Como esta casa cheira bem! como cheira bem aqui dentro! — Ó morte que tão bem cheiras, tu diluís o travor de fel e acalmas a acidez da inveja. Resolves tudo, realizas tudo, os mais ignóbeis pensamentos, as mais secretas aspirações, que nem a Deus se confiam, ó morte que tão bem cheiras! — E calcando a alma que se atreve, dizem compungidas, por hábito secular: — Coitadinha já tem panela!...

Agora aguenta-te, majestosa Teodora! Nalguns minutos esse crânio obtuso com uma cuia em cima tem de lutar com o crer ou não crer, com a vida antiga e a vida que antevê; tem de desfazer a unhas um edifício mais vasto que o Coliseu e de deitar abaixo pedra a pedra todas as pedras que cimentou durante a existência; tem de se entregar ao sonho sem capacidade para o sonho; e tem, ainda por cima, de esquecer as inscrições e as décimas. Para escapar com vida, arrosta com a vida passada e com a vida futura. Tudo nela era imperativo.

Decidia por uma vez: um passo, e é o inferno pela eternidade, o inferno com o sítio imóvel, com o tormento da vista, com o tormento dos ouvidos. Escapar à morte é fugir à lei de Deus. — E dum lado puxa por ela a vida, do outro puxa por ela o inferno — e as velhas lá fora esperam e desesperam. Sente as labaredas do sítio imóvel por a eternidade das eternidades; envolve-a, toca-a, engrandece-a também o sonho, e o inferno não cessa de reclamá-la, o inferno que foi o único deus que temeu neste vale de lágrimas. E esse debate esplêndido numa alma estúpida, deixa vestígios profundos: aquelas raízes não se arrancam sem produzirem buracos. E as velhas lá fora esperam, enquanto a majestosa Teodora desata aos gritos, balaçada — e com a cuia a desfazer-se-lhe — entre a realidade e o sonho, entre o inferno e a vida nova que começa. Mas como a estúpida vida de caldo e pão que levou antes de enriquecer lhe deu fibra e caráter e não sei quê de sólido e amargo, a velha pode salvar-se, com um resto de xale e a cuia amolgada. A velha resiste, e ao abrir a porta exclama para o cordão das outras estupefactas:

— Atravessei viva o inferno. Agora nem do diabo tenho medo!

25 de abril

E o doirado não cessa. Doira o luar e a inépcia, doira a tragédia e o ridículo... Teçamos, teçamos todos a nossa teia... A minha prendo-a às árvores, ao céu e às coisas eternas. Todos os sonhos se põem a caminho. É uma coisa equívoca. É uma coisa desgrenhada e fétida. É o sonho lastimoso das velhas, o sonho que não chega a ser sonho, onde boiam mortos informes, com laivos verdes, com tentáculos esbranquiçados que se prolongam no escuro. Toda a gente fala só. E o luar intolerável, o luar indiferente, derrete-se sobre as ameias, sobre a catedral, sobre os santos imóveis nos seus nichos. Dão horas, mas as horas acabaram.

Coisa singular: esta gente só fala consigo mesma, em monólogos roucos, desesperados, infundáveis. Os olhos da D. Fúfia ganham em fixidez e concentração; a D. Hermínia começa uma tragédia, que dura uma noite inteira com a mesma palavra obscena.

A alma sórdida, o fluido que envolvia a vila, a atmosfera parda, feita de pequenos ódios, de pequenos interesses e de hábitos concentrados, encrespa-se e cresce em vagalhões magnéticos. Modifica todos os seres e abala as paredes mestras. Embebe-se no salitre e rói os santos nos seus nichos: até na imobilidade entranha desespero. Quedam-se estonteados e transidos como se a vida fosse uma mera criação do luar e da loucura... A alma da vila é sacudida por uma tempestade de espanto. A botica está deserta, com o bocal, o pássaro empalhado, as moscas mortas.

Um momento angustioso não se ouve um rumor, depois um tumulto, um clamor, um ah! A vila toda grita: — Ei-lo! aqui está o meu sonho, aqui está como o trouxe toda a vida, escondido, dorido, fruste, imenso ou humilde; aqui está a minha verdadeira figura — a figura do Melias e a figura do Melambes; a velha num debate perpétuo, a velha e as suas manias, o desespero e a Úrsula, o grotesco e o pó doirado que não sei donde se me pegou; aquilo de que te rias e eu me ria, e que todos nós escondíamos, cada vez mais oculto, cada vez mais para dentro, como somáticos... Lá vai a Adélia, com o chapéu às três pancadas, lá vai um lojista que parece Napoleão Bonaparte, e as Sousas armadas de ponto em branco — lá vai o inferno de luxúria e de egoísmo. O muro não existe — derrubaram o muro.

Nesse momento pesado de angústia todas as mãos se agitam no ar diante da outra coisa que no silêncio e na noite estende os farrapos das asas cada vez mais disformes. Está sôfrega. Cresce, grita, avança direita para nós. O que se pôs em marcha não vem de fora, mas de dentro de ti mesmo, da mais cerrada das noites. Há muitas camadas de mortos. Há-as a léguas de profundidade e até de lá sobem os gritos. O homem é o mais profundo, o mais vasto de todos os sepulcros.

Põe este homem vestido em frente deste homem nu, a fama, o crédito, a praça, ao pé desta coisa desordenada que se encarniça e não nos larga, ó Elias, ó Melias, ó Melambes! A consideração não existe! a praça não existe! aqui estamos todos bichos em frente de bichos, os que pagaram as letras e os que têm as letras protestadas, nós e nós, nós e os ladrões das estradas, nós vestidos e grotescos, nós nus e trágicos — nós e o universo monstruoso! Nós corretos e nós disformes, nós e o céu profundo na sua temerosa realidade. Salta laré, perirone, perirote! Mas salta com desespero, salta com as tuas eternas explicações, o subterfúgio e o grotesco. Agora não nos servem de nada os relatórios, nem as razões dispostas como fórmulas algébricas — agora estamos aqui nós e o problema desalinhado e feroz, que nos impõe uma solução imediata. Salta laré, perirone, perirote! Se ela vive mais 500 anos lá se vai o dinheiro por água abaixo. Pior: se ela remoça lá se vai o nosso crédito na praça. Mas — pergunto — posso porventura deixá-la morrer quando está nas minhas mãos salvá-la? Não sou eu por acaso um homem de bem? Tu és um homem de bem, eu sou um homem de bem, nós somos todos homens de bem — depende das circunstâncias. Os pais são pais, mas deixam de ser pais se nos dão cabo de tudo — e da firma. Por outro lado há a contar com o crédito. Pensem nisto, no crédito. O crédito pode perder-se dum dia para o outro, e sem crédito um homem não vale nada na praça. Meditem e atendam. Acima de tudo está o crédito. Está talvez acima de Deus, ainda que a minha consciência seja religiosa. Sem Deus ainda posso viver, sem crédito não dou um passo na vida.

— Além da firma que nos resta na vida? Fora da praça não existimos. Pense que logo, amanhã, hoje mesmo, a nossa mãe remoçada deixa de ser a nossa mãe. Que quer o mano fazer? que pode o mano fazer? Destruir por suas próprias mãos o nosso crédito na praça?

Um defronte do outro abanam as respeitáveis cabeças, com calva e risca, com risca e calva, aquela distinção de porte e de

vinco, aquela ponderação de estilo, aquela correção de maneiras, aquela seriedade das seriedades, que a praça honra, que as firmas honram, que a Igreja honra, e de que até o próprio Deus do céu já está à espera com o pátio meio aberto. A firma Elias & Melias tão correta, com livros, ripolém nos caixilhos e nas almas, vê-se descascada até à medula e treme nos seus fundamentos. Está encalacrada. E o pior é que não são só eles que estão encalacrados, estamos todos encalacrados. Na verdade o que importa não é o que tu me dizes: é o que eu digo a mim mesmo... Ó Rinhe, como tu rinhes com dor, com desespero, numa forma pastosa, a que se misturam já palavras vivas, em lugar das frases dos relatórios e dos bancos! Decerto te sentes bem no pegajoso, mas por trás não te dá tréguas o impulso. Neste conflito delicado só tu vinhas a tempo, ó morte que tão bem cheiras, e, cumpridas as formalidades do estilo, entregavas-me, com o testamento, a chave do cofre. Agora esta coisa encarniçada e feroz, sôfrega e imunda, leva-nos a mim e a ti, com desespero e gritos, com as fórmulas e o vinco, com a praça e o crédito!...

Agora não, D. Biblioteca das Bibliotecas, já preparada com todos os requisitos e unguentos para o horror do nada! Agora não! Agora não! Já tentaram desligar-te da vida com as palavras untuosas do rito e promessas de outra vida melhor. Que te resta? A vida eterna. Poço para a vida eterna! O que tu queres é esta vida, esta insignificância e estes restos — e está aqui a morte inexorável. Tanta saudade! tanto apego! Tudo te dói e do fundo dessa miséria e dessa pele engelhada vem um gemido baixinho diante da figura tremenda que não sai de ao pé de ti... Ó carne putrefacta, como tu te apegas a um resquício de esperança, a um só que seja! O que te custa a largar o brasão na fralda da camisa, o postigo de toda a tua existência inútil, o alto da lista de subscritores — três tostões, seis tostões, um quartinho! ó carne fedorenta, ó carne já preparada para o mausoléu, com a gaveta aberta, latim e água benta, dois invólucros, um de mogno, outro de chumbo, e o picheleiro à espera!

E aí os tens sem piedade, inexoráveis como o destino. Agora não Elias & Melias, agora não D. Biblioteca das Bibliotecas, estais frente a frente com a realidade e a morte. Salta laré, perirone, perirote!

— Não quero morrer! não me deixem morrer! Chamem os meus filhos, chamem toda a gente. Não me deixem morrer!

Todos os apetites, todas as sensações que pareciam extintas, assobiam como víboras. Horas antes de morrer ainda essa mulher está tão intacta por dentro como aos 20 anos. Ninguém a pode conter. Quer saltar pela cama fora.

— Chamem os meus filhos! chamem os meus filhos!

— Chamem o procurador!

Mas o que ela exprime por palavras, pelo olhar, pelos gestos, é a ânsia de viver.

— Não, não. Tirem-me para lá esse homem. O que eu quero é viver.

Vê no último desespero a face estúpida do procurador dizer-lhe coisas grotescas:

— Ó minha senhora, cheguemo-nos à razão. Seja razoável.

— Quero viver.

— Temos em primeiro lugar a Igreja. Apelo para os seus sentimentos religiosos, que os teve sempre, e diante dos quais me curvo respeitosamente. Apelo...

— Deem-me o remédio! Quero viver!

— Segundo, lembro a V. Ex.^a que tem sido até agora mãe extremosa dos seus filhos. Se volta aos 20 anos, pergunto respeitosamente a V. Ex.^a, Ex.^{ma} Senhora, que é que V. Ex.^a é aos seus filhos?

— Quero viver!

— Perdão, minha senhora! Esta fortuna tão bem administrada pelo casal de que tenho sido bastante procurador, a que mãos irá enfim parar? Peço-lhe que reflita. Peço-lhe que se submeta. Lembro-lhe que estão ali fora seus respeitáveis filhos subjugados pela dor, lembro-lhe a sociedade, e atrevo-me a lembrar-lhe que não tarda aí o D. Prior.

Um fio, falta só um fio, e ainda aquela figura grotesca se debruça para lhe dizer: — V. Ex.^a...

— Fechem as portas! fechem as janelas! fechem tudo! — exclama o honrado Elias de Melo, com a calva arrepiada.

— Não quero morrer!

Tem forças para saltar da cama, para se arrastar até à porta, e toda a noite no casarão ecoam gritos.

Não quero morrer! Um minuto e mais nada. Um minuto e, contido nesse minuto, o universo desabalado, a morte, o desespero e o procurador com o selo da lei e a saliva da lei. Tu dum lado decrépita — e do outro a sofreguidão caótica para mastigares com o único dente que te resta na boca. Um minuto e contido nesse minuto os vivos e os mortos, o teu fantasma e todos os fantasmas, a realidade e o sonho, — tu unguida e tingida, nós e nós — nós corretos e grotescos — nós Melias e doirado, nós Melambes e frenético!

30 de abril

Donde emerge esta figura encharcada de lama, menos a sombrinha, que, apesar da dor, conseguiu atravessar incólume todos os solavancos? A que se atreve depois de ver o filho? Cheguei a ter a visão nítida da montanha de pó acumulada sobre ela, e do desespero imenso para a romper. Sabe tudo, vai dizer tudo. Tem ali as cautelas do prego e a malinha de mão onde levava escondidos, a enterrar, os fetos da D. Engrácia; só ela pode desvendar os vícios ocultos e o sítio onde a D. Biblioteca tinha a sua fístula. Conhece as misérias e os segredos das famílias corretas. Vai enfim dizer tudo, quando lhe surge o filho que não via há anos. Ei-lo criado de orgulho e de côdeas. Submete-se logo, mais coçada e mais gasta, diante daquela obra-prima real e tangível. — Pois sim, pois sim... — Aí tens tu o teu sonho alimentado de côdeas e transformado em realidade. Aí está patente o sonho que sonhaste

com inveja, o sonho que sonhaste com fel, aos ais, com a boca tapada, o sonho feito de farrapos, que ocultaste de toda a gente para poder viver. Aí está patente, à luz do sol, como os sonhos dos outros, de ambição e de império, o sonho que ninguém viu sonhar, e que sustentaste à custa da tua própria alma — ó Restituta da Piedade Sardinha!

... — Sejamos lógicos, mãe — diz ele — na vida é preciso ser lógico. A mãe criou-me escondido, eu, por meu lado, disse sempre que não tinha mãe. Não hei de agora que vou casar apresentá-la: — «Aqui está a minha mãe que me criou de esmolas, que me criou escondido.»

— Tens razão, filho.

— O que é preciso é que a mãe desapareça. O que é preciso é que a mãe, que tem sido lógica deixando-me fazer carreira, não estrague agora tudo. Quem soube sacrificar-se para me engrandecer, deve continuar a sacrificar-se. Não lhe peço mais nada: desapareça.

— Desapareço.

Ela própria tem por aquela obra monumental de egoísmo o respeito que teve sempre por as pessoas consideráveis. Está ali na sua frente de chapéu lustroso e luvas esticadas. Acrescentem a isto amor. Levou anos a criá-lo escondido, e revê-se embevecida nos cartões em que ele assina Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). De resto não lhe custa nada desaparecer. Não lhe custa mesmo nada. É mais uma ordem a cumprir. Obedece. Obedece, como obedeceu sempre à D. Hermengarda, à D. Teodora, à D. Hermínia, como obedeceu a todas as pessoas ricas e de consideração, como obedeceu à vida que fez dela um trapo. Apenas um minuto e esse minuto chega. Um minuto e mais nada. Nesse minuto a figura contraída reconhece a figura de trapos e de restos. Nesse único minuto de dúvida a D. Restituta vive mil anos e um dia e concentra-se em horror e desespero. É o minuto supremo em que a velha Pois Sim se sente arrastada ao céu e ao inferno, ouve vozes que falam ao mesmo tempo, e ela mesmo pronuncia palavras que nunca ousou pronunciar

nem no recanto mais obscuro da sua alma. — Vi-o! vi-o! vi-o!... Que é isto? que é isto que se me pega e se me entranhou na obediência e na mentira? O que é isto que não compreendo e que me dói? Desespero e pois sim, sofreguidão e pois sim, doirado e pois sim! Eu não posso com isto amargo e doirado! Eu só posso mentir, só posso obedecer, só posso com restos, com os restos dos restos. Tenho vivido desde o princípio do mundo a escorrer fel e pois sim. Tenho sido sempre Pois Sim, só Pois Sim, e agora sou Pois Sim e desespero!

Desespero, e neste desespero uma primavera de restos, uma primavera abortada, que só chega a deitar uma flor miudinha como a flor do escalheiro. — Mente! mente! mentir não custa nada! — Mas a D. Restituta já não pode mentir ainda que queira. Quer dizer que não, e com ela todos os mortos, todos os mortos que não se atreveram a sonhar, que não abrangeram o sonho, dizem à uma que sim, dizem com desespero que sim. Sonho e pois sim não cabem no mesmo saco. Não cabem no mesmo saco primavera e pois sim. A sofreguidão atingiu o auge e tu viste-o! viste-o!...

Salta laré, perirone, perirote!... A sacudidela de revolta extingue-se, sai da luta exausta, com todo o peso da montanha em cima, diminuída, reduzida outra vez a pois sim... Esses minutos que passou só e contemplando a ruína de toda a sua vida foram amargos como fel. — Mete o diabo no saco! — Tão cansada e tão gasta que nem as feições lhe reconheço; tão amarga e tão ridícula, tão pois sim, que da D. Restituta só resta uma expressão de dor, de dor mutilada a dizer que sim, sempre que sim — a dizer a tudo que sim.

— Mete tudo no saco, mete-o com lágrimas requentadas e o fel da submissão. Mete a tua alma e a minha alma, gastas de dizerem a tudo que sim. Mete o diabo no saco! mete tudo para o saco, desespero e doirado, sofreguidão e pois sim!

Balouça ao vento, a uma réstia de luar, pendurado numa corda, o cadáver da D. Restituta, que parece dizer pela última

vez que sim — para que o filho possa casar com a filha do conselheiro Barata. Balouça ao vento num sexto andar — esquerdo. Morre ignorada e desconhecida quem toda a vida viveu de côdeas, para lhe assegurar o futuro e a assinatura com brasão e elmo, Monfalcão dos Monfalcões (Sardinha). Da mão crispada ninguém lhe arranca a fotografia de quando ele era pequeno, com o fardamento da Escola Académica, como um guarda-portão em miniatura. A sombrinha lá está aberta ao lado da cama, por causa da humidade, e pela janela, aberta sobre o luar, veem-se os montes onde o Santo colérico não cessa de latir injúrias sobre a vila agachada de terror.

6 de maio

Chegou. Abriu a mais bela, a mais fecunda, a mais doirada de todas as primaveras — a primavera eterna. Revolveu a terra e cobriu os seres e as coisas de flores, por camadas ininterruptas e sucessivas, com todas as cores e todos os entontecimentos, todas as infâmias e todas as tintas — com todos os desesperos. Está aqui também presente a floresta apodrecida, e com ela as formas de sonho e as formas de dor mutilada que vagueiam na profundidade das profundidades, os contactos viscosos, as mãos geladas ainda em esboço, os seres cegos e com gritos, porque não sabem ainda viver, as formas hesitantes do pesadelo...

É aqui que corre e escorre o verde, o roxo e o lilás — os tons violentos e os tons apagados. Até as árvores são sonhos. Atravessaram o inverno com sonho contido, com o sonho humilde com que carregam há séculos. E até esses sonhos se transformaram em realidade. Realizou-se enfim o milagre: as árvores chegam ao céu.

DEUS

10 de maio

O que eu sinto é o desespero de não haver dor eterna. A dor pela eternidade das eternidades era ainda viver. Sofrer sempre, com a consciência do sofrimento, é viver sempre. Antes o inferno! antes o inferno! o inferno em lugar do nada.

O inferno era ainda o céu.

Alguma coisa nos conduz e nos leva até à morte. Rodeia-nos. Impele-nos. Não a vemos e está ao nosso lado. Só ela existe no mundo. Estou nas suas mãos com desespero. Extasia-nos. Aturde-nos. Escarnece-nos.

Tu não existes! tu não existes! E não há mãos mais cruéis que as tuas. És abjeta. És cega e frenética. Levas-nos enrodilhados e envolvidos. E queira ou não queira estou nas tuas mãos. Só tu existes no mundo.

Nem a vida nem a morte, nem o tempo nem Deus. A única realidade és tu — fétida e imensa, sôfrega e horrível. Gritas? Há de gritar pela eternidade das eternidades. Fazes parte para

todo o sempre desta força que vem do princípio da vida e se projeta nos confins da vida, com boca ou sem boca, capaz de todo o sonho e de toda a beleza — para nada! para nada!... Na minha alma reflete-se o diálogo do universo como a clari-
dade na água para me entontecer.

Cheguei ao ponto em que tenho medo. Fecho as janelas, fecho tudo. Outra vez a primavera! outra vez o escárnio! O que tu queres é iludir-me. A um dia de névoa sucede um dia doirado. E extasias-me. Se abro a porta, a noite está cheia de estrelas e de vozes. No fim da tarde, quando a água tem um som mais lindo, a neblina dá encanto à minha vida e aos grandes montes compactos. Alheias-me, fazes-me sonhar, levas-me escarnecido até à morte. Atrás de ti só há dor e o desconhecido. Mascaras-te para me iludires. Mais uma vez tentas inebriar-me com o teu aroma; mais uma vez os pinheiros sacodem no ar o seu pólen sulfuroso... Não quero ver! Não posso ver! Não te posse ver! A vida é amarga, a primavera é seca e inútil. Fecho tudo para não te ver. Fecho tudo para não ver a primavera e sinto-a através dos muros.

Oh o grande oceano, a torrente impetuosa — sempre! sempre — o mar de mãos fluidas que me envolvem — o mar do silêncio, o grande mar inesgotável que desliza no silên-
cio — como tudo isto me mete medo!

Reconheço-te força, mas não me importas nada. Este deus faz o que ele quer e não o que eu quero. Este deus desorde-
nado e imenso, não é feito à minha imagem e semelhança. Não me ouve nem me atende. Não o posso desviar da sua marcha à custa de súplicas e de gritos. Não se apieda. Não sei se tem o sentimento da justiça. Talvez tenha outro sentimento de justiça — outro maior — outro que não abranjo. Este deus não me é nada. Para ele é vão tudo o que se grita no mundo, tudo o que se sofre no mundo é vão. Todos os santos são grotes-

cos. Todos os que te chamaram e suplicaram, todos os que te ofereceram a renúncia e a dor, o fizeram no vácuo. Pai, tu não existias! E não existindo impeles-me, entonteces-me e esmagas-me. Estou nas tuas mãos e não as vejo. Crias-me e não existes.

Eu sei, eu sinto que estás aí desconforme, vivo, e obstinado — mas não és o meu deus. Tanto faz esfacular-me contra este muro compacto, como conservar-me quieto, indiferente e calado. Tu estás aí patente, vivo como a vida, mas não me conheces nem eu te conheço a ti. Não nos chegamos a entender. Não tens nome. E estou nas tuas mãos.

Estou nas tuas mãos e não me interessas. O que me interessava eras tu. Tu, que não existes, entranhaste-te-me na carne e no osso, de tal forma que não me livro de ti. Não existes e dominas-me. Não existes e torturas-me. Não existes e só tu és a razão da minha vida, dos meus atos, e do meu ser. Não existes e só tu existes. Tenho mil anos e um dia para pregar diante do vácuo que não existes. Para te chamar sabendo que não ouves. Disponho de mil anos e um dia de desespero, de mil anos e um dia diante da mudez, a clamar, a pregar, a mentir.

O resto são frases e mais nada. Só a vida futura, só a vida presente sob o teu olhar tinha finalidade e razão de ser. O resto são frases com que me procuras iludir e com que te procuro iludir. Porque, se um dia, sós a sós com a tua alma, te detiveste diante destas palavras — a vida eterna e a morte eterna, não como palavras mas como realidades, nunca mais pudeste desviar o olhar.

O que me interessava eras tu porque para que tu existas é preciso que eu exista também. Eu não posso passar sem ti, mas tu não podes passar sem mim.

Se tu não existes, estou nas mãos da força obstinada e cega. O que me interessava era o espetáculo da minha própria alma,

o diálogo dos dias e das noites entre mim e ti, a imensidade temerosa mas viva, de que eu fazia parte.

E agora, reconheço-o, toda a dor resulta de eu criar um universo que não existe. De tu me criares a mim e de eu te criar a ti. O resto do universo ignora a vida e a morte. Toda a dor resulta deste esforço para a mentira. De eu não me submeter à força desabalada e cega. De eu ter inventado um mundo maior do que o teu e diferente do teu, para o sobrepor ao mundo caótico, ao mundo atroz. De mentirmos com obstinação até à cova, ao céu e às estrelas. Destas duas criações antagónicas resulta a maior dor humana. Se eu não tivesse criado outra vida imaginária, tu passavas e calcavas-me, tu passavas e esmagavas-me, mas não me cabia em lote a morte e a consciência da morte, a vida e a consciência da vida. Mas criando a mentira trágica sou maior do que tu.

Resta-me o bem. Mas fazer o bem para quê se tudo acaba ali, se não há outra vida consciente, se não tenho de responder perante ti pelos meus atos? E mesmo diante do escantilhão sô-frego, o que é o bem e o mal? A que eu tenho de obedecer é ao instinto e mais nada. Se não estás aí para me julgar e para me ouvir, que importa fazer isto ou fazer exatamente o contrário? Só uma coisa resta: iludir os desgraçados, levá-los para uma mentira cada vez maior, para que possam suportar a vida. Não se trata do bem ou do mal, do justo ou do injusto — trata-se de mentir, mentir sempre — de mentir cada vez mais.

Estou nas tuas mãos... Esta noite límpida como um diamante polido não existe. O que existe é atroz... Nem a primavera existe, e tudo se entreabre em entontecimento azul. Nem esta harmonia dos mundos, que eu criei, existe. O que existe é atroz. Nem este sonho em que ando envolvido e iludido. Só tu existes no mundo e me trazes estonteado no mundo. Fecho-me para te não ver e estou nas tuas mãos. Se eu pudesse ouvir-te, ouvia todos

os gritos que se soltaram no mundo, se eu pudesse encarar-te em toda a tua plenitude — via o negrume monstruoso e caótico avançando para mim, o repelão doirado levando tudo diante de si, no desespero, na vida e na morte, esmagando sempre e renovando sempre, para criar mais dor. Não te fartas. Isto é desconhecido, é absurdo, é eterno — mas a beleza trágica da vida efémera consiste em te resistir, todo o nosso afã em criar uma mentira para opor a tua verdade — de que resulte dor. Tu podes tudo como verdade. Estou nas tuas mãos. Eu posso tudo como mentira, e só assim saio das tuas mãos. A verdade é a dissolução e a morte, és tu; a mentira é a vida. Resisto-te para poder viver; para poder viver crio a mentira trágica. Se cedo ao teu impulso, se escuto as tuas vozes, levas-me para uma vida inferior; se te oponho a mentira, caminho por uma via dolorosa: engrandeço-me. Estou nas tuas mãos — e nego-te. E o homem é tanto maior quanto mais alto afirma que existes. Crispa-se-lhe a boca, dilacera-se até às últimas fibras, luta, grita e sai em farrapos das tuas mãos.

Todos os heróis são mártires, todos os santos foram iludidos até à morte.

CÉU E INFERNO

20 de maio

Toda a vila, a vila toda, a que a luz artificial dava relevo, desata a gritar como se lhe arrancassem a pele. Gritam as velhas, grita o Santo em frente da sombra que se lhe introduziu na vida. Grita a paciência e a mentira, grita a hipocrisia. Desapareceram as figuras e só ficam gritos na noite. Outro passo — outro grito. É a custo que me separo deste ser com quem coabitei sempre. O escárnio está aqui; está aqui o escárnio e o rancor. Gritam no mundo subvertido. Mais gritos. Que dever? O dever de te matar? O dever de te cuspir? Matá-la, mas matá-la é até um caso de consciência, para que a minha vida seja a minha vida. — E os gritos aumentam — gritos de dor, gritos de espanto, gritos sufocados de cólera, mais gritos de seres que se não querem separar da antiga carcaça.

Tudo isto caminhava para um fim, tudo foi desviado ao mesmo tempo desse fim; tudo isto se alimentava de certas regras, tudo avança desesperado, aos gritos, ansioso e doloroso: — Pois és tu! és tu! e o interesse és tu! e o amor és tu! — O desespero aumenta, os gritos redobram. As criaturas com que deparo são temerosas. Uns desatam a rir com rancor

e sarcasmos sobre sarcasmos. Há-os que se reduzem a baba e a pó. — O quê, tudo isto era tão pequeno! Pois passei metade da existência, anos atrás de anos, ao lado desta coisa feroz e esplêndida, absorto em ninharia! E nunca dei pelo assombro, pela vertigem! Atrevo-me a matar, atrevo-me a odiar, atrevo-me a escarnecer-te... — Mas então — pergunto — eu fui o homem escrupuloso, eu fui o homem honesto que lutei toda a vida com os maus instintos, num combate perpétuo — para isto? Pergunto — para isto?... Ali aquela desata aos berros e seres caminham transfigurados; seres que nunca sonharam, matéria impenetrável, deparam pela primeira vez com o sonho, o que os deixa atónitos. Ninguém pode encarar-se até ao fundo. A tua meticulosidade é de ferro, está de tal maneira entranhada no teu ser que sem ela não existes. Pois até a tua meticulosidade se há de dissolver. E tu sem o hábito não existes, nem tu sem o dever, nem tu sem a consciência. A D. Úrsula, que passou a vida a esfregar, a polir, a limpar os móveis reluzentes, deita-os todos a esmo do terceiro andar à rua. — Adoro-a mas não posso separar o interesse do amor — não posso separá-los. Está dito e redito. No fundo do meu pensamento, bem no fundo do meu horrível pensamento, uma outra ideia luta, avança e não a posso arredar. Estraga-me a vida toda. — O mundo moral está com escritos e reduz-se a uma loja escura, com teias de aranha no teto.

Vemo-nos! vemo-nos que é o pior! Porque na verdade eu nunca me tinha visto nesta horrível nudez sem arrepanhar à pressa os vestidos. Eu metia-me medo. E agora vemo-nos! vemo-nos! Todos os seres são temerosos. Mesmo grotescos são trágicos. Há neste trapo que criaste, nesta coroa de lata que foi a tua vida, não sei o quê que sua espanto. E dor! e dor na tua dúvida ridícula, no vislumbre, no minuto de sonho que entrevi nos teus olhos. Este momento trágico, esta pausa, este horror em que cada um se vê na sua essência, em que cada ser se encontra sós a sós com a sua própria alma, reduzido

sem artifícios à sua própria alma, só tem outro a que se compare, aquele em que cada um vê a alma dos outros. Porque, por melhor ou pior que tenhamos julgado os outros, vimo-los sempre através de nós mesmos.

O que aí está é temeroso, seres estranhos; seres que, se dão mais um passo, nem eu nem tu podemos encarar com eles. Andam aqui interesses — e outra coisa. Com mil palavras diversas e ignóbeis, mil bocas que te empurram para a infâmia — outra coisa. Tens de confessá-lo. Não é a consciência — não é o remorso — não é o medo. É uma coisa inexplicável e imensa, profunda e imensa, que assiste a este espetáculo sem dizer palavra — e espera... És imundo, és a vida. Não te sei definir, não te compreendo. Se te levo até ao último extremo perco o pé... Não sei até aonde vai o meu horrível pensamento. Até aqui tinha limites, agora nem o meu pensamento nem o teu encontram limites. Matar ou deixar de matar é tudo a mesma coisa. E tudo inútil. Agora não! agora não me quero ver nem te quero ver! Estamos no céu e no inferno, D. Idalina e a langonha. Estamos no céu e no inferno, Anacleto, e tu ainda te enroscas na tua inalterável correção. Não te desmanches! Estamos enfim todos no céu e no inferno, e todos à uma percebemos que a vida foi inútil. É com gritos que a D. Leocádia reconhece que o escrúpulo não existe; é com espanto que ela percebe que o bem que fez foi inútil; é com horror que a D. Leocádia compreende que só lhe resta o vácuo. A inteiriça D. Leocádia berra no infinito, depois de se desfazer de todos os sentimentos falsos: — Mas eu cumpri sempre o meu dever! — Há de te servir de muito! — E aqui te encontras diante desta coisa que não foi feita para ti, aqui estás tu atirada de repente para uma ação sem limites, com os cabelos em pé, — tu D. Leocádia e o infinito; tu D. Leocádia que moravas entre quatro paredes a rever salitre, e agora tens de morar no céu e no inferno. O drama é tu, D. Leocádia, não te poderes desfazer da outra D. Leocádia; o drama su-

premo é tu seres ao mesmo tempo, D. Leocádia 29-3.º-D. e D. Leocádia Infinito. — Reduzi-me a isto e reduzi-a a isto! Cheguei ao ponto! cheguei ao ponto! Cheguei ao ponto em que te vejo cara a cara e percebo que tudo é absurdo e inútil! Talvez o meu dever fosse fazer o mal. Atrás de mim, atrás de ti, andavam duas figuras, que, por mais esforços que fizessem, nunca se chegaram a entender! — A tua vida, a minha vida, foi um perpétuo inferno. Tiveste um filho e apegaste-te mais ao teu dever que ao teu filho. Dedicaste-lhe as tuas economias. Por o dever esqueceste interesses e paixões, e na tua alma solitária só coube o exaspero e o dever. Mais nada. E à medida que a vida te inutilizou as ambições e te gastou os sonhos, mais te apegaste a essa palavra, que foi a única razão da tua existência. Também eu! também eu! Fechaste-te com ela no silêncio gélido da vila, onde, nas noites sem fim, se chegava a ouvir o contacto das aranhas devorando-se com volúpia no fundo dos saguões. Todos os dias pesaste o pão que lhe deste, mas deste-lho. E tendo perdido tudo, só o dever te restou no mundo — e a órfã, a quem já não consegues reconhecer as feições. A mesma coisa nos dilacerou a ambos, a mesma coisa dolorosa nos encheu de cólera, à medida que caminhávamos para a velhice e para a morte. E aqui chegaste, aqui cheguei, ambos ridículos e amargos, saindo duma luta desesperada com outra coisa que nunca quisemos ver. Ambos grotescos e de pé, tu e eu, eu e tu, com o teu broche, onde o mesmo sujeito de suíças — lembrança do primeiro matrimónio! — não tira de mim os olhos aguados de peixe. Ambos tendo atravessado numa tábuia o mais trágico de todos os mares, e no fundo a mesma dor, no fundo o mesmo fel, no fundo o mesmo esforço para sustentarmos sobre a cabeça esta abóbada que não existe. O que não queríamos ver era a noite... — Vontade tinha eu de fazer o mal, o que me não atrevia era a fazê-lo. — Oh D. Leocádia, dá um passo, outro passo ainda e mergulhas na beatitude como quem cumpre um destino. — Cessou o debate. — Não fales mais, D. Leocádia. Está tudo dito...

A figura que aí vem mastiga em seco, com uma camada de verde e outra camada de sonho. A figura que aí vem, dum egoísmo concentrado, e a que aderem ainda os mil e um nadas da sua existência anterior de molusco, avança hirta para mim, inteiriça como uma barra de ferro. Ainda cheira a mofo, mas os olhos entranham-se-lhe num vasto panorama inexplorado. Vê para dentro, cada vez mais sôfrega e o seu sonho não tem limites. O mal não tem limites. Tem diante de si mil anos e um dia para essa absorção dolorosa e trágica. Abarca o mundo. Ó D. Leocádia, agora é que tu chegaste ao âmago! É um conflito entre ti e os outros mortos, uma luta num tablado que abrange o universo. Daí o seu prestígio — daí o imenso cenário que se desdobra diante da D. Leocádia absorta nesse panorama sem limites...

Só há no céu e no inferno outro espectro pior. É este ser sem nome, pedra e desespero, noite e desespero, que se imobiliza na inutilidade de todos os esforços.

Todos gritam de desespero no céu e no inferno. Confundem-se mil bocas, as coisas mais altas e as coisas mais reles. Aqui está a vila toda, virada do avesso, os ridículos sem vergonha do ridículo e os infames lambendo a infâmia. Aqui está a ilusão — e aqui está em pelo a D. Possidónia, que ainda conserva na cabeça o chapéu de plumas. Aqui está a ordem e aqui está a desordem, as palavras inúteis e a inútil burundanga, toda a fórmula, todo o calvário da vida para subir até à morte — e aqui nos vemos uns aos outros tal qual somos, admiráveis, obscenos, reles, todos da mesma lama e com as mesmas chagas. — Eras tu, força estúpida e cega, que me enchias de ilusão para poder suportar a vida? Eras tu o interesse, eras tu o amor?... Aqui estão duma banda as fórmulas (e só agora compreendo a sua necessidade), aqui está do outro lado a vida; aqui está o que se chamava a honra, e o que se chamava o dever. Ó amigos, eis aqui todo o nosso grotesco, todas as nossas ambições,

todas as nossas vaidades — e com elas o absurdo e a lógica. E eis aqui o meu drama e o teu drama. Os grandes desmornamentos, a cólera duns e o terror dos outros. Eis aqui o céu e o inferno, o máximo de ilusões e a ausência completa de ilusões. Aqui as vaias, o sarcasmo, os apupos, os grandes insultos e a suprema mixórdia. Desmornou-se tudo, todas as fachadas e todos os artifícios. Gritos, mais gritos, mais sarcasmos e insultos. — Como eu te reconheço! e a ti! e a ti! — E a ti que és a figura silenciosa que há tanto tempo me persegues, calada e triste, e que eras a pior. Tu que curvas a cabeça, sem nunca te pronunciares, tu que sofres quando eu sofro, que te envolves em silêncio quando persisto neste caminho doloroso — como te reconheço! Dá gritos! podes gritar à tua vontade!

Agora estou nu e toda a mentira me é impossível; agora estou nu e todas as palavras são inúteis; agora estou nu diante da imensidade e não posso ao mesmo tempo com o céu e o inferno. Agora é pior, agora tanto faz resistir um dia como um século. Agora é pior: não nos podemos ver. Como dois amigos que se encontram passados muitos anos, perdemos todos os pontos de contacto. Estamos aqui a representar: a verdade é que não nos podemos ver. Eis-nos bichos em frente de bichos.

25 de maio

Eis enfim a vila-sonho, a vila-fantasma. Reparem nas pedras e no que elas exprimem, na alvenaria e castanho assentes com outro destino... Ruas lajeadas, recantos onde nunca entrou o sol. Paredes mestras. Silêncio e humidade até à medula, gestos lentos, hábitos regrados. Uma rua desce até à igreja de cantaria lavrada. Um prédio enorme avança sobre a ruela onde os passos ecoam. Cresce aqui uma vegetação especial de sepulcro, e a sombra absorvida pelas muralhas da Sé exala-se em bafo passado um século. Os alicerces são temerosos, as traves

duma casa davam para a construção dum bairro. E tudo isto se entranhou de salitre, de interesse e de ódio. Em tudo isto há uma mescla de inutilidade, de fé e de sonho. Tudo isto está cimentado para séculos. Cada barroto foi pregado com um destino, cada bloco metido na terra para se lhe erguer em cima não uma parede, mas uma ideia, uma vida, uma alma — tudo isto tem uma camada de bolor e se impregnou de desespero. Até os sepulcros foram construídos para a eternidade. A pedra depois de talhada é uma expressão. Entro na catedral. Silêncio e um cheirinho a floresta apodrecida. As lajes estão gastas dum lado pelos passos dos vivos, do outro pelo contacto dos mortos. Tudo aqui gira em torno da mesma ideia... A pedra esboroa-se, mas eu contemplo-a viva, com um povo de estátuas em cima, com um povo de mortos em baixo. Nos alicerces uma geração, outra geração, todos apodrecendo juntos na mesma terra misturada e revolvida. A parte exterior é maravilhosa, a parte subterrânea é mais maravilhosa ainda. É a única raiz que se conserva intacta.

Aqui não andam só os vivos — andam também os mortos. A vila é povoada pelos que se agitam numa existência transitória e baça, e pelos outros que se impõem como se estivessem vivos. Tudo está ligado e confundido. Sobre as casas há outra edificação, e uma trave ideal que o caruncho rói une todas as construções vulgares. Sob um grito outro grito, sob uma pedra outra pedra. Debalde todos os dias repelimos os mortos — todos os dias os mortos se misturam à nossa vida. E não nos largam.

Eis a vila abjeta, a vila banal onde se praticam todos os dias as mesmas ações e se repetem todos os dias os mesmos gestos... Aqui só há um pensamento fundamental: fugir à morte, protestar contra a morte, que é a mais viva de todas as realidades, que é talvez a única realidade. Protestar, contra as forças desabaladas, pelo sonho, em espírito ou em pedra, que se erga diante do Destino e desafie o Destino. Através da

paciência e da mentira, todo o esforço do homem tende para outro homem, para o homem ideal, para a figura de sonho, que há de ser um dia a criação dos vivos e dos mortos — o sonho realizado — o universo realizado. A vida ideal, a vida artificial, como a do granito, representa a mesma tentativa da mentira contra a verdade e a obstinação sobre-humana dos mortos para suprimirem a morte.

A vida em si é o mais profundo de todos os horrores, é o esforço inconsciente da larva repetindo as mesmas ações instintivas, que o destino nos impõe. Tudo o que nos rodeia é monstruoso; o que nos rodeia de negrume vai desabar sobre nós, reclamando dor, reclamando gritos e sustentando-se de gritos. Separa-nos um fio. Só com a condição de não vermos a realidade é que podemos viver. Para a esconder erguemos a catedral imensa, reconstruímos o universo todos os dias pelo esforço dos vivos e das gerações passadas. E toda esta mentira trágica a levantamos até ao céu a poder de palavras e com a força magnética das palavras.

Não só os sentimentos criam palavras, também as palavras criam sentimentos. As palavras formam uma arquitetura de ferro. São a vida e quase toda a nossa vida — a razão e a essência desta barafunda. É com palavras que construímos o mundo. É com palavras que os mortos se nos impõem. É com palavras, que são apenas sons, que tudo edificamos na vida. Mas agora que os valores mudaram, de que nos servem estas palavras? É preciso criar outras, empregar outras, obscuras, terríveis, em carne viva, que traduzam a cólera, o instinto e o espanto.

Mas se tudo são palavras e de palavras nos sustentamos, o que nos resta afinal? Gritos em frente de gritos, instintos em frente de instintos. Fica a morte à solta e o instinto à solta. Ficam os mortos de pé — a coorte que não queríamos ver, erguida, como o vento ergue a poeira, até aos confins da vida.

A D. Adélia não existe, o que aqui está vem de muito longe. Está aqui a paciência com um xale, a mentira com uma cuia de retrós — estão aqui espetros! O que aqui está, com o infinito em cima e o infinito em baixo, são fantasmas. Todos praticam as mesmas ações banais entre a vida e a morte, mas eu vejo o riso sem boca e ouço o grito de dor, enquanto as máscaras se transformam e a matéria se decompõe. Eu vejo o que há dentro deste ser, que não tem limites, o que há dentro deste ser de real e verdadeiro. Cada um assume proporções temerosas. Caem lá dentro palavras, sentimentos, sonho — é um poço sem fundo, que vai até à raiz da vida. À superfície todos nós nos conhecemos. Depois há outra camada, outra depois. Depois um bafo. Ninguém sabe do que é capaz, ninguém se conhece a si próprio, quanto mais aos outros, e só à superfície ou lá para muito fundo é que nos tocamos todos, como as árvores duma floresta — no céu e no interior da terra. De mais baixo ainda vêm terrores, ânsias, desespero...

Agora o homem existe em toda a sua plenitude. Anda hoje no universo como andou sempre no universo. Para ele não há passado nem futuro porque ele é o passado e o futuro. A vila tomou outras proporções e sente-se noutras mãos. Quem lhe dera ser insignificante e grotesca! quem lhe dera não ver! Para não te aturar, vida sôfrega e doirada, tive de me revestir de casca como as árvores, porque no princípio até elas foram fantasmas. E agora não sou eu quem falo — são eles que falam! O que as figuras representam vem do fundo dos fundos — o que elas têm de transitório e o que elas têm de temeroso, desde o homem que não bole junto das fazendas petrificadas, até à impenetrável D. Úrsula, que remói entre dentes o pavor. O que me parecia gelatinoso é uma força imensa, este hábito ridículo um princípio de sonho. A paciência e a mentira são aspetos da dor, e a busca joga-se entre o pélagos e o pélagos. Os penantes usados, as cerimónias grotescas, passam-se entre fantasmas e fantasmas, num ciclone de desespero e gritos. Cada boca fala por outras bocas,

e a D. Penarícia, coluna de Israel do fel e vinagre, é uma figura tremenda. Todos os dramas têm a mesma assinatura — Shakespeare. As ações vêm dos confins dos séculos e o próprio mal não é um ato individual. O crime é sempre a ação impulsiva ou premeditada dos mortos. Para praticar um crime é preciso revolver camadas de fantasmas. Desperta ecos adormecidos até não sei que profundidades. Põe em debate este mundo e o outro mundo, e daí a fascinação que exerce em todas as almas. A vaza não na jogam só figuras somáticas: de cada ser paciente e sórdido arranca-se outro ser ilimitado. Vejo no escuro as outras figuras atentas sobre o jogo... Estão aqui as velhas amarradas por 500 anos à mesma mesa da bisca. Está a inveja, e a inveja esverdeada torce-se sob o olhar da majestosa Teodora. Está a paciência, e a paciência sorri diante da majestosa Teodora. Está aqui a mesa de jogo projetada no infinito, com seres que se não podem ver, e que hão de coabitar acorrentados por 500 anos. Há ocasiões em que vomitam as piores injúrias; às vezes torcem-se e soltam ais sobre ais represos. — Jogo! — E a bisca segue pela eternidade fora. — Corto! — Também eu atravessei o inferno e tenho saudades do inferno! — E a majestosa Teodora parece calcinada pelo fogo do inferno. É o momento decisivo, quando, de pé, em roda da mesa onde foram insignificantes se veem umas às outras. Pior momento é quando a si próprias se veem, quando se chocam como ferros, e seus olhos adquirem tal percepção que não são só elas que olham, quando ao espanto se junta espanto, e não são só elas que falam, mas muitas outras vozes, e não só as suas figuras gesticulam, mas muitas outras figuras. Um momento, um século, e ei-las até aos confins. Todas as bocas pregam de cada vez mais fundo...

Cada boca se abre no escuro como se fosse o abismo; as bocas falam por muitas bocas que não têm nada de humanas e que moem e removem com escárnio e baba; por bocas franzidas só pele e espuma; por bocas sem dentes; por bocas ascorosas que tentam ser bocas e que escorrem veneno; por bocas que se desesperam de ser bocas, para se fazerem ouvir.

E o candeeiro escorre o mesmo petróleo sobre elas e sobre as figuras invisíveis que arfam de desespero até à raiz da vida...

Nesse instante vemos todos os seres extraordinários que não tinham entrado no mundo; nesse instante toda a vila está de pé, a vila trágica, com os vivos e os mortos e o drama profundo das almas que toca no céu e no inferno. Eis a vila como não torna a aparecer outra na terra, e que dura um minuto e um século. Cada figura escorre dor, não só a dor própria, mas a do túmulo, cada figura é um ser de espanto. Até tu, num relâmpago antes de te curvares sobre a meia que já tem 20 metros de comprido, ó prima Angélica, ó figura tremenda de inépcia, que também achaste sabor à vida e logo te fechaste com ele na escuridão cerrada da idiotia — até tu, pela maneira como apertaste a mandíbula, pelo olhar que se fitou no meu olhar e veio da espessura dos séculos, descobriste não sei que mar nunca de antes navegado, não sei que dor transida e doirada, não sei que mistério que não fala, que não pode falar, mas que está, real e patente, aqui ao lado e na nossa companhia...

Há — sentimo-lo! vemo-lo! — forças que tateiam para lá e aumentam o nosso desespero. É talvez Deus que nos quer falar e que não pode, ou que fala e não o entendemos.

Não são só os grandes fluidos que se entrechocam sobre a vila, há outra coisa que a todos os momentos nos reclama... E é um milagre que toda esta arquitetura — que não existe! que não existe! — se sustente de pé e no vácuo, baseada em palavras e sons, e que joguemos a bisca de três na encruzilhada da vida e da morte. Mais: é um milagre muito maior ainda que consigamos cerrar os ouvidos à força que bate estonteada à nossa volta e que faz esforços desesperados para comunicar connosco. Não tem boca para falar, mas tenta, numa dor muda, fazer-nos compreender algumas noções que transformariam o universo. Às vezes estamos por um fio... — perdemo-nos

logo numa escuridão que tem léguas de distância. Bom é cerarmos os ouvidos. Se chegássemos a entendê-la tudo isto desaparecia no ar...

Chegamos ao ponto! chegamos ao ponto em que não nos distinguimos na floresta apodrecida! A vila é imensa, as figuras são imensas, só dor e sonho — jato que vai de polo a polo e onde não existe nem vida nem morte. Na floresta putrefacta o tempo e o espaço desapareceram: só existem seres estranhos e árvores estranhas. O que nós víamos eram sombras projetadas num muro. Mais um passo e todos saímos doirados deste mergulho no sonho — outro passo ainda e só existe uma força frenética e imensa, desesperada e imensa...

Agora é que ela anda à solta! agora é que ela anda à solta!

A ÁRVORE

15 de setembro

Preciso aqui duma árvore... Uma árvore que dê sombra e ternura — uma velha árvore carcomida. Nunca pude passar sem essa sombra inocente. Meio morto de cansaço e de mentira deito-me ao pé dela e renasço. Todos a aproveitam — para o lume — para traves — para o caixão.

É filha de cavadores e neta de pedreiros: obstina-se e por fim afaz-se.

A dor afeiçoa-a. Aceita tudo: a vida e a morte com a mesma resignação. E depois desta vida aceita ainda outra com o purgatório e o inferno.

Pouco e pouco a ternura torna à supuração. A filha desapareceu. Sabe que a D. Hermengarda, pobre e caquética, para num hospício, e vai lá buscá-la. Caso extraordinário: vê mais naturalmente a desgraça da filha do que a pobreza da D. Hermengarda. É a sua senhora. Limpa-lhe a baba e cata-lhe o piolho; besunta-a de pomada, e nos seus olhos

de cão há uma inexprimível serenidade. A D. Hermengarda ainda tem exigências. Manda e a Joana obedece. Melhor: trabalha para lhe dar de comer. Está afeita. Faz mais: a Joana agora rouba. Ela, que sacrificou a filha, rouba 6 vinténs, 12 vinténs... De dia carrega baús, à noite o quadro é este: a venerável D. Hermengarda numa cadeira de rodas, com um resto de quico na cabeça, e a Joana extática a satisfazer-lhe as impertinências.

Não ouve, creio mesmo que não pensa. Os seus gestos são conduzidos por outras mãos, atrás dela há outras figuras até à raiz da vida, que embalaram berços, choraram sobre a desgraça e tomaram para si o quinhão mais pesado. Até já nem é Joana que fala, mesmo para contar a sua história. Ou só, ou quando encontra alguém, a Joana divaga:

— E vai eu disse-lhe... Fui ter com a filha e vai eu disse-lhe: — Deita-me aí pão quente numa malga com meio quartilho de vinho. — E vai ela disse-me: — Tenho aí pão velho, não enxerto o outro. — E vai eu disse-lhe: — As bagadas que tenho chorado caíam sobre ti.

Não sabe mais que dizer. Aquela fastidiosa perlenga ouviu-a a outras velhas e vem do princípio do mundo: aplica-a para exprimir a sua dor. Se lhe falam dos ladrões finge que não entende. Se insistem, a Joana responde com olhos de pasmo:

— Os ladrões davam-me uma tigela de caldo.

Não soube nada na vida, não foi nada na vida, não percebeu nada da vida. Oh vida denegrada, monótona e sem sabor, de louça para lavar, de carretos para fazer, afundaste-a, esfarrapaste-a, amarfanhaste-a, engrandeceste-a!...

Diante do universo é menos que um caco, é um pobre coração usado pela dor. O último gesto que a Joana faz é o seu primeiro gesto, mas esboçado apenas, como quem segue um fio já muito ténue de sonho que não tem força para levar até ao fim, o de aconchegar uma criança ao peito — gesto que vem de séculos em séculos, desde o início do mundo, repetido pelas

sucessivas imagens de mulheres já desfeitas em pó, repetido no futuro por milhares de seres incriados.

O trabalho da vida é persistente e oculto. Gasta, desgasta, como uma pedra sobre outra pedra. Não é só por fora que criamos rugas: por dentro a usura é imensa. Só a Joana conserva a ternura intacta. O que havia a dizer era como se formou esta alma e eu não sei dizê-lo. Por fora farrapos, por dentro vida. O tojo mais bravo deita mais flor. Um fio de água que reluz prende-me horas e transforma as pedras. A ternura da Joana modifica-lhe a fealdade, pega-se-lhe às mãos e aos trapos que a vestem. O que eu não dou é a expressão, o que eu não dou é a luz. Afundo-a, amolgo-a. E no entanto a figura impõe-se-me pela expressão máxima da dor. A Joana debruça-se sobre uma grandeza com que não posso arcar. Resiste, luta e atreve-se. Aumenta. E também só ela no mundo não se importa de morrer.

Talvez a morte seja para ela a vida.

Esta luzinha viaja há muitos milhares de anos. É como a faúlha duma estrela, perdida na imensidão, que lhe custa a chegar à terra. E caminha sempre, humilde e obstinada, através do infinito — sempre. Por isso ela teimava: — O menino está vivo!... — Por vezes parece que se apaga. Reaparece através da obscuridade espessa acumulada há séculos. Talvez toda a grandeza desta mulher esteja nisto: é que ela é conduzida por uma mão enorme. A sua ternura é instintiva, a sua humildade é instintiva... Pare. Pare a desgraça. Cria. É a velha que tira a côdea à boca para a dar aos netos. É a velha que encontraste há bocado no caminho, de olhos aguados. Cada vez maior; traz este carroto à cabeça desde o princípio do mundo, e ainda o não pôde pousar. Embala os berços. Pega nas crianças ao colo. Desde o princípio do mundo que estas mãos ásperas amparam. Não é uma figura — é uma série de figuras...

16 de setembro

O desabar da chuva lá fora di-lo-íeis não exterior, mas ligado ao teu próprio ser: são lágrimas que tenho ainda para chorar. Da escuridão opaca ressurgem e rodeiam-me os mortos: o montante que rachou a alvenaria e os cavadores que lavraram a mesma terra e curtiram a mesma dor. Este cheiro a pobre, estes traços corroídos pelas lágrimas, estes tipos amolgados pela desgraça, povoam-me a noite toda e dizem bem com o desabar ininterrupto de lágrimas lá fora. Outra coisa exprimem as figuras denegridas que vão aparecendo por trás da figura da Joana...

Some-se a mulher da esfrega, e primeiro vem um velho que mói e remói obstinado uma côdea de pão. O pai de Joana tinha 80 anos quando morreu. Deram com ele caído sobre o lar, levaram-no em braços para a enxerga. Quatro paredes, duas caixas de castanho, e junto ao catre, junto ao peito, a pedra seca, o granito. Uma mulher desata aos gritos debruçada sobre o catre:

— Vossemecê conhece-me? vossemecê conhece-me?

Os olhos não se lhe despegam da arca. Ao fim da vida tem de seu o alvião, a enxada e a manta no fio. A cabeça branca mirrou, a pele é como a crosta que calcamos. Tem não sei quê de raiz, tem não sei quê de tronco, afora os cabelos brancos que o tornam humano. O tempo revestiu-o da mesma cor dos montes. Desabituiu-se de falar, e pela grandeza e pelo silêncio só o comparo à pedra. Tudo isto foi pedra. Ele e os seus, a poder de anos, moeram-na. Sua vida está ligada à vida da terra. Criou-a. À terra só falta comê-lo.

Terra, terra negra e ingrata, terra de detritos de rocha e mortos, poeira de árvores, suor de pobres, terra que tudo gastas e consumes, há muito que o fizeste teu igual. Nem sei distinguir-vos, mãos como pedras, pele como a tua pele.

A terra come e desgasta. A terra apega-se e encarde. Deforma-o. De revolver a terra criou cascão e um olhar profundo. Só o comparo a Cristo, a um Cristo que tivesse vindo até à velhice, de desilusão em desilusão e de desamparo em desamparo.

Na noite negra desfilam outras figuras. Um chega e diz: — O corpo pede-me terra: — A pobre, com um saco de estopa às costas, espera a esmola e reza. Agora este... Este ressequiu como os morros de pedra, como a laje compacta. A pedra pega pedra. As mãos têm terra nas rugas desde que lidaram com terra. Curtiu anos de fome e de terra entranhada na pele, entranhada na alma.

O casebre é de pedra, é de pedra o lar, e arrima-se dum lado ao coração do monte. Por teto uma trave e colmo, por chão terra batida. A casa também entra aqui. Pedras, ternura, aflição, tudo no mundo deita as mesmas raízes. Uma casa não é só alvenaria: é dor e vida e morte. A árvore também aqui entra: a árvore é uma construção viva.

A mãe ficou prenhe. Eram tão pobres que, para o que havia de nascer, só amanharam um paninho, duas camisas e um lenço. Vieram as dores e nasceram dois gémeos. Repartiu as camisas, rasgou o lenço e o pano ao meio, e, no casebre perdido, entre a natureza bruta, a mulher pôs-se a chorar dando um seio a cada um.

Mais outras figuras se destacam ainda da noite. São de terra e pedra, são figuras desumanas. Remoem o pão devagar, e o fumo sobe pela parede e enegrece-a, camada atrás de camada. Aquecem-se ao lar. A pedra é um calhau arrumado à parede, uma lasca negra e ressequida. E agora, noite funda, todos os mortos estão ali presentes e atendem... A pedra tosca do lar, a pedra salitrosa à volta da qual se juntam, é muito mais que um calhau. A pedra é sagrada.

Está ali o montante que acometeu a pedra do monte dura como aço, e dias após dias curvou-se sobre a fraga e meteu-lhe o ferro até à raiz. Está outro que a terra desgastou, imprimindo-lhe relevo e caráter. Cerra-se-lhe a boca, greta-se-lhe a pele. Ele e o monte suportaram a mesma dor, que não sabem exprimir.

A cor é a cor da fome, o frio o da pobreza. Gasta-o e desgasta-o o uso da vida e a terra entranhada.

É o cavador... Tudo que era exterior puiu-o no cavador a terra, na mulher as lágrimas. Ficou só a expressão descarnada, como nos montes, como na própria casa onde as coisas são simples e eternas. Pariu-lhe ali a mulher, entrou-lhe lá dentro a morte. E as palavras reduziram-se também a esqueleto e têm o mesmo emprego sóbrio: nem o cavador nem a fêmea têm que dizer um ao outro. Só o morro consegue deitar um fio de água, que lima alguns palmos de erva. Concentrou-se em muda aflição para produzir essas gotas geladas e um lameiro verde.

O escuro gera uma série infinita de mulheres... Há em todas um momento de ternura antes de a terra se lhes entranhar. Aos 30 anos a fêmea encardida está velha. Está velha de fome. Está velha de trabalho. Ela carrega. Ela levanta-se de noite para cozer a fornada ou para ir à vila. Ela quando tem um dia de folga vai ganhar 6 vinténs de jornal. Ela pesa o pão e reparte-o, ficando com o quinhão mais pequeno. Com isto gasta-se. Nasceu com a pobreza, dormiu com a desgraça, e com os anos uma figura se foi sobrepondo a outra figura. Apagam-se linhas, salientam-se traços, e a mesma cor humilde reveste a mulher e a alvenaria. Ela e a pobreza, ela e o dia de hoje, o dia de ontem e o dia de amanhã; ela e os filhos para criar, os carros para fazer; ela e a vida, todos os dias se vão amalgamando, lutando, empurrando com desespero, até se criar esta figura e se apagar a outra, gasta pelo uso da dor e pelo uso das lágrimas.

Sozinhas lutam, sorriem, amparam. Velhas e exaustas espalham ainda ternura. Curvam-se sobre os berços, vão pedir pelos homens. E sobre isto ignoram-se.

— Mãe — pergunta a filha mais moça — mãe, que coisa é casar?

E ela responde como sua mãe lhe respondera:

— Filha, é fiar, parir e chorar.

A vida é uma coisa séria e por isso emudecem. Guardam para si o bocado mais amargo, a tarefa pior de fazer. Se choram, choram baixinho para que as não ouçam chorar, ali nas quatro paredes de alvenaria, ali onde as trouxeram pela mão, entre as coisas familiares, o forno, o lar, os potes, a enxerga... Na enxerga onde morreu a mãe, nasceram também os filhos.

Há séculos que a mesma série de figuras repete os mesmos gestos. Há séculos que a mesma mulher esfarrapada pare e o mesmo cavador revolve a terra. Há séculos que comem o mesmo pão e a mesma usura os leva até à cova. Há séculos que choram as mesmas lágrimas e o monte deita a mesma água. As mulheres trazem os pequenos ao colo e falam-lhes como lhes falaram a elas. O que se gasta, o que a dor e a vida consomem, é a parte externa: as lágrimas renovam-se sempre. As leiras dão sempre o mesmo pão escasso, no monte não se estanca o fio de água, que, como o fio de ternura, reproduz a vida e remoça sempre quatro palmos de erva. A mulher, esta ou outra, chora debruçada sobre a masseira, pare com dor no mesmo catre, morre com dor na mesma enxerga.

E no fim de todas, apagada e sumida, surge outra, a serva. Do escuro saem gemidos. A casa desapareceu: só correm lágrimas. Sinto uma mão que procura a minha mão, e uma voz que me diz ao ouvido:

— Escuita! escuita!

É a criada que serve o cavador desde pequena, a pobre que só tem de seu a saia que traz vestida, que mistura lágrimas às minhas lágrimas.

— Escuita! escuita!

E aquece-me as mãos com bafo.

E se remexo o braseiro — vejo outras figuras, outros espectros ainda, até ao início da vida. Estão ali o avô, os avós, os jornaleiros. A um, tão entranhado de terra, mal o descortino. E atrás destes, ainda outros, mudos e disformes — outros como terra — outros como árvores decepadas — outros como fome e que mal sabem exprimir-se — outros a quem só se vêm as mãos nodosas — e a série sumida de mulheres, bronco e dor, que a vida consumiu, e que procuram debruçar-se para ouvir... Tão longe! tão longe!... Mal descortino já a luz pequenina e humilde, mal distingo a vida na treva condensada — uma luzinha de candeia, que há séculos vem de mão de mulher em mão de mulher... Tudo volta à cinza. Diante de mim está sozinha a Joana, que me mostra as mãos roídas, as mãos enormes, as mãos só dor...

O mundo é feito de dor — a vida é feita de ternura.

PAPÉIS DO GABIRU

20 de novembro

Chove um dia, outro dia, sempre... Amanhece um dia nublado, outro dia alvorece negro e áspero. O vento abala a pedra sobre que é construído o casebre. O inverno tem a sua voz própria, a sua cor, o seu vestido em farrapos com que agasalha os montes deixando-lhe os ossos de fora. Mas o inverno é sonho. Só agora o compreendo. É sonho concentrado: sob esta casca ressequida está uma primavera intacta. Esta voz clamorosa é a voz dos mortos. Uma pausa, a prostração da tempestade, e depois redobra o clamor... Andam aqui as suas lágrimas... Na sufocação reconheço esta voz que me chama. E depois a tempestade, novos gritos, a escuridão profunda...

Lá andaremos todos não tarda! lá andaremos todos não tarda!

Anoitece e sempre a aparição me persegue... Nunca mais deixei de a ver. A esta hora desesperada do crepúsculo ei-la que reaparece. Está mais pálida e nos seus olhos há uma grande, uma estranha piedade. Dir-se-ia que os seus olhos absorveram

outra vez todas as lágrimas que por mim chorou... Não me acusa... A princípio a dúvida pôs-se a rir dentro de mim com escárnio, e tive vontade de lhe atirar lama e injúrias. Mas o meu riso transformava-se, passava por todos os tons, até se parecer com a respiração sufocada do terror.

Convenci-me a frio de que depois da morte só o nada existe e no entanto à hora melancólica do crepúsculo ela torna de mãos estendidas e os olhos rasos de lágrimas. Desvairado lhe digo: Que queres? Não acredito em ti, nem preciso da tua piedade. É a esta hora incerta, a esta hora aflitiva e cheia de angústia do crepúsculo, em que as criaturas compreendem o mistério e em que tudo tem vozes — é a esta hora desesperada, que ela me aparece sempre a soluçar.

Não me acusa — é pior. Antes me perseguisse com ódio, antes me aparecesse como uma visão vingadora!... Os seus olhos são de piedade, o negro cabelo emoldura a sua clara figura e os seus braços estendem-se para mim... E ouço sempre a mesma voz: «Que frio o outro mundo! Que impossibilidade a do outro mundo! E tenho saudade, saudade de tudo, saudade de te não sentir ao pé de mim. Tenho saudade da vida. Só poder aquecer-me ao lume, só sentir o lume neste inverno sem limites, neste frio de morte — sem outra primavera! O que a vulgaridade sabe bem! O que a matéria sabe bem!

Não vejo. Ceguei.

Disperso-me, e por mais esforços que faça, sinto-me desagregar: perco pouco e pouco a consciência de mim mesma. Sou ainda ternura e pouco mais. Já não tenho lágrimas. Quem me dera a desgraça!

E uma pena da vida! uma saudade da vida! uma tristeza de não poder misturar-me à vida! A vida — e um cantinho do lume, a vida banal, a vida comezinha... Tenho saudades do muro a que costumava queixar-me.

Vive devagarinho. Aquece-te à réstia do sol como quem nunca mais tornará a aquecer-se; perde todas as horas a trespassar-te da vida. Deixa que sobre ti caia o pó de oiro. Vive-a. Tu és a nuvem, tu és a árvore. Enche a consciência de todas estas coisas porque não tardarás a perdê-la. Vive — não tornas a viver. Põe de acordo a tua alma com a pedra, extrai encanto do céu e da miséria. Pudesse eu gritar! pudesse eu ter fome!

Só agora dou pelo sabor das lágrimas.»

21 de novembro

Não existes — és um fantasma e mais nada. Só eu existo no mundo. Mesmo desgraçado me sinto existir como nunca. A tua imagem é uma sombra que me persegue e arredo. Agora sou só e livre — só e desesperado.

Outrora, em certas noites que me recordam, das estrelas a luz fosforescente envolvia o mundo. A noite tinha, é certo, negrumes profundos e espaços tão negros, que neles só morava o vácuo, mas no silêncio a vida das estrelas estava mais perto do meu coração. À impressão que me sufoca diante da eternidade sem limites e da duração da vida astral, misturava-se a ternura de teus olhos, que me faziam ascender do subterrâneo para a luz, que me ensinavam a soletrar o *abc* do céu, que antes de mim, na vida efémera, outros tentaram decifrar, levando-o impresso na alma para o túmulo.

Ilusória irrisão! Tudo isto não existe, ou só existe como agitação e desespero frenético. Tudo isto desaba há milhares de anos numa queda infinita, num grito que nunca cessa nem ecoa. Morta — e as mesmas estrelas indiferentes luzem no céu, o mesmo ímpeto de vida galopa no espaço. Só os teus olhos não procuram os meus cheios de sofreguidão e espanto... Arredo a tua figura, a figura pálida que teima em me acompanhar

sem palavra, a figura transida e pálida de que desvio o olhar. Encontrei-te talvez noutra luz, noutra vida, noutro mundo talvez, e os teus olhos tristes enchem-me de inquietação e terror. Tu não existes! tu não existes! Escusas de soluçar. Não te tolero. Não sei quem és e conheço-te. Tens vivido na minha companhia, e és uma forma transitória e mais nada, um sorriso de ternura e mais nada.

Agora não contendo a multidão que constitui a minha alma. Nunca estou só e ouço-os que clamam cada vez mais alto. Sinto fantasmas até à raiz da vida. Minha alma é um tablado onde todos os mortos se digladiam. Ouço-os! ouço-os! são impulsos, são seres que atuam e falam como se eu não existisse. Nesses momentos sou apenas um espectador que os vejo a caminho sem me poder defender. Ouço-os! ouço-os!

Ser só e livre e encontrar-me — ainda que desgraçado — que alegria frenética! Agora é que tu mandas em mim, agora é que tu te impões — ser extraordinário e solitário que te obstinaste, que pouco e pouco te impuseste e afinal venceste! Sim, há em te obedecer uma alegria estranha, em calcar a vida uma alegria que se não parece com nenhuma outra, dolorosa e imensa, vital e imensa. Tu, reconheço-o, é que és o meu verdadeiro ser, e a tua voz a minha verdadeira voz. Não importa que para trás se ouçam gemidos — todos os fantasmas se dissolvem à luz da madrugada.

25 de novembro¹

Não me compreendo nem compreendo os outros. Tudo me parece inútil, e agarro-me com desespero a um fio de vida, como um náufrago a um pedaço de tábua.

1 Respeita-se a data da última versão revista pelo autor.

Nem sei o que é a vida. Chamo vida ao espanto. Chamo vida a esta saudade, a esta dor; chamo vida e morte a este cataclismo. É a imensidade e um nada que me absorve; é uma queda imensa e infinita, onde disponho dum único momento.

Talvez o mundo não exista, talvez tudo no mundo sejam expressões da minha própria alma. Faço parte duma coisa dolorosa, que totalmente desconheço, e que tem nervos ligados aos meus nervos, dor ligada à minha dor, consciência ligada à minha consciência.

Estou até convencido que nenhum destes seres existe. Este fel é o meu fel, este sonho grotesco o meu sonho. Estou convencido que tudo isto são apenas expressões de dor — e mais nada.

Nós não vemos a vida — vemos um instante da vida. Atrás de nós a vida é infinita, adiante de nós a vida é infinita. A primavera está aqui, mas atrás deste ramo em flor houve camadas de primaveras de oiro, imensas primaveras extasiadas, e flores desmedidas por trás desta flor minúscula. O tempo não existe. O que eu chamo a vida é um elo, e o que aí vem um tropel, um sonho desmedido que há de realizar-se. E nenhum grito é inútil, para que o sonho vivo ande pelo seu pé. A alma que vai desesperada à procura de Deus, que erra no universo, ensanguentada e dorida, a cada grito se aproxima de Deus. Lá vamos todos a Deus, os vivos e os mortos.

O mundo é um grito. Onde encontrar a harmonia e a calma neste turbilhão infinito e perpétuo, neste movimento atroz? O mundo é um sonho sem um segundo de paz. A dor gera dor num desespero sem limites.

Eu não sou nada. Sou um minuto e a eternidade. Sou os mortos. Não me desligo disto — nem do crime, nem da pedra, nem da voragem. Sou o espanto aos gritos.

Cada vez fujo mais de olhar para dentro de mim mesmo. Sinto-me nas mãos duma coisa desconforme. Sinto-me nas mãos duma coisa embravecida pela eternidade das eternidades. Sinto-me nas mãos duma coisa imensa e cega — duma tempestade viva.

Toda a vida está por explorar: só conhecemos da vida uma pequena parte — a mais insignificante. E o erro provém de que reduzimos a vida espiritual ao mínimo, e a vida material ao máximo. O homem é um S. F. ligado a todo o universo.

Deus é eterno com a máscara sempre renovada. A alma há de acabar por se exprimir, Deus, que olha pelos nossos olhos e fala pela nossa boca, há de acabar por falar claro.

23 de novembro²

Há dias em que me sinto envolvido pela morte e nas mãos da morte. Há dias em que não distingo a vida da morte, e agarro-me como um náufrago a este sonho...

... Cheguei ao ponto, Morte. Cheguei onde queria. Tu és o meu sonho frenético. Não há outro maior. Cheguei ao ponto em que te não distingo da vida. Tu és a vida maior. Por vezes vejo o grande mar, onde a lua deixa o seu rasto, caminhar direito a mim. Vagueia a floresta adormecida e avança desenraizada para mim... Cheguei ao ponto, Morte, em que não me metes medo. Aceito-te. De ti me vem vida. Absorve-me. Só tu agora me prendes os olhos e de ti não posso arrancá-los. És o único mistério que me interessa. Confio em ti. Cheguei ao ponto, Morte, eu que só de ti espero. Só tu resolves e explicas. Só tu acalmas. Aceito-te mas intimo-te. Toma a forma que quiseses, mais negra, mais trágica, mais torpe — bem funda é a noite e está cheia de luzeiros: — recebo-te, mas como um passo

2 Respeita-se a data da última versão revista pelo autor.

a mais para outra iniciação, para outro assombro, e até para outra dor se quiseres, porque da dor extraio mais beleza, mais vida e mais sonho.

... E contudo esta resignação é fictícia... Não, nunca acordei sem espanto nem me deitei sem terror. Ainda bem que o digo!

Siga a vida seu curso esplêndido. Sabe a sonho e a ferro. É ternura, desgraça e desespero. Leva-nos, arrasta-nos, impele-nos, enche-nos de ilusão, dispersa-nos pelos quatro cantos do globo. Amolga-nos. Levanta-nos. Aturde-nos. Ampara-nos. Encharca-nos no mesmo turbilhão do lodo. Mata-nos. Mas, um momento só que seja, obriga-nos a olhar para o alto, e até ao fim ficamos com os olhos estonteados. Eu creio em Deus.

TERCEIRA NOITE DE LUAR

25 de dezembro¹

Há no mundo uma falha. Os poentes são labaredas roxas com resquícios de escarlate e dois, três grandes jatos violetas que se estendem pelo céu — uma maravilha quimérica. A outra primavera prolonga-se: superabundância de flores nas árvores, espiritualidade na matéria, como se as árvores antes de morrer se esgotassem em sonho. Mais flores, mais poentes onde o oiro e o roxo predominam, mais gritos no mundo, mais vulcões de cores, que pressagiam catástrofes, e um ruído apagado, esquisito, insuportável dentro de nós próprios, que comparo ao som dum borboleta esvoaçando contra as paredes dum vaso.

É a morte que faz falta à vida.

Paira sobre o mundo uma alma monstruosa, um fluido magnético, onde se misturam todas as cóleras, todos os interesses e todas as paixões, e essa alma envolve, penetra e reclama dor. Formam-se tempestades e terrores elétricos. Anda ávida,

1 Respeita-se a data da última versão revista pelo autor.

desencadeia catástrofes, desaba desgrenhada, com uivos noturnos de desespero. Cala-se — é pior: ninguém lhe suporta o peso. Produz jatos de oiro, auroras boreais, grandes incêndios no céu, como se o globo ardesse. Despenha-se em montanhas de cor, em abismos roxos, paira em campos etéreos duma serenidade elísia. São talvez os mortos que reclamam mortos. É talvez a vida universal perturbada. São outras gerações esquecidas, camadas informes de que ninguém suspeita o nome, legiões sobre legiões incógnitas — é a vida embrionária que reclama a sua entrada na vida.

E, no fundo, sob este subterrâneo, há outro subterrâneo: ouço passos e vozes de mais outros ainda que sobem para a superfície. Todos os mortos se misturam aos vivos. Arrombaram de vez os sepulcros. Tu que não viveste queres agora por força viver; tu que não mataste queres agora por força matar. Mais mortos desde o início — maior mixórdia. Todo o esforço era para virem à supuração. Atrás duma camada havia outra camada. Há séculos que carregamos nas tampas dos sepulcros para os não deixarmos sair. Na realidade nunca se jogou o gamão, nem se disseram palavras vulgares. Atrás dessa aparência estava intacta uma coisa desconforme, e às vezes por uma fresta irrompia a claridade do inferno... Agora a terra desfaz-se em mortos, como uma acha se desfaz em fumo.

O que era vida irreal, é agora realidade, o que era vergonha, ninharia e ridículo é a vida agora. O que toma pé são os sonhos, o que se agita são as paixões desregradas. Não há limites nem peias. Veem-nos como eu te vejo a ti. Tenho diante de mim este espetáculo, como se fosse possível aos homens desdobrarem-se, e tomarem corpo ideias e paixões. Eles são aquilo que ocultamente desejavam ser, são o que não se atreviam a ser. Sob um mundo de verdade há outro mundo de verdade. É esse mundo invisível e profundo que passa a ser o mundo visível. É esse. Todo o homem é uma série de fantasmas e passa

a vida a arredá-los. Chegou a vez dos fantasmas. As nossas ideias e paixões é que formam as figuras que atuam na vida.

Terceira noite de luar. O perfume estonteia. Terceira noite de luar branco, indiferente, coalhado, terceira noite de espanto. Redemoinhos de figuras e de ação até aos confins dos séculos. Outrora, numa vida monótona e incerta, só se realizavam duas ou três horas de exaltação. A vida agora é uma exaltação perpétua.

Tudo mudou: a árvore não existe como a pedra não existe. O único mundo real é o mundo irreal. Todos nós andamos a criar um mundo que é o único verdadeiro — os vivos e os mortos. Todos trabalhamos com o mesmo afã para o mesmo fim. Já a matéria se adelgava... O mundo ideal é o mundo da dor, do sonho, e o universo reconstruído é o maior dos dramas — com a vida oculta ao lado — e cada dia tem o peso dum século.

As crianças e os pássaros emudeceram, o que produz na terra um silêncio atroz. Os olhos encheram-se-lhes duma tristeza irrefletida, inocência e extrato de vida, sentimentos que se não coadunam. Tenho vontade de fugir para onde não ouça o silêncio... Avança direita a mim a floresta apodrecida. Mais perto! mais perto!

Ri-te agora, se podes, da D. Leocádia, que rumina como lady Macbeth as piores ruínas. Esta vida é feita de todos os nossos esforços e dos esforços do fundo. Somos apenas um reflexo dos mortos, e agora que tu queres falar com a tua voz é que as ordens são mais categóricas e o conflito monstruoso. Terceira noite de luar, branco, estranho, inefável. Toda a noite o rouxinol cantou. Duas, três horas, e canta ainda apaixonado e frenético... Debalde quero libertar-me dos fantasmas, debalde quero viver da minha própria vida!...

É que a vida não és tu nem eu, a vida é uma massa confusa e heterogénea, um pesadelo, uma nuvem negra ou

uma nuvem de oiro, uma tempestade elétrica, com bocas abertas para risos e bocas abertas para gritos. Não é um detalhe — é um panorama. É um imenso farrapo dorido. Anda aqui a alma de Joana e a secura das velhas mesquinhas. É tão necessária a este fluido a dor muda do cavador como o sonho desconexo do Gábiru. Anda aqui a primavera, as lágrimas que tenho chorado e as que tenho ainda para chorar. Anda aqui a tragédia, a pedra, a árvore, a tua inocência e a minha desventura. Tudo isto se congrega, e esta alma não vive sem a tua alma, este grotesco sem o teu génio, esta vida sem a tua morte. Andam aqui os mortos e os vivos, a árvore que há de ser árvore e o tronco que se desfez em luz. É um ser imenso a que não vejo senão partes. Anda aqui a luz e a sombra, e a luz não se distingue da sombra nem a vida da morte. A vida está tão feita adiante de nós como atrás de nós. Está tão feita no passado como no futuro. Se o futuro ainda não existe, o passado já não existe. E tudo isto se congrega. A vida absorve-me e ponho-a em ação. Impregna-me e faço-a caminhar. Pertence-me e pertença-lhe. É o passado e o futuro — Jesus Cristo vivo, Jesus Cristo morto, e Jesus Cristo ressuscitado.

26 de novembro

Está tudo errado. Só há um momento em que o compreendemos. Mas nesse momento já não podemos voltar para trás. É quando, fazendo ainda parte dos vivos, fazemos já parte dos mortos.

Não só a sensibilidade é universal — a inteligência é exterior e universal.

O universo é uma vibração. A vida é uma vibração da vibração.

A matéria também existe em estado de nebulosa — isto é, em estado de dor.

Toda a teoria mecânica do universo é absurda. Daqui a alguns anos todos os sistemas serão ridículos — até o sistema planetário.

O sonho completo é o universo realizado.

Estamos à superfície desse oceano embravecido, e o impulso vem das camadas mais profundas, das camadas informes. São todos. São até os que nunca tiveram olhos para ver, os seres esboçados, com mãos rudimentares, aparências de árvores e de figuras mutiladas. É a terra viva.

É só sonho, é sonho estreme e dor estreme. Cada um assiste à projeção da sua própria figura monstruosa no passado e no futuro, cada figura tem enfim as dimensões de dor, que as palavras, as regras e os hábitos lhe não deixavam ter. Cada alma é desmedida e trágica e vem desde os confins da vida até ao infinito da vida. Cada um na floresta entontecida representa o máximo de sonho e o máximo de ternura. Cada ser é enfim um ser completo e doirado, atinge a beleza e Deus.

As florestas já mortas, a luz das estrelas desaparecidas no caos — tudo aqui está presente. O esforço dos mortos, o sonho dos mortos, o desespero dos mortos sobre mortos, o reflexo de ternura, a mão que amparou, a boca que sorriu, levadas pelo vento que soprou há 10 mil anos, aqui estão vivos. Aqui está vivo o sonho que sonhamos todos, o primitivo sonho humilde e o sonho repercutido de século em século, assim como a tua voz compadecida. O sonho sepultado nas profundidades da terra, o primeiro resquício, o nada e o sonho frenético, tudo aqui está na floresta embravecida. E, com ou sem boca, com ou sem consciência, nunca mais deixarei de andar nisto, disperso, amalgamado, confundido, de fazer parte deste drama, queira ou não queira, proteste ou não proteste. Tudo é inútil,

todo o esforço inútil, todas as palavras inúteis. Reconheço-o. Mas não me canso de pregar, não posso deixar de pregar, até cair vencido e exausto, dominado e deslumbrado. Na floresta embravecida, em que todos participam do mesmo ser, até a mulher da esfrega encontra enfim Jesus:

— Será vossemecê o José do Telhado que o tira aos ricos para o dar aos pobres?

— Sou um pobre de pedir.

— Será vossemecê Nosso Senhor Jesus Cristo que veio ao mundo para nos salvar?

30 de novembro

Chega o momento em que me perco, em que tenho medo de mim mesmo, em que me atemoriza o som da minha própria voz. Quem sou eu? Os outros? Sou os outros? São eles que falam, que ordenam, que me impelem? Eu sou os mortos! eu sou os mortos! Eu sou uma série de fantasmas, que se açulam entre mim e mim. Reconheço-os. O gesto esboçado há milhares de anos, e perdido, consumido, consegue hoje realizar-se, o grito que a morte calou numa boca ignorada, faz eco no mundo. Todos os sonhos são realidades, os mais altos, os mais humildes, os mais belos e os mais grotescos. Só os sonhos são realidade nesta noite quieta e caiada, com uma mancha vermelha de polo a polo.

Aqui está agora isto a que se chama noite de luar, branca, inerte, passiva, com a lua espargindo luz sobre o doirado. Aqui está a árvore, e era a isto que se chamava a árvore! Aqui está a pedra e era a isto que se chamava a pedra! Aqui está o céu e era a isto que se chamava o céu! Reconheço-vos.

A morte encontra-se só — cortaram a árvore pelo meio. Anda pelo céu como um cometa que desatasse aos tombos e aos

gritos — de desvario em desvario. A cada grito empalidece, esbraseia, muda de cor, abre a cauda de oiro, de trambolhão em trambolhão...

A morte faz estremecer o mundo até à raiz. A morte já não tem a mesma significação. A morte é agora inútil e anda à solta no infinito, desgrenhada, dorida e doirada. Desespera-se. Tenho medo de lhe tocar. O drama que se passa em cima é maior que o que se passa em baixo. É pior este tumulto de inferno, este clamor de que me não chegam as vozes, esta força incoerente de pé — todas as forças de pé — posta a caminho para o desconhecido. É pior. E a cada grito em baixo corresponde um grito em cima.

Reconheço o grito que sai da noite. São os vivos e os mortos... Mas então que significação tem isto no universo, a dizer palavras inúteis no meio desta balbúrdia, desta escuridão cerrada, deste doirado feroz, deste redemoinho sem nome? Para que é que eu existo e tu existes? Para que é que eu grito e tu gritas? Isto não és tu! isto sou eu! Isto é a vida temerosa, de que não representas senão uma insignificante partícula. Tu não és nada, a vida é tudo. O combate é incessante entre os vivos e os mortos, entre os mortos e os vivos. Todos gritam ao mesmo tempo, todos caminham ao mesmo tempo para o mesmo fim esplêndido. — Oh eu quero crer! — Porque é que gritas? — Fecha os olhos! fecha os olhos! — Agora sou eu quem falo! Agora são eles que falam!...

Oh minha alma, pois eras tu! Agora te reconheço! Capaz de tudo, capaz de baixeiras e capaz de sacrifícios. Tão pequena! tão transida! Não vales nada e pudeste tanto! Oh minha alma, pois eras tu, eras tu! Pudeste arcar com o universo, olhar Deus, construir Deus. Devo-te tudo: a ilusão, a tinta do céu, o sonho errático das vastas florestas. Eras tu! eras tu!... Tem-me custado a dar contigo, tão mesquinha e capaz de povoaes o céu de estrelas e o mundo de sonho. Atraveste-te a tudo. Afirmaste.

Negaste. Eras tu, sempre dorida, sempre ansiosa, nunca satisfeita, e coubeste dentro de quatro paredes. Tornaste-me a vida amarga. Encheste-me de ridículo. Atiraste-me aos encontrões contra a massa cega e compacta, levaste-me como restos de folhas nesta procela de sonho. Foste a melhor e a pior parte do meu ser.

Eras tu! E pude com esta enxurrada de cores, de tintas, de impulsos, a instigar-me e a deslumbrar-me! E pude ao mesmo tempo com a dor! Fiz parte da dor. A desgraça viveu comigo e o sonho viveu comigo. E pude com a vida! Atravessei este mar monstruoso, servindo-me de meia dúzia de palavras. Que importa ser ridículo? Que importa ser a D. Idalina ou a D. Engrácia? Suportei a vida — suportei tudo. Que importa a tua mentira, se atravessaste a labareda e ainda conservas o xale tisonado?

Para onde vamos aos gritos? para onde vamos aos gritos?

E a cada grito em baixo corresponde um grito em cima, a cada grito um estremeção no mundo, que se repercute de universo em universo. Um grito que acorda mais sonho e gera novo desespero.

Outro grito, outro mundo doirado, outra forma dorida que se deita a caminho.

O peso da vida e o peso dos mortos sente-se cada vez mais. Todos clamam ao mesmo tempo de pé para essa coisa imensa e doirada, num deslumbramento. Os mortos que nos pareciam mortos, camada sobre camada, estão aqui de pé ao nosso lado.

E o peso é cada vez maior. Até agora vivíamos com eles, respirávamos com eles, mas não sentíamos o peso dessa poeira viva que é a sombra e a luz. Agora não podemos com eles...

E o lamento, o uivo sobe cada vez mais alto. Debalde tapamos os ouvidos: o uivo penetra nas almas. E a um grito em baixo corresponde logo um grito em cima. E as mulheres das vielas põem-se a chorar, os ladrões das estradas desatam a chorar...

O uivo não cessa. Irrita. Enche o mundo todo. Quem grita? Nós próprios? O homem que range por não poder suportar a vida? O grito domina tudo, trespassa o globo e ecoa no mundo.

E outra coisa monstruosa tomou o lugar da morte, outra sombra se entranhou de salto na vida, outro turbilhão arrasta os homens. Modificaram-se as estrelas com os sentimentos. A outra coisa no infinito reflete-se na vida dos astros que mudam de cor, na dor que tomba desgrenhada de queda em queda. Todo o mundo se transforma a nossos olhos. Cada ser aumenta como se encerrasse em si a vida até aos confins dos séculos. O passado não existe, o futuro redobra de proporções. Perdeu-se a noção da desgraça e a noção do tempo, e a nódoa de sangue da Via Láctea, onde se concentra toda a sensibilidade do mundo, alastra entre os astros, de lés a lés, na profundidade do céu.

Ouves o grito? ouve-lo mais alto, sempre mais alto e cada vez mais fundo?... — É preciso matar segunda vez os mortos.

Índice

- 7 Nota prévia
- 11 Introdução
- 31 Nota biobibliográfica

Húmus

- 53 A vila
- 67 O sonho
- 83 A vila e o sonho
- 99 Papéis do Gabiru
- 103 Atrás do muro
- 111 O sonho em marcha
- 125 Fevereiro
- 131 A mulher da esfrega
- 143 Papéis do Gabiru
- 147 Outra vila
- 155 Deus
- 163 O dever
- 171 A velha e os ladrões
- 179 Papéis do Gabiru
- 185 Primavera eterna
- 205 Deus
- 211 Céu e Inferno
- 223 A árvore
- 231 Papéis do Gabiru
- 239 Terceira noite de luar

Carlos Reis

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO

A Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa propõe-se disponibilizar a um público vasto e diversificado um conjunto alargado de títulos que, pela sua importância, podem ser considerados o cânone da literatura portuguesa.

JÁ PUBLICADOS:

- Camilo Pessanha, *Clepsidra*
- Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*
- Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*
- Marquesa de Alorna, *Obras Poéticas*
- Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*
- Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*
- Almeida Garrett, *Camões*
- Camilo Castelo Branco, *Vinte Horas de Liteira*
- Rebelo da Silva, *A Mocidade de D. João V*

Design

**Henrique Cayatte
com Susana Cruz**

Fontes tipográficas

Títulos

Acta | Dino dos Santos | 2010 © DSType

Neutraface | Richard Neutra / Christina Schwartz | 2007 © House Industries

Texto

Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel

Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Raul Brandão
HÚMUS

Húmus (1917), a obra-prima de Raul Brandão, veio pôr em causa, de modo irreversível, a estrutura do romance tradicional, antecipando as experiências mais radicais efetuadas no âmbito da narrativa contemporânea, inclusive as mais recentes. Publicado há mais de um século, *Húmus* tornou-se uma obra clássica, pela força imaginativa do seu autor e pela permanente atualidade temática.

Da «Introdução».

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ISBN 978-972-27-1993-3



9 789722 719933

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, SEM FERRITIMOS COMERCIALIZAÇÃO